

BIBLIOTHECA

DOS

POETAS CLASSICOS

DA

LINGUA PORTUGUEZA

VI

BIBLIOTHECA

DOS

POETAS CLASSICOS

DA

LINGUA PORTUGUEZA

T. VI



RIO DE JANEIRO

EDUARDO E HENRIQUE LAEMMERT

MERCADORES DE LIVROS

1846

EXCAVAÇÕES POETICAS

POR

ANTONIO FELICIANO DE CASTILHO

Cavalleiro da antiga e muito nobre Ordem da Torre e Espada, do Valor, Lealdade e Merito: Bacharel Formado em Direito pela Universidade de Coimbra; na Arcadia de Roma Memnide Eginense; Membro do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, da Academia Real das Sciencias de Lisboa, do Conservatorio Real e da Academia das Bellas-Artes da mesma cidade, do Instituto Historico de Pariz, da Academia Real das Sciencias e Bellas-Lettras de Roão, da Sociedade de Leitura de Gibraltar, da das Sciencias e Artes dos Ardentes de Viterbo, da Sociedade Litteraria do Porto, da Sociedade Escholastico-Philomatica de Lisboa, e de outras Corporações Litterarias.


RIO DE JANEIRO

EDUARDO E HENRIQUE LAEMMERT

RUA DA QUITANDA N. 77

1846



PROLOGO.

Darei rasão do que seja e do porque sahe a lume a presente obra. O titulo, que leva, já terá dado a entender — que não passa de um museo de fragmentos desconnexos; e isso é; — não aspira, nem póde aspirar a mais. São fragmentos do meu passado, que para mim mesmo jaziam como que perdidos: sobre elles pesava um grande montão de ruinas; e sobre as ruinas já o tempo, que as fizera, tinha, como é seu costume, semeado e edifi-

cado novas cousas: — é essa a historia de todas as existencias. D'entre os affectos e idéas do meu preterito ser, a maior parte se hão resolvido n'aquelle confuso e mentiroso nevoeiro, que faz noite no profundo de todas as almas, e a que chamam — saudade —; refugio para onde o coração se nos some a suspirar, quando crueldades do presente o maltrataram. Outros affectos e idéas porém tinham-se corporalisado, porque se tinham escripto; e como taes permaneciam sem vida, sim, sem as suas primitivas relações, mas tão claros e distinctos, que a mim, pelo menos, que revendo-os podia recompôr os dias a que pertenceram e tornar fantasticamente a vivel-os se me approuvesse, me interessava muito. Todas estas paginas dispersas e cujas mais proximas distam ás vezes entre si mui-

tos dias e muitos mezes, estão-me sendo n'esta hora, em que as acabo de percorrer, e ordenar como quer que seja, o mesmo que, para o viajante, o herbario, onde cada florinha e cada folha sêcca, que pouco dirá aos outros, lhe diz a elle a odysséa completa das suas perigrinações.

No pôr ao de cima da terra, e aos olhos de todos estes fragmentos, que nem já em grande parte poderão harmonisar nem acertar-se com os meus affectos, idéas e interesses de hoje, não foi vanglória a que me obrigou; melhor do que ninguem conheço eu o pouquissimo que isto val: não foi tambem só desejo de obedecer a súpplicas de pessoas, que, de véras, me amam, e que se diziam despojadas por minha mão, se eu deixasse perecer estas reliquias: — foi principalmente

o gôsto de legar a meus filhos o mais que eu podesse de mim mesmo. Sei eu que algum dia, lá para o diante, quando já comigo não poderem conversar — triste mas deleitoso lhes hade ser o enterterem-se ainda com o meu espirito, — evocarem com a magía dos meus versos, irresistivel quando por elles recitados, o ser de quem o seu se derivou, e que muitas vezes pelo amor d'elles e pela sua saudade nos sonhos e nas meditações lhes hade apparecer. Por este meio, eu não só resurgirei nos seus animos — apparição sempre de bom conselho para filhos em qualquer lance, — senão que por estes vestigios, que deixo impressos da minha passagem, poderão ir ainda accompanhar-me em alguma das penas, em alguns dos prazeres dos meus dias de mocidade.

Mais valiosos presentes de instrucção, colhida na experiencia, lhes destino eu para regalo; mas, entre as ligeirezas d'estas mesmas bagatellas, aprenderão — que a religião e culto da poesia nos infunde alguns sentimentos rectos e generosos; nos desafoga nos males, que não podemos curar; nos povôa a solidão; e nos converte o ócio em occupações, vantajosas para nós, e não talvez inuteis para os outros; porque n'isto é a poesia, como aquelle imperador romano, que da pestilente lagôa pontina fez campos de saude e de abundancia,

. . . . . sterilis. . . . . diu palus aptaque remis
Vicinas urbes alit, et grave sentit aratrum.

Para documento pois do que a poesia póde contribuir, como auxiliar

para a felicidade da vida, é que eu agora concerto e offereço este livro, e não como exemplar de litteratura, que nem o é, nem o poderia ser: já porque todos estes quasi fragmentos, versejados, como em outra parte expliquei, em tempos sem esperança e no recôncavo de um êrmo silvestre, nunca presumiram que houvessem de ver a luz, já principalmente porque bem sei eu que a poesia portugueza, como a do restante da Europa, e a nossa mesma linguagem, se andam, ha annos, revolvendo para um futuro que ainda se não enxerga bem distincto; e que tudo o que nós fazemos n'este genero, mórmente os que ainda, como eu, retiveram (máo grado seu) alguma cousa, e muito, de certos habitos tradicionaes e viciosos em litteratura, teem e temos de ficar esque-

cidos diante da brilhante escola, que já por ventura vem raiando. Terra da promissão, em que temos fé, para onde caminhamos, guiados, ora por nuvem, ora por columna de luz, mas onde a nós outros nos não será dado penetrar.

Possam aquelles, para quem já disse que ordeno este e todos os meus outros opusculos, figurar lá um dia com a gloria, que eu não cheguei a conseguir: — o que estas paginas me não houverem grangeado, possam elles, forcejando por me exceder e obtendo-o sem custo, concilial-o aos seus nomes, que serão ainda o mesmo gravado sobre a minha pedra. E perdoeme o publico se, em vez de para elle me voltar, como é costume e razão em quem escreve um prologo, me esqueci a conversar do limiar para o

recanto domestico, com quem só d'aqui a algũns annos chegará a entender o qũe lhe hoje digo: — que m'o perdoem; foi uma astucia innocente; não me sei arrepender: — quiz impôr de antemão, a quem sobretudo me incumbia, obrigações de honroso brio no trabalho e no estudo: e para as corroborar, inspirou-me o coração, que as dictasse diante de não menor testemunha, que todo o povo da nossa terra.

EXCAVAÇÕES POETICAS

EPISTOLA

A FRANCISCO DE PAULA CARDOSO DE ALMEIDA

MORGADO DE ASSENTIZ.

S. Mamede da Castanheira do Vouga,
20 de Dezembro de 1830.

D'este seculo o estame vai fiado
Das furias pela mão na stygia noite,
Magnanimo *Assentiz*: medra no fuso,
Farto de sangue, de peçonha e léthes.
Era fado, cumpriu-se; expiaremos
No opprobrio e dôr, os seculos avitos,
Gloria, saber, virtudes, opulencia.
¡A antiga Lusitania, a flôr das terras,
Cara filha do sol, dos mares deusa,
Gahiu emfim, baldão dos mais, e infamia
Dos proprios filhos! Retumbou no Tejo
Inteira a maldição troada ao Nilo,
E os espantos do Egypto em Lysia pesam.
Nossas aguas vão sangue: amanheceram

Sem vida os primogenitos: searas,
Palmas, louros, cobriram-se de enxames,
Que os devoram zunindo; e o Ceo mudado,
Para ultimar o horror, nos-chove as trévas.
¿ Que ha-de fazer um coração sensivel?
Desertor do presente ¿onde albergar-se?
¿ Irá, da alva esperança conduzido,
Ás portas do porvir, buscar o alivio?
Não: quando a boa-fé regia os homens,
Véo transparente e leve as-cortinava.
Vinham fóra os reflexos luminosos
Da já proxima scena á mente alegre.
Hoje o egoismo as-trancou e as-guarda á vista,
Monstro que, detestando a propria essencia,
De politica o manto e o nome arroga.
A esp'rança, ultimo bem dos infelizes,
Essa mesma expirou. Nós, máos e infames,
Affronta dos avós, produziremos
Raça peior, mais vil que nos-affronte.
¿ Que faremos, amigo? o chão da vida
Jaz tisnado do raio, nem tem fructos,
Nem flôr promette. Aos campos do passado
Convem volver o espirito saudoso,
E, eguaes á turba vã de Elysios manes,
Semiviver de imagens vãs da vida.
Já lá vão, na torrente das edades,
Os dias de união, de paz, de risos,
De abundancia e de amor; lá correm mudos,

Mas tão perto ainda vão, que inda nos-sôa
O echo final do seu folgar festivo.
Tu, que inda viste o rosto da ventura,
E em suas róseas mãos bebeste o nectar
Na taça de ouro que abysmou fugindo; —
Tu, que a pleno gosaste, ornando a pleno
Esse côro de genios de Ulysséa,
Livres, jocosos, flóridos, fecundos,
Que os lembrados salões em vão suspiram; —
Tu na vasta memoria enthesouraste
D'esses brilhantes circulos os fastos,
A cortezã facecia, os saes picantes,
A resposta subtil, a argucia prompta.....
Flôres gentis de tempos descançados:
Tão naturaes, tão frescas as-conservas
Co' o verniz d'esse espirito brilhante
Como as que em primavera estudiosa
Apanha aqui e alli, prepara, ordena
Dentro em museo sagaz naturalista.
Segue-lhe o exemplo, amigo: elle, não pago
De as-mostrar quaes lh'as-deu a natureza,
As-descreve em seo livro, as-faz eternas.
Não basta que no ouvido attento e alegre
Do circulo, que emtorno se-te-aperta,
Vertas a flux os engenhosos risos:
Não basta no recinto de uma salla
Contrahir os serões do tardo inverno.
Tira da pasta ociosa a penna de ouro

Com que o genio fecundo te-brindára,
E que o bom-gosto te-aparou surrindo:
Eternisa escrevendo os memorandos
Ditos e acções dos cidadãos do Pindo,
Socios teus no folgar, teus socios no estro;
Venham nos postos de honra o *Tolentino*,
Pae da quintilha chula, e chiste ameno:
Os teus *Bersanes*, de amorosa lyra,
Sérios no rosto, no dizer jocosos;
O poeta Diogenes, o *Lobo*,
Sem capa, bolsa, ou lar, mordendo em todos.
Os *Malhões*, mais poeticos vivendo,
Que não compondo desleixados versos;
O *Mattos*, que entre cysnes campeára,
Se ao doce, ao natural juntasse o gosto,
E as Musas tanta vez lhe não fugissem;
O *Barros* (1) e o *Carvalho* (2), em quem discordes
Natureza e fortuna em guerra andaram;
E o que brilhou qual sol, passou qual raio,
O igneo *Bocage*, o principe de todos,
Unico em Lysia, a não tolhe-lo as Parcas.
Dos theatros, *caffés*, passeios, sallas
Sê o Valerio Maximo, o Supico.
Vê que o chão do presente só nos brota
Sobre o pó das antigas alegrias
Vis tristezas, cuidados espinhosos.
Leva-nos algum-hora a rabuscarmos
Nos campos do passado, amigos campos,

Saudosos, como a patria aos desterrados.
Desabou em ruinas todo o templo
Do publico prazer, alevantado
Pela abundancia e paz. Convém que fique
Tua obra, promettida em pé, no meio,
Da torrente dos seculos vorazes,
Como columna do alluido templo,
Que em suas inscripções o-lembra ás eras,
Depois de extincto o nume, e extincto o povo.
Aos ocios do jardim nega-te uns dias,
Larga o sacho ao frenetico *Alexandre* (3)
Se Schiller e o Phantasma o-deixam livre (4);
Ás duas Floras o tractar das flôres,
E ao *Bastos* os pinceis que na Thebaida (5)
Pintam de Alcant'ra a ponte e as lavandeiras;
Incommenda ao *Leoni* (6) algumas odes;
Ao bom padre (7) uma data que esquadrinhe:
E tu, se podes tanto, occulto escreve.
Emquanto nos-faltar uma anecdota,
Co'a Preguiça (8) nem paz nem treguas queiras;
Em vão, tingindo em pranto as faces gordas
Venha cahir-te aos pés, orar que a-deixes
Passar comtigo o resto de teus dias,
E embalar-te, ao murmurio da Mãe-d'agua.
Em vão doces memorias, uma a uma,
Te-avivará das horas que, tão faceis,
Te-fiou, dormitando, em toda a vida:
Em vão, com mil promessas seductoras,

Te-pintará mil noites de sombrinhas,
Deleitosos serões, cantigas, danças,
Tardes de Oeiras, musicas dos Arcos. (9)
Tu, d'esta nova Dido, Eneas novo,
Cumpre ovante o dever, custoso embora;
Despede-a, e, surdo aos ais, tranca-lhe a porta:
Lá tem Patriarchal, lá tem cabidos,
Lá tem solares de morgados lôrpas;
Quem possue tanto ¿ de que mais preciza?
Perguntarás talvez, eu que assim prégo
¿ Que faço, ou com que jus te-dou tarefas?
Mas da fructeira o officio é dar-nos fructa,
Da ortiga vegetar: — vegeto, durmo —:
Se não posso dormir, traduzo Ovidio;
Romantiso, edifico os meus castellos;
Abraço os bons amigos de Ulysséa;
Pela lanterna magica da mente
Vou correndo os paineis das tardes curtas
E curtas noites que passei comtigo;
Converso ao lume; e aprendo do Francisco (10)
Quando se malha o trigo, e plantam couves.
¡ Vê quanto val um conversar de amigos!
Comecei quasi em choro, e em riso acabo.

NOTAS.

(1) Miguel Antonio de Barros.
(2) Antonio Joaquim de Carvalho.

(3) O nosso amigo Alexandre Herculano.

(4) O Sr. Assentiz nos fazia, ás noites, leitura da sua traducção do *Phantasma* de Schiller.

(5) Linda sallinha, no meio do quintal do Sr. Assentiz. Puzera-lhe o nome de Thebaida.

(6) Francisco Evaristo Leoni.

(7) O padre José Theotonio Canuto de Forjó, traductor do Tacito e grande sabedor de litteratura classica e de historia.

(8) O peccado mortal da preguiça era uma das virtudes do nosso amigo Assentiz.

(9) As tardes de Oeiras, e os passeios com musica aos Arcos, são d'aquellas cousas que se não hão de descrever.

(10) Francisco Gomes, velho, quasi macrobio, antigo servo da residencia de S. Mamede.



SANCTA IRIA

CHACARA.

Quinta da Azenha-Velha, junto
a Carnide, 28 de Maio de 1839.

Tocam sinos em Nabancia,
Tocam sinos á porfia;
É por S. Pedro e S. Paulo,
Que se-festeja o seo dia.

Á Matriz são vindas freiras,
Quantas em S. Bento havia:
Todó o altar um ramalhete;
O povo galas vestia.

Mas nem no altar se-inlevava,
Nem no povo se-revia
Britaldo, filho mancebo
Do que em Nabancia regia:

Curiosidade o lá trouxe
Do muito que ouviu de Iria;
Que nem ha freira tão linda,
Nem sancta de egual valia.

Logo em a-vendo foi cego,
De quanto o ceo n'ella ria;
Iria, é toda da gloria,
Britaldo, todo d'Iria.

Desde aquella negra hora
Perdeo comer e alegria;
Sonha as noites accordado,
Não cuida em tal todo o dia.

Promette amor e segredo,
Promette ouro e pedraria,
A propria vida promette
Se ella aceitar-lh'a queria.

Marido quer a donzella,
Porém de mór jerarquia;
Quer delicias e riquezas,
Mas não ouro, e pedraria.

Quer Jesu por seo esposo,
Por sogra a virgem Maria,
O ceo por palacio e hortas,
Os Anjos por companhia;

Por delicias basta a pomba
Do Paraclito seo guia,
Que entre as flores das virtudes
N'alma lhe-arrulha alegria.

Gastado dos vãos desejos
Morrer Britaldo se-via:
Geme seo pae Castinaldo,
Chora sua mãe Cassía.

Todo o povo anda pasmado,
Que é dó ver tal louçanía,
Annos tão verdes, murchados,
Pender para a terra fria.

Chegou a nova ao mosteiro;
Lastimou-se a boa Iria:
Deu-lhe licença a abbadessa
De ír ver a quem se-morria.

Introu manso ao pé do infermo,
Que nada ver não queria,
E disse-lhe: « ¡Sus Britaldo! »
E elle accordou e tremia.

Reconhecendo ser ella,
Recobrou nova alegria:
Dos olhos, faces e bocca
Logo á morte sacudia;

Ambos os braços alçava
Como d'antes não sohia:
E por julga-la rendida
Abraça-la já queria.

Como que fôram serpentes
Ella os braços lhe-fugia:
E contra o fogo da carne
Sanctas razões lhe-dizia.

E vendo que ás razões sanctas
O doente se-rendia,
Foi pôr-lhe as mãos na cabeça,
E disse com fé mui pia:

« Nome do Padre e do Filho
« E do Esp'rito que alumia,
« Accuda-te o anjo da guarda,
« Salve-te a virgem Maria. »

Palavras não eram dictas,
Britaldo mui são se-erguia,
E vendo-a que se-apartava,
Com esta falla a-seguia:

« Da morte, sim, me-has livrado,
« Não do amor de que morria;
« Não sei se é favor, se é damno
« O que me ora has feito, Iria. »

« Mas qualquer que me tu fosses,
« Nunca te eu mal quereria,
« Deus te-accrescente a ventura
« Com toda a que me-devia. »

« Eu que te-chore no mundo,
« Onde tão solto me-ria;
« Tu, folga sem mim no ermo,
« Sem homem, hora, nem dia. »

« Que se jámais cá me-soa
« Amor terrestre de Iria,
« Qual a vida que me-has dado,
« Morte crua eu te daria. »

« Adeus! e porque vás certa
« Que ninguem te-livraria,
« Por Deus te-juro isto mesmo,
« E pela virgem Maria! »

Mal era finda uma guerra,
Outra guerra se-accendia
Contra a limpa castidade
D'aquella formosa Iria.

D'entre as rosas d'annos verdes
Viu amor que a não rendia:
Foi entre cãs emboscar-se,
Que não ha maior falsía.

Em montes de sanctidade,
Onde se ella mais confia,
Por entre as fontes da graça
Lhe-armou sua bateria.

Um monge, dicto Remigio,
A confessa-la sohia,
Varão d'annos e virtudes,
O mór que em monges havia.

Namorou-o a formosura
D'alma que nua lhe-via;
Votou perde-la e perder-se
Quem lhe sempre fôra guia.

Pasmou Iria atterrada
De tão estranha ousadia;
Mas logo com grão despejo
Suas tenções rebatia.

Como que alfim cae na conta,
O monge perdão pedia;
E com mores penitencias
Nova maldade incobria.

As calidades das hervas
Todas elle as-conhecia,
Que umas são para saude
Outras de grã tyrannia.

Como veio á meia noite,
Da sua cova sahia;
Como a meia noite dava,
Hervas no monte colhia.

Colhîdas que teve as hervas,
Suas folhas espremia;
Toda a terra era calada,
O rio triste corria.

Mixturava sumo verde
Com palavras que sabia;
Com seo bafo peçonhento
O sumo se-denegria.

Nenhum anjo ousava olha-lo;
Nenhuma estrella luzia:
Põe Remigio olhos de fogo
No vaso.... e o vaso fervia.

D'aquella infernal peçonha
Temp'rou a mesa d'Iria:
Iria estava innocente,
Não suppunha mal, comia.

Comidas que teve as hervas,
Logo o ventre lhe-crescia,
Como foi crescendo o ventre
Logo o seio se-lhe-inchia.

O parecer do sembrante
De panno se-lhe-cobria;
Mostras de dona pejada
Nenhuma lhe-fallescia.

Todo o convento se-espanta,
A-despreza e a-injuría,
Toda a terra de Nabancia
Ri da sua hypocrisia.

A triste não se-defende
Nem defender-se podia;
Remigio a-amaldiçoava,
Britaldo em furias ardia.

Tudo era contra a coitada;
Nem o ceo não lhe-acudia:
Chorem leões, chorem ursos,
Chorem tanta barbaria.

Foi Britaldo ter, a occultas,
Com um que na terra havia,
Acostumado a alugar-se
Em qualquer malfeitoria.

« Ora, sus Banão! lhe-disse:
« Boa nova eu te-daria,
« Que houveras tu prata e ouro
« Se a ferro morresse Iria. »

Depois de cuidar um pouco,
Banão assim respondia:
« Fizera-o eu por dar gosto
« Só a tua senhoria.

« Quantas monjas tem S. Bento,
« Quantas eu te-mataria:
« Traze ora o que prometteste
« Que ella morta, eu posto em via. »

Recebido o ouro e a prata
Á façanha se-partia:
Soube em que parte da cêrca
Aso de a-colher teria.

Por entre umas matas densas,
Por-li o Nabão corria
Logar mui feito a tristuras,
Por brenhas e penedia.

Nas horas mortas da noite,
Quando do côro sahia,
Alli vinha ajoelhada
Chorar mais resas Iria.

N'aquellas silvestres lapas
Logo Banão se escondia;
Nem vento não respirava,
A lua n'agua tremia.

Bem poderam piar mochos,
Só um rouxinol se-ouvia,
Ao som do murmurio fresco,
Das pedras entre a agua fria.

Banão, por livrar do somno,
Que no esperar lhe-crescia,
N'uma pedra, manso e manso,
A afiada espada afia.

Detem-se, que ouviu passadas;
Surge, olha em redor, espia....
Quando n'uma lagea bronca
Vê de joelhos Iria.

Dava-lhe a lua no rosto,
Como estrella resplendia;
E apertando as mãos alçadas
Estes prantos proferia: —

« Jesu, esposo d'esta alma,
« O' sancta virgem Maria,
« O' celestes potestades,
« O' anjo, meo casto guia.

« Já nada por mim vos-peço,
« Que eu nada vos-merecia,
« Mas que não se perca a fama
« Das monjas com quem vivia.

« Tirai do escandalo o povo,
« E o convento da agonia,
« E eu que morra... » Eis mão de ferro
Que a garganta lhe-tolhia.

E eis que vibrada no ouvido
Esta palavra rangia:
« Britaldo, agora te-mata,
« Britaldo, ¿ intendes, Iria?

E logo um tinir de ferro,
Uma espada que lusia,
A garganta atravessada,
O corpo em terra batia.

¡ O sangue que borbutava!
¡ E um lume que aos ceos subia:
¡ E em roda d'elle mil anjos
Com celeste melodia!

O corpo da virgem martyr
Lá vai na corrente fria
Nu dos habitos sagrados
Que desde a infancia trazia.

Ramo de lirios e rosas,
Que aboiava, parecia,
Do Nabão tomou-a o Zêzere
Com elle ao Tejo descia.

Assim veiu navegando
N'aquella agua corredia,
Aquella alva barca humana
Que serafins traz por guia.

De sangue vai purpurada
Por mais nobre galhardia,
Dado aos ventos o cabello
Que era as vellas que trazia.

Por onde quer que passava
Tudo ao longe recendia;
Té que veiu aos pés d'um monte
Que juncto a Escalabi havia;

E alli, onde um bom remanso
O Tejo fundo fazia,
Foi sepultada nas aguas
Perla de tanta valia.

Todos os anjos e archanjos
Da celeste jerarchia,
No fundo d'aquellas aguas
Trabalharam todo um dia.

Lavraram-lhe um moimento
De pedra mui luzcdia;
Depois cantaram-lhe obzequias
Dc estremada melodia.

E antes que outra vez tornassem
Para a eternal monarchia,
Co'as conchinhas de mil côres,
E o ouro que o Tejo cria,

Sobre a campa lhe-intalharam
Um letreiro, que dizia:
« Livre da terra, aqui poisa
« A virgem mui sancta Iria. »

Sagrada a vêa do Tejo
Ficou desde aquelle dia.

OS DESEJOS DO ROMEIRO.

O Sol té aos fundos penetra do mar:
Quem fôra planeta de tanto luzeiro!
Que vira o que nunca ver poude o romeiro,
Segredos divinos de muito folgar.

Veria em que valle do Tejo, incantado,
Reluz o sepulchro de tanta valia,
E n'elle, entre palmas, de rosas c'roado,
O corpo de Iria.

As aguas co'as folhas tem longo palrar:
¡ Ai bordas do Tejo, quem fôra salgueiro!
De uns psalmos soubera, que ignora o romeiro,
Segredos divinos de muito folgar.

Soubera os cantares que a todo momento
Os anjos renovam com grão melodia,
Debaixo das ondas, em torno ao moimento,
Sacrario de Iria.

Quem fôra a serêa do mago cantar,
Ou quem te-soubera cantar feiticeiro!
Da vêa do Tejo, de noite ao romeiro
Cantára mil cousas de muito folgar.

Cantára-lhe a vida do lirio entre espinhos
Nascido, creado, desfeito n'um dia,
E como ao ceo alto, por novos caminhos,
Subiu Sancta Iria.

Assim descantava, de noite ao luar,
Em barca boiada sem mão de remeiro,
No pégo de Iria, de Iria um romeiro,
Acceso em saudades de sancto folgar.

E ao somno passando com esta memoria,
Sonhou que os desejos o ceo lhe-cumpria!....
Desfaz-se-lhe o sonho, desperta na gloria,
E vê Sancta Iria!

AS FLORES.

DESVANEIOSINHO DE UMA ALVORADA DE PRIMAVERA.

Quinta da Murteira na Bairrada,
5 de Abril de 1823.

Em fresco pomar de Abril,
N'uma alegre madrugada,
Vagando nympha gentil,
Viu uma arvore toucada
De flores a mil e a mil.

« ¡ Como estes ramos são bellos! »
Diz comsigo, e colhe um ramo,
Que inlaça nos seus cabellos.

Hastesinha, orgulhosita
De ornar a nympha louçã,
Só gloria e festas cogita;
Já córa de ser irmã
Da mais flor que o bosque habita.

¡ Que ar e troncos tão grosseiros!
! Quem lh'os-dera já trocados
Em salões e lisongeiros!

Desprezo, dó, e prazer
Mostrou deixando o arvoredo,
Mas saudades, nem sequer:
Ramos houve, que em segredo
Murmuraram de tal ver;

Principalmente uns vizinhos,
De quem sempre recebêra
Fragrancia, abrigo e carinhos.

Houve-os tambem que invejaram
Da vaidosa a condição,
E tal desgosto ganharam
Á rustica solidão,
Que de tristinhos murcharam.

Mas um pecegueiro velho,
Nestor d'aquelles pomares,
Em curva edade e conselho,

Dos frondosos circumstantes
No murmurio attenta um pouco;
De seu seio alguns instantes
Bane o motim crespo e rouco
De seus enxames errantes;

Alça o cume um tanto mais,
E socegado assim falla
Na lingua dos vegetaes;

« Deixai ir esse imprudente,
« Pobre ramo sem ventura,
« Agora está mui contente
« Porque approuve á formosura,
« E vai viver entre gente.

« Domina em throno dourado,
« Festas espera e louvores:
« ¿ Ser-lhe-ha firme ou longo o fado?

« Deixai-o tornar com ella
« A' tarde outra vez aqui,
« Vereis qual sorte é mais bella.
« Eu, que mil ramos já vi,
« Já lamento a sua estrella.

« Em nosso manso pomar,
« A seus destinos brilhantes
« Dêmos graças de escapar.

« Hoje por nós temos Flora,
« Logo Pomona virá;
« Se o cultor nos-ama agora,
« Amigos, ¡que não será
« Da colheita em vindo a hora!

« Comnosco a alegria esteja;
« Quem tem viço, flor e fructo,
« Não sei que mais bens deseja.

« ¡ Inda a inveja vos-faz guerra !
« Pouco abalo o sermão fez:
« ¡ Murmurios o bosque incerra !
« Pois bem; não fui d'esta vez
« Propheta na minha terra.

« Paciencia, esperaremos.
« E talvez que em poucas horas
« Concordes todos fiquemos. »

Volveu a nympha ao sol posto,
E em quanto via e revia
No regato o lindo rosto,
Da trança, onde já morria,
Lança o ramo com desgosto;

E alguns botões dos mais bellos
Vem da proxima roseira
Infeitar os seus cabellos.

Cantando e léda partiu
Sem mais pensar no raminho,
Que todo o dia a-serviu.
Diz-se até que o coitadinho
O incauto pé lhe-sentiu.

Então triste o moribundo
Viu toda a immensa distancia
De um pomar ao *bello mundo*.

. . . . . et dulces moriens reminiscitur Argos.

OS TREZE ANNOS.

CANTILENA.

Hortas da calçada do duque, Paschoa do Espirito Sancto de 1840.

Já tenho treze annos,
Que os-fiz por Janeiro:
Madrinha, casai-me
Com Pedro Gaiteiro.

Já sou mulhersinha;
Já trago sombreiro;
Já bailo ao domingo
Co'as mais no terreiro.

Já não sou Annita,
Como era primeiro,
Sou a Senhora Anna,
Que mora no outeiro.

Nos serões já canto,
Nas feiras já feiro,
Já não me-dá beijos
Qualquer passageiro.

Quando levo as patas,
E as-deito ao ribeiro,
Olho tudo á roda
De cima do outeiro,

E só se não vejo
Ninguem pelo arneiro,
Me-banho co'as patas
Ao pé do salgueiro.

Miro-me nas aguas
Rostinho trigueiro,
Que mata d'amores
A muito vaqueiro.

Miro-me olhos pretos
E um riso fagueiro,
Que diz a cantiga
Que são captiveiro.

Em tudo, madrinha,
Já por derradeiro
Me vejo mui outra
Da que era primeiro.

O meu gibão largo
D'arminho e cordeiro
Já o-dei á neta
Do Braz cabaneiro,

Dizendo-lhe — « Toma
« Gibão domingueiro,
« D'ilhoses de prata,
« D'arminho e cordeiro.

« A mim já me-aperta,
« E a ti te-é laceiro;
« Tu brincas co'as outras,
« E eu danço em terreiro. »

Já sou mulhersinha,
Já trago sombreiro;
Já tenho treze annos,
Que os-fiz por Janeiro.

Já não sou Annita,
Sou a Anna do outeiro;
Madrinha, casai-me
Com Pedro Gaiteiro.

Não quero o sargento,
Que é muito guerreiro,
De barbas mui feras,
E olhar sobranceiro.

O mineiro é velho;
Não quero o mineiro:
Mais valem treze annos
Que todo o dinheiro.

Tão pouco me-agrado
Do pobre moleiro,
Que vive na asenha
Como um prisioneiro.

Marido pertendo
De humor galhofeiro,
Que viva por festas,
Que brilhe em terreiro.

Que em elle assomando
Co'o tamborileiro,
Logo se-alvorote
O logar inteiro.

Que todos accorram
Por vê-lo primeiro;
E todas perguntem
Se ainda é solteiro.

E eu sempre com elle,
Romeira e romeiro,
Vivendo de bôdas,
Bailando ao pandeiro.

¡Ai, vida de gostos!
¡Ai, ceo verdadeiro!
¡Ai, paschoa florida,
Que dura anno inteiro!

Da parte, madrinha,
De Deus vos-requeiro:
Casai-me hoje mesmo
Com Pedro Gaiteiro.



EPIGRAMMA.

Lembrou-se de casar Thomé caduco
Porém não quiz: ¿e a causa? ao pôr do sol
Interneceu-se ouvindo o rouxinol.....
Mas já de tarde tinha ouvido o cuco.



A INFANCIA.

T aduzido do dinamarquez, de Baggesen, e publicado no Panorama.

Quando eu era pequenino
(Tinha um covado de altura!
Em me isto lembrando, chóro,
E no chôro acho doçura.)

Era o brinquinho de todos;
Era da casa o regalo;
A mãe me-trazia ao collo,
O pae no hombro a cavallo.

Tristezas, penas, cuidados
Eram tanto para mim,
Como os risos de Glicéra,
Como o dinheiro e o latim.

Fazia idéa do mundo
Ser mais pequeno do que é;
Mas suppunha-o mais alegre,
E cheio de boa-fé.

Nuvem da aurora ou poente
Sempre cuidei ser papoulas;
O iris, pedras mui finas;
As estrellas lentejoulas.

Custava-me em tantas joias
Não poder pôr as mãosinhas;
¡Que invejas vos-tive ás azas
O' mosquitos e andorinhas!

Se um monte apanhava a lua,
Quem me lá dera, dizia,
A ver se é bem redondinha,
E de que é feita, e se é fria!

¡Pois o sol! como eu scismava
De o-ver cada tarde ao certo
Ir todo alegre apagar-se
No mar dourado e deserto!

¡E logo a manhã seguinte,
Das nuvens rasgando o véo,
Traze-lo de novo acceso
Já d'outra parte do ceo!

¡Mil cousas então pensava,
No meu juizinho estreito,
A'cerca do pae celeste
Que ao sol e a mim tinha feito!

Com devoção de creança
Punha as mãos e ajoelhava,
E as orações repetia,
Que a boa mãe me-ensinava!

« Pae do ceo, fazei que eu siga
« As sanctas leis que me-dais,
« Que seja amigo de todos,
« Que vos-agrade, e a meus paes. »

Depois resava por elles,
Por minha irmã, pela gente
Que morava em cada choça
Da nossa aldêa innocente;

Pelo rei, que eu nunca vira,
E velhos pobres, que eu via
Pagar-nos com suas rezas
A esmola de cada dia....

¡Tempos de paz e de gosto!
¡De vós que resta?.... A saudade.
Esta, ao menos, Deus piedoso,
Me-conserva em toda a edade.

ABORTO DE UMA SATYRA.

Coimbra 17 de Setembro de 1826.

Nasci, graças aos ceos, n'um seculo de peta!
Medita-se o lunario, estuda-se a gazeta.
Ferve o papel-moeda, imprimem-se versões,
Ha punhos sem camisa, ha sem vintem funcções,
Ha serviços sem premio, e premio sem serviços,
Dentes, ilhargas, seio, e cabellos postiços.
Nobrezas sem nobreza, e virgens sem o-ser,
E sermões sem moral, e esposos sem mulher.
Seculo de ouropel, baixaste á humanidade!
Viva a geral comedia! e viva a nossa edade!



OS MACACOS.

APÓLOGO.

Vivia no Brasil, lá n'uns sertões opacos,
Um monão, pé-de-boi, com filhas e mulher:
Na cova que elegeu, longe dos mais macacos,
Tinha todo o seu mundo, e todo o seu prazer.
Uma nascente á porta, á roda um bosque cheio
De cana doce, côco e banana sem fim,
Eis a adega, o celeiro, a cosinha, o jardim,
É o Eden macacal na abundancia e recreio.
¿Que lhes-falece? nada: a bondade, a affeição
Lhes-sobredoura a paz da estreita solidão.

Uma sesta que ao sol estava dormitando
Toda a hirsuta familia esmoendo o jantar,
Um saguim caçador, estafado e suando,
Quiz o acaso que errante alli viesse dar.
Pediu agua: o bom velho o-conduziu á fonte;
As filhas serviçaes colheram fructos mil,
E emquanto os-iam pondo ao hospede gentil
A mona-mãe lhe-abaua e lhe-dessua a fronte:

4

¿Quem de obzequios não gosta? era já negro o ceo
Quando o saguim se foi, mas voltar prometteu.

Não faltou á palavra: a aurora do outro dia
O viu com outro irmão; já no hospicio outra vez;
A segunda com dous; a terceira com tres;
E assim foi, de um em um, crescendo a companhia:
Já não eram sómente os irmãos do saguim,
Eram primos sem conto, amigos, conhecidos,
Desconhecidos... tudo! Agora, agora sim!
Que meza, que brincar, que obzequios repetidos!
A's filhas que respeito, e que affectos ao pae!
Em delicias desfeito o tempo se-lhes-vai.

Passou-se mez e meio; os brodios amainaram,
Não supprindo ao consumo o estafado vergel:
Então, qual foge o enxame ás flores já sem mel,
Bons tres quartos ou mais da sucia desertaram.
Mas ao menos o resto odeia infamia tal,
Não podem supportar amigos int'resseiros;
Ao mono cada um protesta ser leal,
Tem poucos, mas agora amigos verdadeiros.
« Pobreza, eu te-agradeço, o honrado velho diz,
« Afugentaste os máos; co'os bons vou ser feliz. »

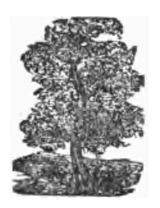
Passou tempo: morreu-lhe uma das macaquinhas,
Das duas a mais bella, a gloria do sertão:
Não só perdeste, ó pae, o maior bem que tinhas,
Mas na súcia fiel vês nova deserção.
Inda carpia o velho um golpe tão funesto
Quando seguir da morte approuve o exemplo a amor:
Namorado saguim, amavel seductor,
Da prole lhe-roubou e lhe-fugiu co'o resto.
As filhas já lá vão... mas ao menos a mãe...
¿Que é d'ella? apaixonou-se, e fugiu-lhe tambem!

Não succumbas á dôr, distrae-te co'os amigos,
Repete-lhes teu mal, tão digno de seu dó:
Ah! misero Simão! de tantos bens antigos
Nem filhas, nem mulher, nem um amigo só!
Um preto, homem de bem, que me-contou tudo isto,
Tal e qual ao leitor acabo de o-contar,
Me-disse, que até aqui podia asseverar
Tudo verdade ser, como se o-houvera visto.
Mas em duvida punha, e por certa razão
Tudo o mais que se-segue a esta narração.

O mono endoideceu co'a força do desgosto,
A um rio se-atirou, d'onde a nado fugiu;

Correu muitos sertões, até que um dia viu
De monos uma aldeia (era quasi sol posto):
Atrepou a um coqueiro, e com sonora voz
Desatou a prégar ao som de mil gemidos;
«¡Macacos, o meu mal seja um bem para vós!
« Horrorise os bons paes, atterre os bons maridos,
« Os prodigos converta! a vista ponde em mim;
« Das cousas no principio está d'ellas o fim.

—¡Monos que dais partida, olhai que esses marmelos
Não visitam ninguem pelos seus olhos bellos! —



A APPARIÇÃO.

.... poucos reis o inferno incerra
Porque entre poucos se divide a terra.
GABRIEL PEREYRA, *Ulysséa.*

¡Meia noite! Cançado o pensamento,
E cheio o coração do amor da patria,
Adormeço: ¿Phantasma venerando,
Que me-queres? quem és? d'onde has surgido?
¡Roupas sacerdotaes! ¡na dextra um bago!
¿Quem és, pastor de espiritos? ¡que aspecto!
¡Que surrir de pacifica virtude!
¡Que auréola de luz nas cãs pendentes!
¡Quanto ceo, quanto amor no olhar, nas vozes!
¡És tu visão da mente allucinada,
Luminoso phantasma, ou vens do Elysio?
¡Ah! vens do Elysio! Eu te-conheço e adoro.
Dos reis educador, dos reis amigo,
Amigo das nações, eu te-abençôo.
¡Fenelon! Fenelon! ¡Que nome, ó povos!
!Com que suave orgulho o-repetimos!
Fenelon! Fenelon! ¡Porque entre os louros,
Que ao tumulo lhe-dão canóra sombra,
Não vão todos os reis mudos sentar-se
A meditar cada anno um dia ao menos!

4.

Com ar meigo e risonho o sabio velho
A dextra me-estendeu, e em tom de amigo,
— » Vem, meu filho, me-diz, segue meus passos :
» Leio em teu coração, leio em tua alma,
» Tu amas a verdade, e ousas dize-la;
» Odeias mais que a morte a vil lisonja,
» Queres de Lysia ao rei dar puro incenso.
» Vem pois; o incenso puro, o digno d'elle,
» Em vão por outra parte o-buscarias;
» Só para além dos tumulos, no Elysio,
» Na mansão da verdade é que se-colhe.
» O enflorado laurel, com que pertendes
» C'roar, poeta, a c'rôa do monarcha,
» Lá o-tens; acompanha-me, não tremas.
» Nos jardins de além-mundo as flores riem
» Formosas, immortaes, immarcessiveis,
» Como as sombras de heroes que alli vaguêam. »
Da sacra aérea mão tocado apenas,
Sinto subito o animo arraiado
De interna luz insólita; sou livre,
Livre como elle das prisões terrestres,
Senhor de mim, dos seculos, do espaço.
Transposta a horrenda Styge, o Léthes mudo,
Eis se-abre á sua voz a bronzea porta,
Sem que ouse a nos-ladrar o cão trilingue.
Por entre povôs de infelizes sombras
Sanguinolentas, pallidas, convulsas,
Que em tormentos de horror se-revolviam,

Fomos correndo: a abobada de ferro
Retumbava co'o a barbara mixtura
Dos açoites, dos silvos das serpentes,
Dos ais, das maldicções, de tardas queixas,
Do clamor das Euménides raivosas,
Dos dentes a ranger, do pranto amargo,
E do fragor dos inflammados rios.
—» ¡ Olha! me-exclama o conductor chorando,
» N'esses campos de horror, sem fim, sem fuga,
» Vê que de povos réos se-estão carpindo!
» ¡ E estarão sempre! A imparcial justiça
» Na terra a-procurais, e ella aqui mora.
» ¿ Não vês por este oceano de infelizes,
» Alguns, de longe a longe, em quem das furias
» Os açoites mais rispidos estalam?
» São esses os Caligulas, os Neros,
» Ós reis.... que o sceptro em clava transformaram,
» Bebedores de sangue; outros, no luxo,
» Ao som dos ais da patria.... adormeceram;
» Muitos, de insano amor escravos torpes,
» De amadas entre as mãos depondo o sceptro
» Pagaram co'o seu povo os seus prazeres;
» Muitos, não vendo nume em ceo sem raios,
» Ousaram, vis hypocritas, fingir-nos
» Um deus a seu contento e á sua imagem,
» Um deus por quem os principes nefandos
» Reinavam, que fadára a especie humana
» A' escravidão e ás trevas da ignorancia;

» E ao alfange, ao patibulo, á fogueira
» Mandaram propagar esse impio culto:
» Sancta religião, teu véo sem mancha
» Assim foi pelas mãos do fanatismo
» Incobrir á politica oppressora.
» Muitos, ebrios de gloria, (¡oh gloria! ¡oh nome!)
» Para pascer seus olhos insolentes
» Disseram, ide, exercitos, ser paga
» De um tropheo que nos-orne a regia estancia.
» ¿Não os-vês? pelas penas os-procura;

. . . .

» Não pelo trajo: as purpuras não passam,
» Não passam c'rôas para cá das campas;
» Saiamos já das lôbregas moradas,
» Horrendo ingresso ás regiões piedosas. »
¡Eis o Elysio! eis o Elysio! esqueceu tudo.
Aura pura e vital, clarão sereno
Nos-restaura, nos-enche, e nos-consola;
¡Tudo é jubilo, amor, delicias d'alma!
De arvores immortaes ondeam bosques,
Sonoro imperio de mais bellas aves.
Atravéz de planicies de ambrosia
Mana, em rios, caudaes, o leite e o nectar.
Em sua veia, em suas margens de ouro
Sob as verdes abobadas frondentes,
D'onde chovem o mel, o incenso, as flores,
Perenne côro de gentis sereias
Aos dignos de renome alteam hymnos.

Cada um tem a sua: emquanto vivo,
Teve-a dentro; é seu nome — a consciencia. —
Flores sem nome em linguas de viventes,
Brilham por toda a parte, intertecendo
Alcatifas, pyramides, grinaldas,
Grutas, palacios, thálamos, cabanas.
Tudo é risonho, harmonico, suave,
Perfumado, fecundo, enlêvo, festa.
» Segue-me sempre, me-bradou meu guia. »
Segui-o — ¡ Salve Elysio dos Elysios,
Monte ineffavel, nem sonhado a vates;
Triumphal Capitolio, sem Tarpeia:
Mansão dos heroes maximos! « Detem-te »
Me-diz, parando, o conductor: — » Chegámos:
» Não te-é dado ir ávante. Aos extremados
» D'entre a turba dos optimos, a elles
» Só pertence este sitio: olha a cidade
» Pomposa de palacios diamantinos,
» Sua eterna vivenda: a minha (¡graças,
» Graças aos numes bons!) lá está no cume,
» Por entre os loureiraes, em cujas folhas
» Mentor, Mentor! os zephyros susurram. »
» Logo á hora em que nasce um genio grande,
» Aqui mãos invisiveis lhe-assignalam
» Seu alcáçar futuro: mas a traça
» Da architectura, a vastidão, a alteza,
» A escolha da materia, estão pendentes,
» Sem n'o elle presumir, do seu arbitrio:

» Cada acção que lá faz digna de premio
» Troca-se em preciosa pedraria,
» Que vem ser parte á fabrica solemne:
» E á hora do expirar..... o exemplo novo
» Que então dá, fecha a abobada; retinem
» Vivas em todo o Elysio, e elle apparece. »
Disse, e me-foi mostrando, uma por uma,
As estancias dos principes d'outr'ora,
Que deram leis, virtude e gloria á terra.
Por sobre cada portico brilhava
De um semi-deus o nome. Uns inda vivos
Na tradição, na historia e nas saudades;
Outros sepultos co'as nações sepultas.
— » ¡De novo morador poucas deviso! »
» —Poucas » me-tornou elle, e vi fugir-lhe
O perenne surrir dos labios mudos;
Mas recobrando-o logo: — » Alça teus olhos
» Ao cimo.... além.... ao cimo.... á dextra parte
» Dos lares meus, bradou, entre a pousada
» De Tito, o bemfazejo, e a do meu Numa,
» Que lá está sobre o thálamo de rosas
» Co'a sua Egérie ao lado. Entre elles, surge,
» Com assombro dos dous, outra vivenda,
» Que bem vês d'hora a hora estar crescendo:
» É o lar de João, do rei dos Lusos;
» Este sempre, benigno, ha-de seus povos
» Accumular de bens, incher de gloria:
» Artes, sciencias, brilharão por elle:

» Em ti-mesmo, em ti-mesmo, obscuro vate,
» De seu amor, de seu amparo ás musas
» Eu vejo estar brilhando um claro annuncio: (1)
» Será de Lysia amor, do mundo inveja,
» Oh! se me-fôra licito mostrar-te
» Futuros que no animo insoffrido
» Me-estão fervendo.... Basta: ao mundo volve,
» Conta o que has visto; incredulos não temas:
» Dize que Fenclon só foi teu guia;
» Para te-darem fé sobra o meu nome. »
Cheio de espanto, de prazer absorto,
Corro, e busco beijar-lhe as sacras vestes;
Busco tres vezes abraça-lo ao peito,
Tres vezes me fugiu ligeira sombra.
Cheio de sancto horror, tremendo, accordo:
E em caracteres indeleveis sinto
Na alma impressa a visão, que excede os sonhos.
¡Luzitanos, folgai! Jámais se-apague
Em vossos corações tão fausto agouro.

NOTAS.

(1) Não por vaidade de talento, que não ha em mim onde a-assentar, mas só por ambição de agradecido, quero registar aqui, para credito do monarcha dadivoso, o decreto

com que, para me esforçar de preencher as esperanças que de mim se-tinham áquelle tempo, e que tão imperfeitamente vingaram, sua magestade me-fez mercê de pão abundante para toda a vida; graça, que, a ter ainda hoje effeito, me-dispensaria de desbaratar em trabalhos cançados, deslusidos e morredouros, a maior e melhor parte da poetica substancia, que ainda me-resta: *Dis aliter visum.*

Decreto de mercê feita a Antonio Feliciano de Castilho.

Por effeito da minha real munificencia, em attenção ao distincto talento, que tem manifestado *Antonio Feliciano de Castilho*, e á grande applicação com que se dedica ao estudo das sciencias na universidade de Coimbra: Hei por bem fazer-lhe mercê da propriedade de um dos officios de escrivão e chanceller da correição de Coimbra, que se acha vago, não tendo ficado filhos legitimos do ultimo proprietario; e sou outrosim servido conceder-lhe faculdade para nomear serventuario, sendo pessoa apta e approvada pela mesa do Desembargo do paço. A mesma mesa o tenha assim entendido, e lhe-mande passar os despachos necessarios. Palacio do Rio de Janeiro, em 8 de junho de 1819. — Rubrica de Sua Magestade — Registada a fl. 26.



MEDITAÇÃO

RECITADA NA SEGUNDA NOITE.

¿Quare fremuerunt gentes, et populi meditati sunt inania? Adstiterunt reges terræ, et principes convenerunt in unum.
Psalm. II.

Quando o genio mortal, arrebatado
De fervente, de audaz philosophia,
Se-abalança a gyrar no inextricavel
Labyrintho moral da especie humana,
Vai sem guia, sem norte, esvoaçando
Por trevas densas, que a razão não gasta.
Em suave planicie enxerga ao longe
Larvas brilhantes de risonho aspecto;
Alli corre, alli pára, exulta; e lança
Sobre a movel areia as amplas bases
De alta constituição que illustre os povos,
Os-melhore, os-contente, os-felicite.
Raciocinios, não homens estudando,
Social perfeição tocar presume:

Fortuna, a primogenita do Eterno,
O-pune da ousadia; as asas bate,
E o pomposo edificio eis que se-abysma.
Fugiu, desfez-se em nada o mentiroso
Tropel de larvas de risonho aspecto.
De governo em governo os povos gyram;
O insaciavel coração não dorme:
Monarchia, republica, tyrannos,
Tudo houve em Roma, e Roma descontente!
A moral perfeição.... ventura a todos,
¿ Quem póde afoito promette-la aos povos?
¡ Homem! tu pódes pôr um nome aos astros,
Conhecer suas orbitas immensas,
Forçar a terra a se-cobrir de fructos,
Das bravas féras subjugar as furias,
O raio ardente dirigir na queda,
Torcer o curso aos caudalosos rios,
Rasgar o seio dos sanhudos mares,
Voar aos gelos, que amontôa o pólo,
Subir aos ares transcendendo as nuvens,
Baixar da terra ás lôbregas intranhas;
¡ Homem! tu pódes tudo, o Eterno o-soffre;
Mas o Eterno não quer, mas tu não pódes
Teu proprio coração tornar contente.
Velam sobre o Universo olhos supremos:
Na mão do Creador se-volve o mundo,
Elle nos-vê, nos-ama; os seus mysterios
É defeso sondar. Pára, recúa,

Philosopho, ante o Deus, auctor dos homens.
¿Pódes tu mais do que elle? ¿A' providencia
Pódes suster o insuperavel curso?
¿Teus projectos não vês, não vês que abortam?
Nascido em Spartha, cidadão te-ostenta
Sublime, audaz, republicano altivo.
Nascido em Roma, nos formosos dias
De um sabio Numa, a realeza adora.
Segue a Pompeo nos transes da Pharsalia.
Cumpre ás leis, serve á paz, e ao bem da patria.
¡Mas inda descontente, inda murmuras!
Nas do governo variadas fórmas
Só uma aos olhos teus póde ser justa,
Conforme á natureza e boa aos povos....
Volve os olhos, philosopho, procura
Mais cauta luz nas margens do Tamisa.
Britannico Nestor, que tu veneras,
Lá te-dirá: — « Cada nação repute
» Pelo melhor o seu governo antigo:
» Tem cada um seu genio, os seus principios,
» Moral, virtudes muita vez oppostas. »
¿Como ha-de o velho, á monarchia affeito,
Pequenos cidadãos republicanos
A' patria apresentar? ¿Como ha-de em Roma
Crear vassallos, que subjeite a Cesar,
Um severo Catão? ¿como crea-los
Um povo inteiro, a cujos pés cem vezes
Se-abateram no pó lictoreos feixes,

E a alta cerviz os consules dobraram?
Subjugar-se tentou Roma orgulhosa,
Mas viu-se o povo abandonar seus muros,
Dizer sem custo adeus aos patrios numes;
Co'os tribunos á frente, e celebrando
Da republica o nome em sacros hymnos,
Ir-se abrigar nas proximas montanhas,
E alli gozar de Roma entre os desertos.
Fallae, pendões do liz, leões da Iberia,
Lusas quinas, fallae: ¿que prol surtiram
Em tôrno a vós pregões da liberdade?
Co'o brilho, estrondo, e rapidez do raio
Ella ha passado; e novamente o sceptro,
Qual desde priscos seculos se-vira,
Se-vê na mão dos reis. — ¡Salve tres vezes
O' de pod'rosos reis pod'roso filho!
¡Do povo mais fiel, do mais submisso,
Grande, augusto senhor: em paz repousa
Seguro á sombra dos herdados louros!



SONETO

RECITADO NA TERCEIRA NOITE.

MOTE.

Sagrae-lhe cultos, erigi-lhe altares.

Todos livres, iguaes todos nascemos:
É lei, virtude, instincto a liberdade.
Não quer ferros quem busca a sociedade;
Homens servir a homens não queremos.

Alma, raio do ceo, todos nós temos;
Sobre nós só a lei e a divindade.
¿ Servir ou morrer deve a humanidade ?
Morra: escolha o melhor dos dous extremos.

Assim bradou Catão republicano,
Presto a soltar o espirito nos ares,
Depois de Roma extincta, inda Romano.

Volve Catão dos tenebrosos lares,
Dirás, vendo o monarcha lusitano:
Sagrae-lhe cultos, erigi-lhe altares.

AO ESTADO

ENTRANDO PARA MINISTRO O CONDE DE BASTOS.

Ode parodiada da XIII do liv. 1.º de Horacio.

¡ O' Nora, novo burro escoicinhando
Te-vai metter em asoinado gyro!
¿ Oh, que fazes! ¡ vais dar teu cabeçalho
A orelhudas cabeças!

¿ Não vês como os calabres te-despiram
Dos alcatruzes que regavam hortas,
Atando-te outros que entre si se-esguicham
Sem deitar nada fóra?

¿ Não vês como os suões que te-hão zurrado
Te-racharam as rodas? ¿ como se-abrem
Os eixos com caruncho? As noras velhas
Já não são para danças.

Não tens calabres sãos, nem carpinteiro
Por quem chames cahindo escangalhada,
Bem que eras de bom páo; de antiga mata
Bem que te-chames filha.

Nada fia um quinteiro que é prudente
Em ver pintado a oleo o ingenho podre:
Se não queres cahir esbandalhada,
Tem cuidado co'o burro.



VERSOS

ESCRIPTOS NO ALBUM DE MISS MARTIN, NA VESPERA DE SEU EMBARQUE PARA LONDRES, ONDE SE-HAVIA DE DEMORAR POR ALGUNS MEZES.

Dos anjos, irmãos teus, o côro leve
Te-siga pela undosa immensidade;
E lá na patria e na tornada breve
Te não deixem soffrer mais que a saudade.



AO USURPADOR

NOS DIAS DA SUA OMNIPOTENCIA.

» ¡A'vante! calca o povo lusitano.
» Pune-o da culpa de te-crer sincero.
» Sê benigno co'os máos, co'os bons severo:
» E o throno assenta no terror, no engano. »

» Nem vestigio sequer já tens de humano:
» Em poucos dias excedeste a Nero.
» Filho algoz, vil Caim, perjuro, féro,
» ¡Parabens! ¡triumphaste, impio tyranno! »

O hymno das furias, seu hosannah, é este:
E se cabe o prazer no abysmo eterno,
Monstro dos monstros, ¡que prazer lhe-déste!

Mas ha, mas vella um arbitro superno;
Se ao som dos ais da patria adormeceste,
Ao som do raio accordarás no Averno.

POEMETO.

Depois de tanta ausencia, eis-me sentado
Na conhecida pedra, em face ao templo
Que ri de longe ao marinheiro luso!
Aquellas são as arvores: ¡oh troncos,
Troncos da minha infancia! aquella a torre
Dos tão sonoros, tão contentes sinos!
Eis lá em baixo o Tejo: cá se-ostenta
A chusma de apinhados edificios.
Alvejai para mim, como alvejaveis,
Edificios da patria; e tu fulgura
Sob a lua eminente, amigo Tejo.
¡Oh que formosa lua a de Ulysséa!
Esta sim, esta intende-me, conversa,
Tem coração, espirito, saudades,
Devaneia, suspira. Astro fagueiro,
Quem nos-mudou assim! vi-te outro tempo
Brilhar sobre estes muros, como um lustre
De opulento festim: hoje assemelhas
Meditabunda luz sobre sepulchros.
Então, apoz o dia afadigado
Me-hospedavas aqui, n'esta hora mesma,
Por baixo d'estas arvores festivas,

Com musicas e amor, com dansa e versos;
Inda hoje cá me-attrahes; mas solitario.
¡Eis o estio! o passeio vai deserto;
Os assentos são nús, e este ar é mudo.
Inda os nossos segredos se-confundem,
Astro gentil; mas quão diversos hoje!
N'esse commercio nosso antigamente
Tudo eram bens e jubilos; agora
Somos nós dous amigos, que se-abraçam
Para carpir sobre commum desastre.
Lua, ¡não te-restar um só d'aquelles
Raios de tanto amor!.... uma só aura,
Minha amiga, uma só, que em seu carinho
Me-enxugasse estas lagrimas teimosas!....
  Embora: corram livres e abundantes
Desde as raizes da alma, origem sua.
A minha alma está triste, egual á chamma,
Que arde encolhida e que palpita a medo
Ao pé do moribundo em tardas horas;
As trevas invejosas mais de perto
A-investem cada vez, fluctuam, crescem,
Vem, fogem, precipitam-se, triumpham
¡A alampada expirou! Taes se-me-apinham
Em torno da razão medrosa e incerta,
Das desgraças da patria horrendas sombras.
¡Ah! se a razão tambem lhes-succumbisse!
  Fugir, com o coração rasgado e morto,
De lusos campos, que assolavam Lusos;

Vir buscar um consolo, onde cuidava
Que a polidez, o luxo, e os restos grandes
Da alta opulencia antiga encobririam
Os ais da dôr e a pallidez da fome;
Vir buscar illusões dos bens na falta
¡E achar mais fundo horror!... que alma de ferro,
Tanto mal, sem tremer, contemplaria!
Por estas horas, um susurro alegre
Animava tudo isto. Eram torrentes
De esplendidos frisões, troantes coches,
Que abalavam as ruas inundadas
De mil vistosos, mil contentes ranchos.
Pelas francas janellas trasbordavam
Luz, vozes, riso, canticos, ventura.
De povo estuavam fulgidos theatros.
!Ah! penuria e terror mudaram tudo!
Os bailes e espectaculos trancados
Em muda noite dormem: não respiram
De uma só casa as vozes da alegria;
Os laços sociaes se-espedaçaram,
O cidadão dos cidadãos se-esconde,
O homem entre homens solitario geme.
Tornou-se crime a voz e o pensamento,
O amor da patria reo, dever o opprobrio.
Nos profanados templos retumbaram
Os pregões de Baal; e em face ao Christo,
Seus ministros, impunes, premiados,
Mentem aos ceos, á terra, á consciencia;

Vertem da lingua fel, blasphemia, embustes;
Como orvalho celeste imploram sangue;
E esquecido o evangelho e a charidade,
O odio, as vinganças, o alcorão vozeiam.
Peja a innocencia os carceres; a honra
Vai com ferros aos pés varrendo as ruas:
Os tribunaes só velam para a morte;
Nas praças atterradas não descançam
Os cadafalsos, as vorazes pyras;
O algoz recebe dons, e escuta applausos;
E os argos do poder, sem fim, sem conto,
Espiam, colhem, levam de continuo
Ao genio assolador materia nova.
Tal jaz este gigante das cidades,
Tal lhe-roe nas entranhas renascentes
Eterno abutre de implacavel fome.
¡ Patria, patria, e nem ais se quer nos deixam!
Cala-te, coração; não me-recordes
O tempo, em que toda esta Lusitania,
Era digna do sol que a faz tão bella!
Respiravamos n'ella uma harmonia
Da terra e ceo, da natureza e do homem.
¡Quem previu tal futuro! assim folgava
Pompeia, e já nas lavas do Vesuvio
Lhe-vinha a morte, a campa, o esquecimento.
¡Vede o Tejo qual vai! é este o somno
De um monarcha em grilhões. Emfim cahiste
Com tuas cãs, emporio do Universo.

De tanta gloria, tanta vida e tanta,
Só dura uma lembrança dolorosa
Nos cantos do Camões. Se o patrio nome
Não tem de se-perder na culta Európa,
Nem de sumir-se pelo mar dos tempos,
É que esta anchora o-agarra á eternidade.
Eis como envergonhando a patria ingrata
Se-vinga o Bardo heroe; votou-lhe em vida
A lyra, a espada, o amor; e inda não farto
Manda seu genio vigiar-lhe os louros.
¡Coubesse na alma grande outra vingança!
Que victima a-applacar-lhe a campa humilde
Um reino, todo, em lagrimas, em ferros!
Olha a torrente aurifera, que o Grande
Nomeava seu Tejo, e a cujos coros
Chamava todo amor: *Tagides minhas.*
Maldizei-me essas ondas, que arrojavam
Pela foz desabrida ao largo oceano
O heroe de amor e Marte, o cantor d'ambos.
Inda o vejo, da pôpa debruçado,
Mandar saudoso aos tectos fugitivos
Um longo adeus sem voz, e nu d'esp'rança.
Da espuma o trote, o frémito da véla
Lhe-aperta o coração, cáem-lhe nas ondas
Lagrimas dignas de soldado luso.
Quantas almas sua alma abraça ao longe.
¡E nem uma talvez lhe-sente o affago!
Lá vai, soldado, e pobre, e desvalido,

Lá vai, e as curvas praias apinhadas,
Ao desapparecer da extrema vela,
Dão gloria aos cabos, o soldado omittem,
Que desvalido e pobre os-faz eternos.
Depois de ausencia longa, eis torno a ve-lo;
Ri, chora, applaude ao Tejo, e o Tejo é surdo.
Mutilado, indigente, obscuro e alegre
Beija este chão tão frio; offrece á patria
A espada tincta, o braço, a tuba, a gloria.
Do ninho seu paterno ao ceo levanta
Pregão, que afora Elysia atrôa o mundo.
Cinge-lhe o louro vencedor dos tempos,
E recahe na penuria. É esta a hora
Em que de um terreo lar, sem luz nem fogo,
Onde Camões, ¡Camões! dorme no feno,
Sahe esse Antonio, o Tito dos escravos,
O escravo da amizade, e ousa nas trevas
Um pedir, que injuria os ceos e a terra...
Accudi a Camões que expira a' fome.
Que lagrimas sublimes lhe-rebentam,
Quando uma ou outra mão, lá d'hora em hora,
Passa e deixa cahir ceitil escásso
De seu senhor no capacete humilde!
Elle o-estende, mostrando-o repassado
De balas de infieis; nenhuma o-cinge
De tanta e tanta palma que seu dono
E colheu, e cantou. De rua em rua
Pede, invoca, enrouquece; a quantas portas

De damas, de senhores, já famosos,
Do poeta no canto, e nos amores,
Não foi talvez bater; bater vãmente!
Dá meia noite, eis volve ao seu tugurio.
Quasi toda a cidade está dormindo;
O resto se-diverte; os dous se abraçam:
Um chora, outro surri, ¿ qual soffre menos?
—» Antonio, inda ámanhã não morremos » —
— « Senhor, a charidade é quasi surda,
« A vossa gloria esteril; muito a custo
« Obtive apenas.... isso. » — « ¡ Meu Antonio!
« Que exemplos a futuros escriptores!
« ¡Que pago! que laureis! mas não importa,
« Servi os meus, um tal serviço é premio. » —
— «Não choreis» — « Meu amigo, eu não me-choro...
« Mas tua dôr me-dóe; queira a fortuna
« Pagar-te os bens que me-ficou devendo:
« Eu já me-afiz a tudo; a providencia
« Sabe que existo: os annos meus cansados
« Vão no fim; pouca vida exige pouco.
« Antonio, uma só magoa me-acompanha;
« É ter dado o meu estro, emquanto ardia,
« Aos ingratos e ingratas; e hoje velho,
« Além de um coração, não ter que dar-te. » —
—Cantai os outros (não lh'o invejo) e amai-me.
« Se eu de affectos intendo, os vossos cantos
« Valiam menos do que o vosso affecto » —
O poeta suspira; alguns momentos

Reina silencio fundo; o escravo o-rompe:
— « ¡Bem sei eu onde agora vos-queria! » —
— « ¿ Onde amigo?» — « E eu comvosco» — Ah! lá em
« Na patria que ama sempre e paga tudo » (cima
— « Não» — « Pois onde! » — « Ah! Senhor, na minha
« Terieis, como agora, o vosso escravo, (terra.
« E uma choupana vossa, e umas palmeiras,
« Que vos dessem, de graça, os ricos fructos;
« Meu amor, e o dos meus, e a paz, e o ocio » —
— « Enchuga as tuas lagrimas; não sonhes
« Mais penas para nós » — « ¿ Vêdes? aperto
« Todo o vosso thesouro entre dous dedos! » —
— « Eis o pão; » — « Mas; só pão, nem se-quer vejo
« Com que dar-vos papel » — « Qu'importam versos?»
— « ¿ Mas vosso mal? e um medico, e soccorros?
» Meu bom senhor, ouvi-me, e por piedade,
» Não engeiteis, não engeiteis meu rôgo.
» Muito ha que esta lembrança, inda que triste,
» Me-affaga o coração; foi algum anjo
» Quem me-inspirou; sem duvida; cedei-me,
» É meu primeiro, é meu extremo rogo.... » —
— « Porque não fallas pois?! ergue-te, e falla!
» Tu soluças! eu tremo; acaba, amigo » —
— « Vendei-me» — « exclama o servo em voz medrosa;
Pasma, emmudece, espera e assim prosegue:
— « Procurai-me um senhor que seja humano,
» Que me-permitta ás vezes visitar-vos;
» E vendei-me, por deus! » — « Cala-te... escuta...

» Uma voz a cantar na visinhança...
» Ouves ?... são versos meus : oh não te agradam
Aquelles tons suavissimos ? » — « Vendei-me ;
» Eis meu primeiro, eis meu extremo rôgo —
— « Meu Antonio, ámanhã vende essa espada,
» Inutil carga das paredes nuas;
» Vende esse capacete, onde mendigas
» Um cobre que te-cança, e não nos salva:
» E depois.... o hospital. Ah! meu amigo,
» Quando este capacete me-cobria,
» Conteve quanta idéa o mundo abrange,
» Mas, confesso, esta não» — «¿Mas o meu rôgo?» —
» Antonio, tambem tu!....» — Como fallavam,
Despontou a manhã. Camões lhe-entrega
O capacete e a espada; aponta a porta;
Vê-o sahir; segue-o co'a vista, e geme.

. . . .

« Adeus ninho da dôr » exclama o triste,
« E para nunca mais. » ¡Onde vai elle!
Sem guia, roto, e infermo, áquellas horas?
¡ Onde ha-de o pobre escravo ir procura-lo!
Onde, já lh'o elle ouviu; no horrendo albergue
Que a pia charidade off'rece aos pobres.
Lá corre; pede, exora; entrou, procura;
Descobre... vê... abraça... e em longo abraço
Mistura gosto e pranto, amor e queixas.
Servo, infermeiro, confidente, amigo,
Multiplica-se em mil, cerca-o de extremos;

Cumpre-lhe officios de familia e patria.
Morre Camões, mendigo entre mendigos,
Estranho aos seus, nos braços de um estranho,
Mas entre elles deu tudo; aos seus ingratos
O coração, o ingenho, a vida, a gloria:
Ao seu amigo a amarga liberdade,
Tarda fama, uns ceitis, e poucos livros.
De tão impios avós proscripta raça,
O destino em miserrima hecatomba
A teus manes, Camões, nos-sacrifica.
A injuria foi-te aseda; ah! que a vingança
Te amargaria ao fel! quem me hoje dera
Essa harpa lacrimosa, onde entoaste
Lamentos de Sião cahida em ferros,
Saudades de Israel em terra alheia!
Não ha canto no globo, onde banido
Não chore um Portuguez: aos ais d'essa harpa
Que de ais seriam echo em toda a terra!
Mas feliz seu desterro! alta saudade
Lhes-queima o coração; porém seus olhos
Não vêm da patria as longas agonias.
Nenhuma ferrea mão lhes-tapa a boca,
Ninguem lhes-manda rir quando os-açoitam.
¡Oh meus amigos, que eu chorei partindo;
Ficai, pois que o destino assim piedoso
Nos-concede essa amarga desventura,
E não nos invejeis. Se a providencia
Não marcou algum termo á nossa infamia,

E se os cantos, que a medo e a furto exhalo,
Não têm por capitolio o cadafalso,
Talvez tardio abraço inda vos-leve.
Quem viver ousaria, onde olhos lynces
Profanam té o incognito das mentes!
  Ah! meu ermo, saudoso presbyterio,
Qando será que eu veja os espaldares
De teus densos rosaes, teu tecto humilde,
O cedro hospitaleiro, as alvas pombas,
E as heras do portão e as cerejeiras,
Ornamento do adro hervoso e sancto!



EPITAPHIO

GRAVADO NO TUMULO DE UM RICO BENEFICO.

Se és pobre, lê, chora e passa!
Meu coração já não bate
Ao aspecto da desgraça!



A DESERÇÃO GLORIOSA.

CANTATA.

Ceos! ¿não ouves a trombeta
Com que a augusta liberdade
Enche a equorea immensidade
De um rebate atroador?

Adeus, Lilia! eu não resisto
A tão nobre chamamento:
Já na véla ondeia o vento
Cáro á gloria, infesto a amor.

Com a nautica celeuma
Já vão surgindo as anchoras. Que instante!
Que amargoso dever! Ah! se em teu peito
Ardia chamma egual; se, como eu sinto,
Cresce-la sentes n'este adeus funesto;
Se ardes qual me eu devóro......
Eu te-lamento, oh Lilia, e não me-choro.
Pelos ceos, por piedade, amado incanto,
Cála esses gritos, esses ais modera;
Não firas este seio que inda ha pouco

Me-juraste ser meu. Basta de pranto;
Voltarei, voltarei, amado incanto.
Olha, aprende a alegria
D'aquelle marinheiro que, assentado
Sobre a anchora que ergueu, ledo assovia:
Já disse adeus á terra; aos seus amores
Talvez tambem; mas sem fraqueza incara
As duas solidões, oceano e ausencia.
Sermos nós menos firmes
Fôra vergonha, oh Lilia. Ah! considera
Que eu não fujo de ti; se á gloria corro,
A gloria, em recompensa, ha-de apertar-nos
Estes laços de amor. Nossas cadeias
Eram de rosas só; verás quaes ficam
Mais seguras em dobro:
Como as ramas do louro as-fortificam!
Para alcançar-te, oh Lilia,
Quaes os titulos meus? thesouros raros
Tem preço não vulgar; e a natureza
Duas Lilias não fez. Deixa que eu vôe
Onde o meu braço, os meus rivaes espante,
E das armas lhes-mostre ao ferreo brilho
Que da patria de heroes fui digno filho,
Que sou de Lilia não indigno amante.
Crê-me; eu mesmo por ti córar me-sinto,
E estremecer de horror, quando esses braços,
E esse peito me-apertam, quando beijas
Esta bocca de escravo, que mal ousa

Um ai sumido emquanto a patria morre.
Sim, de teus pés arranco um vil escravo,
Que atravez de um phantastico diadema
Só via em torno luctos;
Mas em troca a teus pés, trarei, não tarde,
Um soldado que a espada te-apresente,
Forjada de grilhões, e accesa em sangue
De despotas brutaes: por entre a palma
Que espessa o c'roára, n'aquella fronte
Bella co'a negra côr dos marcios fogos,
Bella co'as cicatrises,
Conhecerás..... exclamaram teus olhos
Primeiro do que a voz n'aquelle instante:
« Parabens, patria minha, eis meu amante! »
Ceos, ¡nem mesmo este quadro
Mitiga a tua dôr! Com mais vehemencia
Me apertas inda ao seio? em nova copia
Já me-inundas de lagrimas? Ah! Lilia,
Eu sinto que a virtude me-vacilla.
¿Que te-vou eu pedir.... mas firme peço!
Do seio o amor aparta,
Suspende o pranto, e dise-me que parta.

Dise que amor primeiro
Está que o mundo inteiro,
Mas que a virtude e a patria
Primeiro estão que amor.

Que cidadão se-nasce
Antes que a amar se-aprenda,
Que exiges por off'renda
A queda do oppressor.

Fraqueza, unica força de teu sexo,
Graças aos ceos! prohibe
Cristado capacete ás aureas tranças;
Já que a victoria que em teus olhos brilha
Mavorcia c'rôa ás tuas mãos não pede,
Não serás patriotica amazona:
Mas sê Vestal da sancta liberdade,
Nutre em meu coração seu fogo eterno,
Nem permittas que amor no-lo profane:
Virgem, formosa, ingenua,
Como as Vestaes de Roma,
A sua fé, seu nobre exemplo tóma.
Crê, velando esta chamma alta e divina,
Vêr n'ella o dom maior do empyreo aos homens;
Que a salvação do Estado a-pede accesa;
Que te-contempla o ceo ¡pensa em ti mesma!
Ou vela-la, ou morrer na dôr, no opprobrio,
N'um sepulchro e co'a patria. ¿E que! suspiras?
Bem! triumpha a piedade!
Eis-te a Vestal da sancta liberdade.
Lilia, outra vez, eu parto; é vinda a hora,

Abraça-me, eu te-perco. ¿ Ouves os gritos
Que me-chamam da nau? ¿ Voar não sentes
Em teus cabellos zephyro importuno?
¡ Espera.... Lilia.... escuta!
O' ceos, de tantas supplicas, de tantas
Fallas, ajustes, votos, mal guardados
Para o funesto adeus, em vão procuro
Na afanada memoria algum vestigio.
Fica, supporta a vida: a mão que aperto,
Não por ultima vez, de cá sustente
Meu brio, meu ardor, minha constancia.
Emquanto os olhos meus verão só ondas,
Rochas, soldados, ceo, dá que a miudo
Cópia dos sons que agora me-captivam,
Tuas lettras de amor, lá vão gerar-me,
Como um celeste orvalho,
Na aridez da existencia algumas flores.
Escreve-me que vives, que a tua alma
Não mudou para mim: permitte ao pranto
Apagar livremente o que escreveres.
Meu coração, sem o menor estudo,
Saberá bem ler tudo,
Pranto, phrases, amor, patria, deveres.
Se o fado me-surri, minhas respostas
Serão sobre cadaveres escriptas
De vis escravos co'o damnado sangue.
Porque hemos de chorar? o dia inteiro
Me-verá sentinella, ou combatente

Na praya, ou nos fragosos baluartes;
De noite um somno breve, e Lilia em sonhos
Me-enganarão a ausencia.
Antes de adormecer, já reclinado
Nas orvalhadas rochas,
Ante a lua prateando as vagas èrmas,
Cá virá meu espirito invisivel
Ver-te, abraçar-te, ouvir-te; ah! não duvides,
Em tudo, ó Lilia, me-haverás presente.
A luctuosa côr de teus vestidos
Vê-la-hei, verei tranças desatadas
Sem adorno adornadas.
Os dedos distrahidos
Verei correr no quérulo piano,
Ora ensaiando penas,
Ora em sumido som da gloria os hymnos:
Ouvir-te-hei, quando lendo, ou já Lucrecia,
Ou Virginia, ou Cornelia, alimentares
Em tua alma romana eguaes virtudes.
Pois que é meu, dirás tu, romano o-quero,
Bruto, Virginio, ou Graccho.
Sim, já te-escuto, e taes serão teus votos,
Votos que hei-de cumprir, por Lilia o-juro!
Pela patria, a rival que a Lilia vence,
Por este não venal, sagrado ferro,
E pelo rei dos reis que nos-fez livres!
Já me-sinto no seio alvorotado
Um não sei que divino; esta alma cresce

Ante o aspecto do p'rigo, alto presagio
Do favor do destino: eu vejo as ondas
Livres e furiosas
Exultando, ao troar das nossas ballas,
Jogando com desprezo os lenhos rotos,
Os mastros incendidos,
E os infames cadaveres sem campa
D'esses tigres estupidos, só tigres
Com quem lhes-quebra os ferros.
Vejo nas crespas fragas estalando
Seus peitos desleaes, e a liberdade
No penhascoso solio ensanguentado
Cingir eterno louro,
E apontar-nos o Tejo. Ai do Jugurtha
Quando, rasgada a purpura, chorando
Thesouros com que a fé comprar suppunha
De senados crueis, desamparado
De uma africana abjecta soldadesca,
Do solio que usurpou, descer aos ferros
Da triumphal carroça; e desditoso,
Sem obter uma lagrima, e devido
Victima ao ceo e á terra, entrar raivando
No carcere e em si mesmo.
Então, e só então, livres e ovantes,
Acharei a ventura entre os teus braços:
Não cabem com grilhões de amor os laços,
Nos livres é virtude o ser amantes.
O hymeneu, cuja imagem deleitosa

Nos-surriu tanto e tanto, ha-de vir tempo
Em que seja um dever, como hoje é crime.
Por elle á natureza pagaremos
O fôro universal; daremos, Lilia,
Á patriá cidadãos, emquanto agora,
Só de pensa-lo tremo, o bem mais doce,
Outro eu, outra Lilia que pendesse
Ao teu seio de mãe, seria de ambos
Continua reprehensão, continuo susto.
¡Ir arrancar do nada, ir dar co'a vida
Servidão, infortunio, opprobrio a entes
Que devemos amar! Ah! se é terrivel
Matar seu filho ao limiar da vida,
Para uma alma sensivel
Esse crime, a par d'este, attrahe, convida.
Deus! lá trôa o canhão: valor, constancia!
É signal de partir! Ultimo beijo,
Ultimo e parto. Evita a praya; foge;
Não me-exponhas á misera ventura
De ficar ao teu lado;
Esquece o amante, e pensa no soldado.

Soffre a vida, ou volte ou morra:
Ver-me-has teu, se-torno avante;
Se morrer, soffre outro amante
Que nos-haja de vingar.

Póde amor, e não a patria
Dispensar na lealdade:
Mas se a amor só tens piedade
É seu ultimo rogar.



DEFENSA DE UM INCONSTANTE.

CANÇONETA.

Desterra teus vãos ciumes,
Festejo a quantas são bellas;
Mas sempre a rainha d'ellas
És tu, Armania cruel.

De teu semblante as lindezas
Adoro n'outros semblantes:
São meus passos inconstantes,
É meu coração fiel.

Não t'o-nego, com Armia
Fallo ás vezes em segredo;
Não t'o-nego, este arvoredo
Viu-me com Lilia brincar:

Porém com Lilia só brinco,
Por ter nos brincos teus modos;
De Armia os segredos todos
Os teus me-fazem lembrar.

Furtei (confesso, e tu viste)
Dous beijos, ou tres a Estélla;
Gabavam-me os beijos d'ella,
Quiz ver, se eram como os teus.

Toquei no seio de Tirse
De rosa uns botões fechados;
Tu és bella em teus enfados,
Quiz ver, como era nos seus.

Se a Ismene pedi cabello,
Foi só, por tambem ser louro;
Fui rico do teu thesouro,
Sem o-obter da tua mão.

Amo em Gertruria o teu riso
Amo os teus olhos em Jonia;
Préso nas cartas de Aonia
Tua escripta, e discrição.

Um só coração me-coube,
E tu és a flôr das bellas!
Nem mesmo entre os braços d'ellas
Te-fôra infiel jámais.

Por distracção tenho ás outras
Vezes mil teu nome dado,
E até hoje inda a teu lado
Não tive enganos eguaes!

Meu pensamento amoroso
É qual Favonio entre as flores,
Que a mil susurrando amores,
Elege a rosa entre mil;

Por todo um jardim vagueia,
Mas guarda a affeição saudosa;
Passa, e lembra-nos da rosa,
Da rosa ingenua, e gentil.

Quanto mais julgas, ingrata,
Perder a tua conquista,
Tanto mais se augmenta a lista
Dos teus triumphos sem par.

¡De meu coração te-queixas
Serem sem conto as rainhas!
São escravas, que não tinhas,
Que vão teu carro puchar.

Dez Analias te-abandono,
Jonias duas, seis Themires,
E apoz estas, quantas vires
De semblante encantador.

Armania, sobre aureas rodas,
Por tuas rivaes tirada,
Sóbe, de myrto c'roada,
Ao capitolio de amor!

Lá, sobre as aras do nume,
Jura um premio aos meus ardores.
Quanto amará teus favores,
Quem tanto os desdens te-amou!

Depois, soffre, que ame sempre
Em teu sexo a todos grato,
Os pedaços de um retrato,
Que a natureza quebrou.



A JOÃO JORGE DE OLIVEIRA E LIMA.

CARTA.

S. Mamede da Castanheira
dó Vouga, Maio de 1829.

No fim dos insulsos mezes
Das tão praguejadas chuvas,
Quando já ninguem contava
Com mais pão, azeite, ou uvas;

Quando as terras eram calda,
E as casas montes de lama,
Nem os campónios sahiam
Do lume, nem eu da cama;

Quando já todos resavam,
E um compadre me-dizia
Que tractasse eu da minh'alma,
Que o mundo se-derretia;

De repente vira a grimpa,
Raia o sol, fervem festejos,
E do norte aqui nos-voam
Vento e musa, e vinho, e beijos.

Não foi mais o pasmo e o gosto
Na face lisa e vermelha
De Noé, findo o diluvio,
Ao ver o *arco da velha.*

Qual do cavallo de Troya
Se-começou a descer
Longa fila de valentes,
Que puzeram tudo a arder,

Taes da prenhe enorme caixa,
Apenas se-abriu em casa,
Os bravos frascos sahindo
Puzeram todos em brasa.

Quanto perdeste em não ver
Este alvoroço geral!
Ha muito tempo que tanto
Se não ria em Portugal.

Dançavam velhos e moças,
Dançavam moços e velhas;
Um andava ás cambalhotas,
Outro guiava as orelhas:

Muitos berravam saudes,
A quem tanto bem mandou,
Um entoava o *Te Deum*,
E eu cantava o *Rei-chegou.*

Um capitão reformado,
Que na passada campanha
Foi tambem provar á França....
Do Bordeus e do Champanha;

Que hoje digere á vontade,
Sem banda nem boldrié,
E que tem voto por quatro
Em vinho verde e agua-pé,

Decidiu, que nas tabernas
Francezas nem hispanholas
Nunca um Baccho se-topara
Que d'este chegasse ás solas.

O bom cura enthusiasmado
Lhe-dizia — tem razão! —
Vinho egual só o dos cachos
Da *Terra da Promissão.*

Assim uns depois dos outros
Foram louvando os teus frascos,
Quando o siso afogueado
Entrou a assentar nos cascos.

Eu tambem, que tinha ouvido,
Que todo o vinho creado
Lá n'essas terras do norte
Era vinho de enforcado,

De Orfeo dezejei a lyra
Para chamar taes carvalhos
Para o logar d'estes nossos,
Que dam zurrapa e bogalhos.

Esses produzem delicias,
Prazeres, versos, risadas;
Estes por cá geram moscas,
E moscas de chuço armadas.

Mas cuidas que eu, tendo a lyra
De aureas cordas feiticeiras,
Me-contentava em roubar-te
Os carvalhos e as videiras?

¡ E as meninas! cujos beijos
A tua carta me-traz!
Beijos mais fortes que o vinho,
Pois tiram o siso e a paz!

¡ E tu mesmo! Sim, tu mesmo
Em guarda do côro lindo
Ou com vontade ou sem ella
Cá virias rebolindo.

Depois, para segurar-vos,
E evitar a deserção,
Traria ao som de sonatas
O que falta á solidão,

O Luxemburgo e Versalhes,
Aureos theatros de França,
Os passeios de Cithera,
Modistas, jornaes de dansa,

Dez cozinheiros da Italia,
Leves carrinhos inglezes,
E o teu tio padre mestre
Para teu debique ás vezes.

Mas essa lyra perdeu-se
Como as varas de condão,
Não ha senão o teu vinho,
Quem me-enfeite a solidão.

E pois não posso obrigar-te,
Ao menos pedir-te posso,
Que não faltes á palavra,
E voltes ao ermo nosso.

Vem ver amigos saudosos,
Vem um desterro alegrar,
Prova-nos ser digno filho
Dos *bons homens de Villar.*

Quando o enlameado octubro,
Terror dos collegiaes,
Te-chame ao throno de pinho
Das *questões* e das *mordes*,

Dá uma saltada aos montes;
Vem ver o urso poeta;
Esquece uns dias que és loyo,
Para ser anachoreta;

Mas não temas ver o mesmo,
Que achaste da outra vez,
Que agora cá estão as fadas
De cabecinhas de pês:

Alcina e Armida creavam
Uns Elysios de improviso;
Estas alcinas de vidro
Fazem d'isto um paraiso.

Fazem ver jardins nos matos,
Andar as casas aos pulos,
E dançar por esses ares
Os bosques e os Caramulos.

Então, apesar da murça,
E académico diploma,
Renovaremos na Beira
Os *jogos floraes* de Roma.

Se tudo isto não bastasse
Para vencer a aversão,
Que sem duvida te-inspira
Tão agreste solidão,

Dir-te-hia, que, pois quizeste
Ser *meu padre director*,
Não deves abandonar-me
No meu apêrto maior.

Trago escrupulos terriveis,
Mas cuja causa tu déste,
Já co'a carta tentadora,
Já co'o teu nectar celeste:

O nectar, bebo-o com-gosto,
E gosto particular;
E creio que ha moralistas
Que a isto chamam peccar;

A carta, co'os negros beijos,
Me-inspira soberba e mais....
Emfim por ti tenho ao menos
Dous dos peccados mortaes.

Sim; tenho soberba, e gula,
Mas Deus, que vê meus transportes,
Bem vê que se elles são grandes
Tambem as razões são fortes.

Vem pois, meu Lima, não tardes
A acalmar-me a consciencia
Co'os textos da irmã da minha,
A tua immortal sciencia (*).

No entanto irei proseguindo
Nas minhas iniquidades,
Bebendo o duque, e adorando
Desconhecidas deidades.

Com c'rôa de parra e murta,
Duplicado immolador,
Irei matando o meu tempo
Em honra de Baccho e Amor.

Mas, a proposito, amigo;
Sabes tu que a minha sina
Só me-dá ter dulcinéas,
E é cousa que me-amofina!

Emquanto tu de osso e carne
As-achas de todo o lote,
Eu por aereas princezas
Me-abraso, novo Quixote.

Ceos! d'estas novas senhoras,
A quem dedico os meus ais,
Nem sei os nomes, nem mesmo
Se são duas, tres, ou mais.

(*) A sua, Theologia: a minha, Canones.

Mas saiam quantas sairem,
Sou de todas cavalleiro,
Coube-me o genio de Ovidio,
Posso amar o mundo inteiro.

Mafoma é falso propheta,
Mas conhece os corações;
Viu que a ternura de um homem
Póde abranger multidões.

Se o que dava harems na terra
E huris nos ceos aos fieis
Não fizesse em lombo e vinho
Dous interdictos crueis;

Dobrado imperio por elle
Ganhára o infernal careca;
Mais perigrinos iriam
Ver o tumulo da Méca.

Tu, mais benigno, dás vinho,
Que faz a gente feliz,
E concedes mesmo em vida
Celestes beijos de huris.

Ora pois, nunca as mãos doam
A quem faz tal uso d'ellas,
D'hoje a um anno egual remessa,
E egual mensagem das bellas.

EPIGRAMMAS.

I.

Amigo, estou tão poeta,
Que em versos consumo o dia,
Tomára achar um remedio
Que me-curasse a mania.

Se queres gelar o estro
Isso está na tua mão,
Lê as odes do Filinto,
E os sonetos do Garção.

II.

Brevemente sahe á luz,
Obra de um genio distincto,
Uma versão portugueza
D'opera omnia de Filinto.

III.

Amigo, tive esta noite
Negro, horrivel pesadelo;
Ainda ao lembrar-me d'elle
Se-me-arripia o cabello.

Deus te-livre, e livre a todos
De sentir o que inda sinto:
Pois não sonhei que me-liam
Tres paginas do Filinto?



AO USURPADOR

EX-INFANTE MIGUEL MARIA DO PATROCINIO

NA SUA SAHIDA DE PORTUGAL.

EPISTOLA.

Promisi ultorem; et verbis odia aspera movi.
Virg. Æn., lib. 2.

Em hora má do porto desaferres,
O' principe das trevas, cujo nome
É do bardo fiel defeso á lyra.
Em tres vezes má hora a prôa infanda
Commetta o mar co'as furias por nereidas,
Por galerno os tufões, e ao leme.... a parca.
Possa a brisa da terra aos teus ouvidos
Só levar ais dos teus, e vivas nossos!
Possas tu não sentir nas asas d'ellas
Mais que orvalho de lagrimas, que nutra
Na aridez de tua alma agros abrolhos.
Vomitára-te o oceano em nossas prayas,

Monstro devorador; leve-te o oceano.
Cumpriste o encargo teu; jaz nua a terra,
Sangue os rios, ruinas as cidades.
O' mar, a cujas brenhas o impio affoita
A vida, n'este solo mal segura;
O' mar, que em tua infancia devoraste,
Por criminosa, a geração dos homens;
Que profundo, que indomito, que immenso,
És emblema e pregão de liberdade,
Estampado por Deus na face do orbe,
Ahi tens o usurpador e o parricida,
O réo mais negro, o mais feroz tyranno....
¿Que farás d'elle? E se astros vingadores
Te-vedam subverte-lo ao ceo que infama,
¿Onde irás tu depô-lo? ¿Em que rochedos
De listrigões ou cyclopes? em que antros
De ursos ou de dragões, seus dignos socios?
Antro ou rocha haverá que não se-afundem
¿Se a praguejada quilha ousar tocar-lhes?
No Atlantico, e bem longe, entre dous mundos
Lá estão de Sancta Helena eternas rochas,
Onde do grão proscripto inda hoje os manes
Misturam seu gemer aos sons das vagas....
Não: — das vagas rainha abominosa,
Refalsada Albion, alli sepulta
Da omnipotencia o filho, o novo Atlante
Sustedor do Universo; alli concentra
N'um ponto só toda a grandeza humana;

Mas quer, nos muros seus, que chama livres,
Agasalhar os despotas do mundo,
Sacudidos do solio horrorisado!
Lysia te-arroja do rasgado seio,
C'roado, imberbe algoz; mas (não desmaies)
Vais opulento; Albion, a prostituta,
A prostituta vil, te-alonga os braços.
¡Que mendigo quizera esses thesouros
Co' um'hora d'essa vida ¡ou que alma ingleza,
Ingleza mesmo, acceitaria o pacto!
Vellarás entre cofres, que atulhaste
De lagrimas e sangue; em montes de ouro
Revolverás teus somnos transparentes;
Pernoitarás armado; a cada instante
Ullularás no horror das trevas mudas,
Vendo espectros de velhos, de meninos,
De mulheres, de heroes, e a régia sombra
Do piedoso, em quem pae não conheceste.
« ¡Nós te-esperamos » clamarão ferozes,
« Nós te-esperamos lá! Viver na historia
« Foi teu dezejo, e.... viverás: mas caro
« Te-ha-de custar; que a eternidade existe.
« Se hypocrita o não creste, aprende-o; pasma! »
Assim dirão partindo; e tu convulso
E accordando ao tremor das proprias armas,
Saltando em terra bradarás « ¡soccorro! »
Porém debil, como homem que ha fugido
Mãos de mortos, e traz inda no rosto

A pallidez, reflexo do outro mundo.
  Melhor que a noite não será teu dia.
Se as proprias tuas victimas soubessem...
Davam-te inda uma lagrima. Opprimido
Do ferreo ceo do Inglez; a vista ao largo,
Por sobre o equóreo immenso, em vão buscando...
Não patria; que a não tens: — não já parentes;
Que os-proscreveste: — amigos não; que amigos
Só a virtude os-conta; — mas escravos,
Mas pompas, mas poder, e o ar e o solo
E a primavera d'estes campos lusos; —
Não vendo mais que aspectos orgulhosos,
Mofadores talvez; não mais ouvindo
Venal lisonja deificar o opprobrio,
Mas sons de lingua barbara, que ignoro
Julgarás sempre execrações e insultos; —
Fugindo ás multidões, onde olhos lynces
Te-estudarão na face arcanos da alma; —
Não parando nos ermos inaccessos
Com medo ao luso ferro; — ousando apenas
Beber do rio as aguas fugitivas,
Comer dos fructos da arvore colhidos
Por tua propria mão.... ¿que vil mendigo,
Que alma ingleza invejára essa fortuna?
Invocarás em teu delirio a morte:
E a morte, que alistaste em teu serviço,
Virá emfim, virá. Tua alma solta,
Mas avergada de flagicios negros,

¿ Onde se-irá perdida? O livro grande
No dia da trombeta pavorosa
Responderá, se humanos o não ousam.
Mas teus ossos na terra, e sob a lagea
Dormirão somno máo; teu nome inscripto
Não pedirá suffragio ao passageiro:
Teus frigidos Bretões, em teu sepulchro
Não plantarão cypreste, a cuja sombra,
Tremulada do vento, errem teus manes:
Não, que já não terás com que pagar-lh'o.
Peregrino, cançado do caminho,
Nunca irá, posto o sol, tomar descanço
N'essa pedra infamada: e se algum'hora
Passo ou voz te-quebrar mudez profunda,
Não será de philosopho ou de amante,
Que entre urnas vão scismar e entristecer-se;
Serão festins e canticos de Lusos,
Serão danças, de rosas coroadas
Dos filhos de teus martyres. — Vae, monstro:
Sólta a véla, ergue as anchoras, restruge
Com o canhão derradeiro a praia livre;
Desapparece. ¡ E prestes no horisonte
Se-te-abysmem, co'a vista d'estes cumes,
As illusões e as ultimas esp'ranças!
Ah! ¿ quaes vão ser teus longos pensamentos
Debruçado da tremula amurada
Sobre a rota, fugaz, sonora espuma?
¡ Quem o-sabe! A poesia, pois que empresta

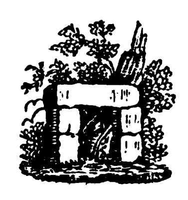
A penhascos sentir, idioma aos brutos,
Ouse pôr em tua alma entendimento:
« ¡Assim nascestes, minhas glorias leves,
« E assim passastes! Hontem rodeado
« De vassallos sem numero, de lanças,
« Que á minha voz corriam rebanhadas
« Como seara ao vento; e hoje ludibrio
« Dos esquadrões horrísonos das vagas!
« ¡Eu, cuja mão cruenta era osculada
« De um povo altivo; eu, cujo olhar fulmineo
« Infundia o terror, vejo orá inulto
« Surrir-me ao lado o nauta, o passageiro
« Olhar-me face a face, e o sentinella
« Voltar-me impune a espalda insultuosa!
« ¡Tudo me-abandonou, qual nevoa errante,
« Se a-fere o sol do estio, o sol do Tejo,
« Que eu nunca mais verei! ¡Eu trahi tudo,
« E tudo me-trahiu! — ¡De braços tantos....
« Não tive um, que fiel me-assassinasse!
« ¡E eu, eu porque o não fiz!.... Perdendo tudo
« ¿Não me-restava um ferro? ¿eu não podéra
« Com formoso morrer lustrar meus crimes?
« ¿Tanto habito de morte, uso tão longo
« De beber sangue, prometteram nunca
« Tão cobarde vileza? ¡Oh! que é terrivel
« Como porta de averno a sepultura!
« Eram, e são comigo os meus remorsos;
« Elles sós contra si detêm meu pulso:

« ¡Se eu cuidára co'a vida anniquila-los,
« Lançára-me ao profundo! — Ai! que não haja
« Em roda d'este mar, nas raias do orbe,
« Refugio, onde ao remorso um réo se-esconda!
« ¡Longe, longe, pezares importunos!
« Reinei, máo grado ao ceo, máo grado aos homens.
« Meu carro triumphal deixou vestigios
« Fundos em mais de um seculo. ¡Fui grande!
« De almas plebêas o remorso é filho.
« Para o-perder de todo, ¡oh! se eu podesse,
« Novamente perjuro, entrar em Lysia;
« Colher meus vencedores generosos,
« E puni-los de o-ser; cingir meu throno
« De um muro de cadaveres!... Deixada
« Da religião a mascara já rôta,
« Requintára em feroz, se inda é possivel.
« De horrores, que espalhei, não me-arrependo:
« Desespera-me, sim, que esses horrores
« Firmassem mais a odiosa liberdade:
« Era tenue scintilha; eu, vento adverso,
« A-fiz incendio, que devora tudo. »
Taes sejam teus verdugos devaneios
Por solidões do mar, emquanto os Lusos
Restauramos, em paz esperançosa,
Terra de nossos paes, desafrontada.
Não bastarão á fama as cem trombetas
Para te-irem ralar de dia em dia
Co'os bens que dadivoso o ceo nos-chova;

E co'as glorias dos teus dobrar teus luctos.
Mas luctos, mas remorsos ¡ que te-importam,
Se do mal contra o mal tens feito escudo,
E do que um vicio dóe te-curam vicios!
Socios de corrupção jámais fallescem;
Com elles dissipando idéas torvas,
Restaura, alonga, perpetua as orgias.
Afoga na ampla taça o ultimo raio
Da cadente razão; persegue as féras,
Menos féras que tu; no circo usado
Vae bravesa ensinar ao touro horrivel;
E, cançado de insania, adormecer-te
Nos braços de uma Aspásia, ou Láis ou Phryné.
Teus primeiros recursos foram estes,
Estes serão teus ultimos recursos.
¡Que seria de nós, se em tua fronte
Durasse até ás cãs essa usurpada
C'rôa, cahida emfim! ¿Que pouparias,
Affeito ao sangue, tu, que para jogo
O-derramavas na viçosa quadra,
Quando a alma natureza é meiga em todos,
N'essa idade, em que Nero inda era pio?
Mas amor os leões e os tigres dóma,
E para ti amor não tinha um laço.
¡A tua raça (¡parabens ao mundo!)
Raça de monstro, acabará comtigo!
Graças aos outros despotas, não houve
Princeza, que por victima arrastasses

As aras de hymeneo. Falhou nos impios
D'esta vez a politica: ¡sobre ella
Uma vez triumphaste, ó natureza!
Nenhum quiz o labéo de haver-te filho,
Nenhum d'esses, que amavam nossos ferros,
E que apenas o som da queda tua
Lhes-echoar nas abobadas douradas,
Têm de chorar amargo entre blasphemias.
Mas elles que estremeçam, chorem, rujam,
Mordam-se; já ninguem lhes-teme as iras.
Mais sancta convenção reune os povos,
E metade dos reis tem parte n'ella.
Dos outros o poder velle os seus servos;
Fará muito: da edade o dente occulto
Os thronos carcomeo, já não é raro
Que dos crimes o peso allua os thronos.
  Não foi para applacar da ursa os filhos,
Inimigos da luz, que em Lysia houveste,
O' barbaro, perdão, thesouros, fuga.
Sequioso o cadafalso te-pedia;
Mas foi lei do Senhor na infancia do homem,
Não matarás Caim. — Deram-te a vida
Porque inchentes de sangue generoso
Co'um pouco sangue vil se não remiam;
Deram-t'a, porque longo te-consumam
As venturas de Lysia, e gotta a gotta
Pelos ouvidos vás bebendo a morte;
Deram-t'a emfim, porque a ninguem dás sustos,

Mas compaixão e horror: embora abrindo
Teus avarentos cofres, alugasses
As vozes, o senado, as náus, e as tropas
Da que ao turbante e á cruz serviu na Grecia:
Foste nimio cruel, não nos-dás sustos.
¡E ousar d'esses Bretões o bardo altivo
(¡Maldicções á injustiça até do genio!)
Ousar chamar ao Lusitano — *Escravo*,
E dos escravos o infimo — quando elles,
Mais que ninguem, nos ferros nos-retinham!
¡Quando nos pactos improbos da força
O luso sangue, a lusa liberdade
Era por elles sotoposta ao ouro!
¡Fomos servos, mas servos insoffridos;
Servos sempre em murmurio, e odiando-os sempre;
Servos, que dos grilhões fizemos armas,
E te-affrontámos, despota, e vencemos,
E somos livres, e o-seremos sempre,
A despeito de ti, de Albion, do mundo!
¡Vae! São dignos de ti, e és digno d'elles!



A UM AMIGO MEU

NO DIA DOS SEUS ANNOS.

A ti, que em tão ferrea edade
Lembrar fazes aureos dias,
E que inda em tempos melhores
Citado exemplo serias:

Que, se obscuro não vivesses,
Fizeras crer aos mortaes
Nos idyllios do meu Gessner,
Nos tempos patriarchaes :

Homem bom, não por virtude,
Mas por indole e condão,
Bom, como as rôlas são meigas,
E as rosas fragrantes são :

Tu, que em nossa terra és livre,
E feliz em nossa edade,
Porque tens dentro em ti mesmo
A ventura e a liberdade;

Porque na esposa e na prole
O teu mundosinho abraças,
E albergas em manso asylo
O talento, o amor, e as graças:

Permitte que o vate amigo,
Co'a lyra dada á virtude,
Os teus festivos penates
N'este alvo dia saude.

Entre, bem-vinda, em teus lares
Musa, que, estranha á mentira,
Nunca deu rosas no inverno
Ao natal de uma Belmira;

Nem, por fazer salla aos grandes,
Em seus escusados annos,
Lidou por furtar ao tempo
A foice dos desenganos.

De flores sem mel, nem cheiro,
Que não vivem mais que um dia,
Para assentar-se ao teu fogo
Não se-ha-de ornar a poesia.

Tal como a-présas a-devo;
Qual a-devo, a-dá meu peito;
Ás musas, que tens em casa,
Seja o pobre canto acceito.

¡Como a tua festa eu amo
Toda de amor e alegria,
Sem galas, nem luminarias,
Nem salvas d'artilheria!

Com repiques e foguetes
Não se-alvorota a cidade;
São os annos da ventura;
Não são os da magestade.

São puros contentamentos
A quem apraz a solidão;
Porque não é pelo estrondo
Que logram ser o que são.

Como flores preciosas
Em secca estufa encerradas,
Seguras de estranhos ares,
Desabrocham perfumadas;

No domestico retiro,
Só vistos do ceo que os-ama,
Florindo estão mansamente
Para si, não para a fama.

Nenhuns jornaes falladores
Dirão gostos que aqui ha;
A festa, que eu presenceio,
Nenhuma historia a-dirá.

Mas podesse a musa minha
Pinta-la muito em segredo
Aos raros que de ser homens
Não se-correm, nem tem medo.

Leve a história os seus monarchas;
Eu lhe-diria: « Sabei
« Que hoje n'este imperiosinho
« Se-festeja outro bom rei;

« Não rei, que á herança ou conquista
« Devesse os titulos seus,
« Mas rei pela natureza,
« Mas rei que reina por Deus.

« Rei, como foram por certo
« Os primeiros das nações,
« Por cartas tendo a bondade,
« O amor por constituições.

« Rei, cuja ausencia é saudade,
« Cuja presença alegria;
« Rei, cuja lei é o exemplo,
« Cuja força a sympathia. »

Eis o que todo o seu povo
Cá n'estas horas douradas
Festeja, como o-festejam
Os córos das boas fadas;

As quaes, tecendo invisiveis
Dançares de boa estrea,
Formosa vida lhe-cantam
Co'a bocca de risos cheia:

« Meio seculo te-démos,
« Meio seculo nos-déste;
« E nem de longe inda vemos
« O cume de teu cypreste.

« Outra metade nos-deves,
« E nós tambem t'a-devemos:
« Dormi, Parcas! parai, fusos!
« Este é nosso: Irmãs, cantemos!

« Cantemos, irmãs, as bençãos
« Das eras patriarchaes:
« Meio seculo é volvido;
« Dêmos-lhe outro tanto, e mais.

« Vida levada entre amores,
« Cultivada na bondade,
« Se homens podessem ser numes,
« Duraria a eternidade. » —

Até aqui julgo escutar-lhes
A suavissima canção:
Ai! quem lhes-ouvira o resto,
O melhor da predicção!

Se um vate póde mover-vos,
O' vós, fadas carinhosas,
Eu vo-l'o peço, entoae-lhe
Um porvir todo de rosas.

Como dos gêlos do norte,
Apoz longa ausencia crua,
De novo o-restituistes
Ao bom ceo da patria sua,

Do labyrintho espinhoso
Dos negocios e árdua lida,
Onde a publicos ingratos
Immola o descanço e a vida,

Por vossa mão (se é preciso
Um prodigio, amigas fadas)
Transportae-o solto e alegre
Para as rusticas moradas.

Ellas lhe-têm os desejos,
Todo o seu amor é d'ellas:
Desterrae-o para os frescos
Viçosos campos de Bellas.

Pois que o-merece, alli gose
Da familia entre a ternura,
Os quadros da natureza,
As delicias da leitura,

10

O incanto das bellas-artes,
Prazeres do tracto agreste,
E já na vida do mundo
Ante-gostos da celeste.

Lá, por entre arvores suas,
E de aves suas saudada,
Vezes sem conto esta aurora
Lhe-renasça afortunada.

Vezes sem conto o-c'roemos
Á sua mesa natal,
De quanta flôr esquecida
Nos-deixa a quadra invernal.

E porque nada lhe-falte
A seus tacitos desejos,
Emquanto as cãs lhe-sorrirem
Sob as grinaldas e os beijos,

Pascer-se-ha sua alma em versos
Pelo meu amor dictados,
Escriptos por sua filha,
Por seus netos recitados.

EU, ANTÃO VERISSIMO, E A MOSCA.

PARABOLA.

Eu tive um condiscipulo amantissimo,
Que era um sancto rapaz, e nada cábula,
Transmontano, por nome Antão Verissimo,
E, como eu, estudava para rábula.
Tinha por vil a herdada vida agricola,
E rindo-se assignava na matricula.

Sapato engraixadinho, e meia fina
Substituiu á tamanca costumada;
Á vestea de burel capa e batina,
Gorro ao grosso chapéo, Paschoaes á enxada,
A senhoria ao tu, á broa o trigo....
E um viver novo ao seu viver antigo.

Se o habito per si fizesse o monge
Sem precizar disposições internas,
Se para um côxo em pouco tempo ir longe
Lhe-bastasse o cuidar que tinha pernas,
Sem duvida seria Antão Verissimo
Estudante, e estudante chapadissimo.

Como lavrando desbancava a mil,
Suppoz, que estudar leis e segar herva
Seria o mesmo, não sabendo o *nil*
Invita dices, faciesve Minerva,
E um canon do Genuense (que diz muito!)
— Não tentes o que excede o teu bestunto. —

Os termos de Paschoal e Cavallario
Gastava a procurar o dia inteiro
No martyr descosido diccionario;
E á noite decorava ao candieiro.
Ir á aula, almoçar, jantar, cear
Só tinha vago; o mais era estudar.

Dizem, que *quem porfia mata caça;*
Julgo proverbio de cabeça tosca.
Vamos á historia: Um dia na vidraça
Viu o nosso doctor asuada mosca
Esvoaçar, zunir, andar marrando,
Passagem pelo vidro procurando.

Poz de parte um momento a lei mental,
E co'os olhos no insecto, exclama assim:
» ¡Oh que teimoso e estupido animal!
» Embora teimes, teimarás sem fim:
» Por entre ti e o sol não vês que está
» Um vidro, que passagem te não dá?

» Segue o exemplo das mais, que andam com gosto
» A dançar sobre aquelle assucareiro;
» Do amigo que alli dorme chucha o rosto,
» Depois esmóe a andar no travesseiro. »
Eu, que dormir fingia, e não dormia,
Da tal offerta em trôco assim dizia:

» Déste á mosca um conselho prudentissimo;
» Tão bons os-dês tu sempre em sendo rábula!
» Mas és qual frei Thomaz, Antão Verissimo,
» Ou como o homem da tranca na parábola.
» Dez vidros furaria esse animal
» Antes que intendas uma lei mental.

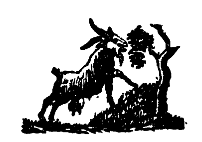
» Entre ti e a sciencia ha vidros baços;
» Nem tu, nem cem de ti os-romperiam:
» Vende o candieiro, a loba, e os calhamaços,
» Torna-te ás terras que batatas criam.
» É melhor ser um farto lavrador
» Do que um mirrado e estupido doctor.

» Manda ao inferno os livros sybillinos,
» Vem para a cama conversar comigo:
» De Horacio eu fallarei, tu de pepinos,
» Depois eu de Virgilio, e tu de trigo.
» Tire das leis com que dar uso aos queixos
» Quem póde; e cada qual gyre em seus eixos. »

N'esta fabula historica se-intima
O que ninguem ignora, e não se-observa:
A tal sentença velha, obra mui prima
Do — *nada faças, se o não quer Minerva.* —
Isto é; que um genio, que nasceu de encôlhas
Não vá metter-se a redactor de folhas;

Que um mestre sapateiro, afreguesado,
Não vá ser na tragedia actor primeiro,
Que em transportes de principe ultrajado
Ralhará como mestre sapateiro;
Quem nasceu para chufas e chalaça
Nem epopéas, nem tragedias faça;

Que aquelle que nasceu para ladrão,
Seja ladrão de estrada, e não juiz,
Procurador, letrado ou escrivão;
Que um bode se não metta a ser derviz,
Nem um burro a academico; nem.... nem....
Exemplos d'isto..... numero não tem.



SONETOS.

Foi uma bella festa a do anniversario de Sua Magestade a Rainha em 1834.

D'entre os innumeraveis festejos de tal dia e noite, nenhum, cuido eu, sobre-levaria ao baile, dado a SS. MM. no arsenal do exercito. Fôramos convidados, meu irmão Augusto Frederico de Castilho, e eu, para recitarmos, na presença das augustas personagens, a Rainha, o Imperador e a Imperatriz, algumas breves poesias accommodadas ao tempo e ao lugar, que em verdade era inspirador. As sallas brilhavam ornadas todas de trophéos de armas. Por ellas gyravam alguns dos generaes de D. Pedro, com os seus lauréis da véspera, ainda tão viçosos: por baixo das janellas corria o Téjo, nunca deslembrado das suas glórias velhas.

Dos sete sonetos, que seguem, os dous primeiros, de meu irmão, e os cinco restantes, meus, nenhum chegou a ser recitado, porque uma leve alteração sobrevinda a subitas na saude de S. M. F. lhe não consentio demorar-se aqui mais de um quarto de hora.



I

Da lusitana civica pharsalia
¿Quem é esta que brilha entre os horrores,
Qual brilha juncto a Marte a mãi de amores,
Deixados os vergeis da amena Idalia?

Campeão da liberdade, o avô na Gallia
Obteve estatuas, canticos e flôres;
O pae, ao vencedor dos vencedores
Pediu a espada, e mereceu a Italia.

Cópia da mãe, no amor, na formosura
De livres digna prólc, a Pedro unida,
Firma-o na gloria, inchendo-o de ternura.

Para bem nosso e d'elle és tu nascida:
Paga-o tu só da publica ventura
Dando-lhe a par de um anjo um ceo na vida.

II

É grande o macedonio heroe de Arbella,
Mas chora só talar um globo inteiro.
Grande é Pompeo, mas despota guerreiro
Cesar, dos fados lhe-desluz a estrella.

Grão Constantino inda hoje nos-flagella
Co'o fanatismo que arraigou primeiro.
Luiz, monstro brilhante, em captiveiro
A França exhaure, em quanto as musas vella....

¡Basta!... Aos grandes do mundo, inda assom-
Surge, ó Pedro, oppõe já tua memoria: (brado,
Cedeste em mundos dous o sceptro herdado.

Ao throno alçaste a liberdade, a gloria:
Rei, cidadão, legislador, soldado,
Dos grandes o maior serás na historia.

III

Por mais de um lustro a brenhas confiado,
Livres, sem mancha, inthesourei meus dias;
Carpi na lyra as patrias agonias,
Soei rebate contra algoz c'roado.

Mais de um filho dos montes a meu brado
Foi combater as legiões sombrias;
Tu, valor que os-regeste, me-regias,
E fiz soldados, se não fui soldado.

Proscripto, não salvei mais do que a lyra;
Mas góso a patria, abraço a liberdade,
E virtude sem p'rigo ao vate inspira.

Quem sob os pés de Nero ousou verdade,
Bem póde, sem rubor, lançar na pyra
Um grão de incenso á lusa divindade.

IV

Á joven mãe de Lysia resgatada,
Musa livre, os teus vôos abalança:
Com taes recordações, tão vasta esp'rança
Viu-se nunca em tres lustros combinada?

Gloria á filha dos reis, ao throno alçada
Pelo jús de conquista e jús de herança;
Gloria áquella, a quem glorias affiança
Seu nome, o patrio exemplo, a lusa espada!

A Justiça, Bellona, a Liberdade
Juram mante-la ao povo..... hão-de mante-la:
São deidades guardando outra deidade.

¡ Temei, filhos da noite, a sua estrella!
Vinde, vede-a, expiai vossa impiedade,
Morrendo de vergonha ás plantas d'ella.

V

Tempos dos Paladins, eras distantes
Das leaes, das cortezes galhardias,
Vós, vós, resuscitais em nossos dias
Mais puros, mais honrosos, mais brilhantes.

Raros outr'ora, impavidos e amantes
Rompiam lança em guerra, ou correrias;
Superstição, ou fama, eram seus guias,
Brandos olhos seus premios relevantes.

Entre nós é plebêa a heroicidade:
Morre-se, não por timida donzella
Sim por deusas, a gloria, a liberdade.

Liberdade! eu a-canto, eu góso d'ella!
Mas a gloria c'roada, essa deidade,
Nem a-pude ir vingar, nem posso vê-la!

VI

De Ignez e Pedro aos placidos ardores
Honra, virtude, ceo, tudo surria;
Sonha razões d'Estado a tyrannia,
E Ignez lá morre a golpes de traidores.

Pedro nos corações dos matadores
Do coração viuvo a dôr sacia;
E assombrando o universo, á morte fria
Arranca, adora, e c'rôa os seus amores.

És a Ignez de outro Pedro, ó liberdade!
Quiz-te; viu-te immolada ás mãos de insanos,
Volveu-te ao sol, ao throno, á eternidade.

Restava morte aos corações hircanos,
Puniu-lhe com o despreso a indignidade!
Mas ai de ora em diante, ai dos tyrannos!

VII

Se é licita uma lagrima nas rosas
Com que, ó noite de abril, nos rís c'roada,
¡ Dos martyres da patria libertada
Uma lagrima ás sombras generosas!

Seus sepulchros dão palmas gloriosas!
Heroes herdaram sua nobre espada,
E hecatomba de tigres lhe-é votada
De dia a dia ás cinzas sequiosas.

Mas no elysio onde estão, hoje pensando
Que um dia mais que céo por Lysia passa,
Saudoso se-reune o egregio bando.

Murmuram longo viva á joven Graça,
E involuntaria lagrima escapando
Do nectar entre as mãos lhe-turva a taça.

OS SONHOS.

¿Recordas-te, ingrata,
Quando eu te-dizia,
Que em sonhos Armia
Cedia aos meus ais?

Surrias, córavas,
Fugias, juravas
Que nunca os meus sonhos
Seriam leaes.

Armia, esta noite,
Segundo o costume,
Tornei co'o meu nume,
Tornei a sonhar.

Qual és, eras rosa,
Gentil, espinhosa,
Sem par nos rigores,
Nas graças sem par.

Dou graças ao fado,
Já sonho esquivança;
Já luz esperança
No meu coração.

Tu juras que em sonhos
Só ha falsidades,
E nunca deidades
Juraram em vão.



AO POVO

NAS ELEIÇÕES DE 1834.

EPISTOLA.

Povo, ó nobre sem fausto, ó rei sem jugos!
Vate plebeo, que de plebeo se-présa,
Te-envia o pensamento, o amor, e os sustos.
Povo, tu volves triumphante aos lares,
Que emfim remiste: e mal deposta a lança
Inda vertendo sangue inda não secco
Teu suor generoso; ¡eis novos p'rigos
Te-estam chamando a campo! Ardua foi ella
A c'rôa de laureis, com que te-ornaste;
Mas unir-lhe é mister outra, e mais ardua,
A do carvalho civico. ¡Pugnou-se
Grande batalha sobre a propria campa,
E venceu-se! Inda a arena escorre em sangue;
Já nova liça tens, contrarios novos!
Em cego inextricavel labyrintho,
Reino e mansão do enredo, impios te-aguardam

Em graciosas mascaras occultos.
Farão por desunir-te; e de erro em erro
Conduzindo-te incauto, inerme, illuso,
Daráõ comtigo em não sonhado abysmo;
E accordarás, mas tarde, ao som do escarneo
Dos oppressores teus. — Vá longe o agoiro!
Inteiro os ceos aos perfidos o-volvam. —
Vingaste, mereceste a liberdade:
¿Mas tem-l'a certa ou firme? Alerta, ó povo,
Que os inimigos teus andam álerta.
Em masmorras gemer, dormir por furnas,
Peregrinar o globo, errar mendigo,
Vellar sob uma abobada estrondosa
De ferro e fogo, a desabar continua;
Retingir de alto sangue o mar e os campos;
Ver meia destruida a patria herança.....
¿Quem o soffreu para comprar senhores,
Hoje senhores e ámanhã verdugos?
Salvar-te ou perecer de ti depende:
De teus suffragios a terrivel urna
Vai conter, pensa-o bem, teu fado inteiro.
¿Que farás pois? Devotamente insano,
Julgarás tu bastante, em teus comicios,
Segundo a antiga usança, invocar deuses?
Como fraca mulher n'um lance estreito,
Da providencia aos braços arrojar-te,
E adormecer? Invoca, invoca os numes
Virtude e Liberdade. O altar, o fogo,

Os oraculos seus nos céos não moram:
Deus os-poz dentro em nós, seu templo é na alma.
Liberdade e virtude nos-revelem
De seus ministros, qual lhe-apraz a escolha;
E ai de ti se inspirado a não confirmas!
¡ Ai de ti, povo: que ultrajar impunes
A numes taes nunca homens o-podéram!
Respeitoso e tremendo eu me-recolho
N'este templo int'rior; e á luz perenne
Com que Deus no-lo-aclara, estudo a lista
De homens nascidos para bem dos homens.
Sob esta vasta abobada mil vezes,
Tristes, vagos, propheticos murmurios
Vem agitar-me, e eu digo: — ¡ A terra lusa,
A terra dos heroes dada a perversos!
¿ Nunca ha-de amanhecer a gloria em Lysia
Apoz noite de seculos? Mentiu-nos
Quem gloria nos-cantou de antigas eras:
Das conquistas a pagina foi ampla,
A de expiações maior. Tropheos injustos,
Palmas de latrocinio, o sangue e o pranto
De povos fracos nas extremas do orbe
Foram crimes de avós, são pêjo aos netos.
Gritos d'essas nações aos céos voaram,
E um vento eis dos tropheos nos-varre o globo.
Gloria de liberdade era maís bella.
Hoje sôa em voz alta a liberdade,
E ella vai grande risco: e talvez breve,

Se zelo em cidadãos não se-afervora,
Nos-abandone, ou desertando as praças
Como proscripta, pávida se-accolha
Aos penetraes mais intimos dos seios.
Muito ha que a sua luz, qual sol do outomno,
Ora brilha serena, ora se-innubla;
E ha mais de um ponto escuro no horisonte,
Que darão tempestade, se conjurios
De popular suffragio os não removem.
Removam-se: nação, que tanto ha feito,
Fará tudo, que o-deve, e o-póde, e o-ousa.
Pensae que hoje a ventura anda de perto
Off'recendo-se a nós risonha, facil,
Mais que a povo nenhum, quebrou-se o antigo
Duplice talisman, sob ara e throno
Por impostoras mãos depositado:
No somno dos grilhões ganhámos forças,
Que inda inteiras estam, que vão crescidas
Com o longo triumphar; ao clarão vivo
Do facho da discordia assoladora
Rostos, nomes de amigos, de contrarios,
De ambiciosos, de heroes, de escravos torpes,
De indiff'rentes, de perfidos, de todos,
Se-estudáram, se-apontam, se-repetem;
E por bem derradeiro, externas luzes,
Feliz compensação do atroz desterro,
Vieram, confluindo ao Tejo absorto,
Revelar-nos de gloria estradas virgens.

Povo grande, por ti, não por teu solo,
Povo, agora teu rei, concebe cousas
Dignas do applauso do universo attento!
Concebe ver-te irmão dos povos justos,
Não pupillo dos barbaros; concebe
Que os teus costumes refloresçam puros;
Que á mente e ás expressões da mente humana
Seus vôos naturaes se-restituam;
Que se-anteponha a codigos sagrados
Da usurpadôra Roma um jus mais sancto,
Que sem pesar na terra aos céos a-ligue;
Que a sciencia te-illustre, ornem-te as artes:
A cultura feliz cubra as planicies
De searas, de aldêas, de rebanhos,
De florestas e sombra as serras nuas,
As collinas de pâmpanos e abelhas;
Que ingenho industrioso augmente as forças;
Que o ledo, o convival commercio activo
De rios, de canaes, de estradas amplas,
Urda seus laços de ouro a terras ermas;
Que tributos inuteis, vexadores
Não roubem mais o sangue aos que te-servem,
Para o-dar de banquete a quem te-esmague;
Que fuja de uma vez co'a vã preguiça
A chusma inerte, que mendiga errante,
Tedio a si, peso aos mais, e infamia á patria;
Que aos das altas funcções, uteis embora,
Não sóbre o nectar e ambrosia, emquanto

Falte um pão negro ao que suou nas terras;
Que de estaveis exercitos custosos
Tanta vez em leilão, pender não deve
A salvação da patria, e sim que as armas
Defensôras do povo, ao povo tocam;
Que nenhum de teus arbitros, que fossem
Da liberdade apóstatas, escape
Como réo no teu fôro a dar-te contas;
Concebe destramar tenções damnadas;
Concebe tudo grande, escolhe os dignos,
Em que o zelo, o saber, a audacia fervam,
E tudo grande c'roará teus votos.
Mas, povo, n'este mar onde ora embarcas,
Ha syrtes, ha parceis, ha monstros negros,
E prôa não velada acha naufragios.
A baixa seducção virá primeira
Co'a virtude na voz, nas mãos a bolsa,
Traficar de infortunio em tom sumido:
Alma de Luso não se-troque a ouro.
Podem vender-se o lar, o predio avito,
A arvore paterna, o proprio leito;
Mas o que em sangue dos irmãos pagaste
Para t'o-herdarem filhos, é thesouro,
Que se não vende ou céde. — Outros, tentando
A credula ambição com destras fallas,
Hão-de apontar-te os cumes dos favores:
A futura medalha, a pingue renda,
O accesso livre aos porticos dos grandes,

E a officiosa pasta abrindo graças.
Ah! quão mal pagam frivolas esp'ranças
O bem certo de livre entre homens livres.
 Mais perigosa astucia acharás n'outros
Sem promessas nem dadivas: só fallam
No bem publico e em si. Vão n'essa conta
Poucos leaes, grão numero te-engana.
Pensamentos sondar fôra chimera,
Mas interroga acções, folheia tempos,
Tira do homem passado o homem futuro.
Ter combatido a usurpação não basta:
¿Que fizera até alli, apoz que ha feito?
¿Provou n'um tempo e n'outro amor á patria,
Sympathia co'a plebe, alma nervosa?
¿Por um calculo vil não veiu á lucta?
Quando n'ella egualdade proclamava,
Não sonhava elevar-se? Ouviu-se (¡e a quantos!)
« Viva o povo! » era o dia do conflicto....
Passa o conflicto, e afastam-se do povo:
Requestam distincções; namoram fitas;
Levam á escala os cargos, a opulencia;
Da choça natalicia erguem palacios;
E em coche insultador, troando as ruas,
Co'o pó, que encheu seu berço o povo alagam.
Não, riqueza e poder não dou por crimes,
Mas poder orgulhoso é crime insano,
E orgulhoso, sem meritos por base,
Para bons, para irmãos, nenhum mais negro.

Povo, que aras a terra, e descuidoso
Só escutas balir dos teus rebanhos,
Só vês o céo e a fonte, a messe e a vinha;
Tu, que estes chamam barbaros, e os-nutres,
Vella por ti; mais altas novidades
Que as das promessas do anno ora te-occupem:
Vella por ti, bradamos-t'o, que é tempo.
Elles o hão dicto em seu conselho de impios:
« Invadamos o campo, e a qualquer preço
« Extorquamos o voto á gente rude,
« Pois no-lo-negam cá: temos palavras
« De embair, temos cofre, ameaças, nome,
« A lisonja, o mentir, e agentes habeis.
« Feito é, partamos. » — Subito partiram.
¿ Signaes dezejarás porque os-estrémes?
Mas Protheo, que em cem fórmas se-desmente,
Não ha pinta-lo. Treme dos *dourados*,
Que por primeira vez te-acariciam;
Treme d'aquelle, que ao serão da aldêa
Só te-falla de principes, de grandes,
E mais quando elle mesmo é já subido;
Treme dos que á paixão de liberdade,
Raia estreita marcando, accusam n'outrem
Como excesso e loucura o zelo ousado:
Limites á virtude é crime o pô-los.
Ante elysios e averno, arvore immensa
Fabulou musa antiga: em ramos de ouro
Aurea fructa lhe-pende; a mãos que a-busquem,

Não mandadas do céo, resiste immovel:
Mas se heroe, charo a Jove, e em cujo peito
Arde a virtude, que o-remonta aos astros,
Acertou de passar, pomos e pomos
Nas attonitas mãos lhe-estão chovendo.
¿ Povo, esta arvore és tu, plantada á frente
Do alto alcáçar das leis; homem não póde,
Sem que obtenha teu fructo, entrar-lhe as portas.
Não t'o-deixes roubar, mas lança-o facil
Aos mimosos do céo, e aos teus mimosos.
Procura os que logares não procuram,
O que á vanguarda, á hora dos combates,
Nas brigas da ambição não corre ás filas:
Que obscuro cumpre a lei, detesta a força,
Tyrannos nem quer ter, nem ser tyranno:
Este sim, que é do povo, e digno d'elle.
Procura os que já bons, entrando em ferros,
Mais dos ferros no horror se-acrisolaram;
Procura os que, deixando os patrios muros,
Peregrinos, por terra de estrangeiros,
Nos-andaram sciencia enthesourando,
Emquanto os mais, ou fôfos volteavam,
Ou com o feio de acções nos-deslusiam,
Ou supondo polir-se, o unico estudo
Punham no perverter seus patrios modos,
O trajo, a meza, o somno, o amor e a lingua·
Estes, do chão natal profanadores,
Longe do pensamento! Os outros se-amem

Que amaram só do estranho o que nos-sirva.
Nunca o seu jugo, ¡Oh! quem me-remontára
De bronze a lyra, e me-doára plectro
Que troasse louvor, troasse infamia:
Que désse em vivos sons o amor da patria,
Qual me-arde n'alma! A's aguias dos Romanos
Fizemos frente nós; perdido o raio
Revoaram para o Tibre espavoridas;
Nas torres nossas, eclipsada a lua,
Desterrámos, á espada, o Mouro ousado;
Co'os Iberos leões arremettemos,
Fugiram; nova Roma e novas aguias
Voam do Sena ovante e Lysia as-prostra:
E gente do orbe inteiro dividida,
Só de si mesma idolatra, uns ferozes
Pescadores do oceano, que a nós devem
Muita da força que os-tirou do remo,
¿Hão-de sem armas conquistar-nos? ¡Pêjo,
Pêjo a nós, se ainda a dextra vexadôra
Beijarmos d'esses túmidos! ¡Oh! vêde-os
Por entre nós a pavonar-se altivos,
Qual senhor entre escravos! Allianças
De ovelha com leão não mais, ó povo.
Quem teu solo possue, teu céo, teus mares,
Tão vasto ingenho e mãos, não necessita
De avarento tutor: já tens, ó patria,
Razão, maioridade, experiencia:
Procura amigos, protectores nunca,

Ou, se houveres de os-ter, quaesquer, não esse.
Treme dos pusillanimes ou nescios
Que t'o crêm necessario; o teu senado
Com tão baixos Solons não prostituas.
Essa Albion, tua amiga, a socia tua,
Quem sabe o que já agora anda minando
Com o ouro que foi teu! ¡Ah! salva ao menos
A consciencia e o voto omnipotente.
Se á lista de p'rigosos inimigos
Podem juntar-se miseros, ó povo,
Não te-deslembre que te-cercam densos
Os sectarios do monstro impunes, soltos:
Janisaros, agás, derviches, imans,
Até visires. Pêjo não, mas susto
Da consciencia má força-os por ora
A se-esconder: são dentes interrados
Do dragão morto, mas peçonha negra
Inda os-anima; e se hoje ainda não surgem
Com medo ao ferro a te-arrancar teus votos,
Aguardam tempo idoneo, em que rebentem
Como os de Cadmo, intrepidos e armados.
N'esses vis corações, atros avernos,
Que de furias não vão! Povo, confunde-os
De teu juiso no terrivel dia.
E se algum, mais insano, ousar seu voto
Na assemblea da patria, que renegam....
Se elle o-ousar, pois que a lei não previu tanto,
Possa o livre punhal voar-lhe ao peito.

Povo, horas de estudar na consciencia
A musa não t'as roube, a joven musa,
Que ás delicias de amor, que aos paphios bosques,
Onde segura modulára ás nymphas,
Prefere sons tyrteos, harmodios cantos,
P'rigos nobres a insipidos applausos,
Glorias de um povo a fabulas viçosas.
Por derradeiro adeus ella te-lembrada
Que um voto ás vezes só, rompe o equilibrio
A' eleitoral balança, inda suspensa;
Que de um eleito ou não, depois resulta
Mais ou menos pendor na grão balança,
Onde legislador, supremo genio,
Bem ou mal, vida ou morte ás nações pésa:
Cuidae-o em vós e estremecei do encargo.
¡O momento é solemne, o quadro augusto!
O cidadão nos lares seus medita
Sobre um mudo papel sentença á patria.
Erra a pluma entre os dedos temerosos,
O coração palpita, a mente vôa
De nome a nome, e pára: oh! ¿porque é isto?
É porque lhe-andam na alma a estancia chara,
O seu pomar, o rio conhecido,
A amante, o pae caduco, a esposa, os filhos,
O que tem e o que espera, o nada, o tudo.
Mas se affeições domesticas são muito,
Ha deveres que o vivo aos mortos prendem.
Julgue elle que na escolha o-presenceiam

Tantos, por mar, por terra, a ferro, a fogo
Perdidos; tantos miseros finados
Por hospitaes, por carceres, por brenhas;
Tantos em vil supplicio estrangulados;
Tantos da fome victimas, e tantos
Que ostracismo peior gastou por longe.
Creia ouvir estes pallidos phantasmas,
Nos derradeiros ais pedir vingança;
Lembre-se que hoje occultos sob a terra,
Foram nossos irmãos, e á superficie
Patente o seu quinhão cá nos-deixaram;
Que a herança incargo traz, o defende-la
Da tyrannia-algoz; e que é terrivel
A' consciencia a citação do morto.
Possa o vil cidadão, que, ou se-defraude
Do alto jus do suffragio, ou friamente
Lá o exerça á ventura, ou criminoso
Mande sicarios por campeões á patria,
Possa não ver mulher sumida em luctos,
Nem cadaver passar, nem lá por sotãos
Sentir vagidos de ignorado infante,
Que um remorso pungente o não salteie,
Que lhe não lembrem pallidas viuvas,
Orphãos tristes, e os martyres da honra:
Possa nas horas, em que os mais repousam,
Tresvaliar continuo a ver batalhas
De septe contra oitenta, em mar de fogo;
Corpos a debaterem-se nas forcas;

Cabeças sobre postes, denegridas,
Mudas, olhos em alvo, ondeantes comas;
Crer-se em masmorras, ver as portas duras
Fracassadas baquear-se, intrar com fachos
Tropel de matadores, persegui-lo
De canto em canto, desfechar-lhe ás cegas
Ao som de um rir feroz, golpes e golpes,
E elle cahir e despertar no averno!
Lyra do patrio amor, deixa toada
Longa nos corações, e eu te-penduro.



HYMNO

CANTADO NO REAL THEATRO DE S. CARLOS

A 31 DE JULHO DE 1836

Anniversario do Juramento da Carta Constitucional.

Co'a mão sobre o evangelho
A Carta foi jurada,
Hoje co'a mão na espada
Tornamo-la a jurar!

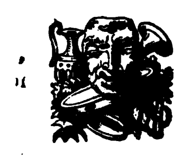
Armas, armas! pendão fratricida
Lá resurge, lá sôa a rebate.
Marcha, marcha! victoria e combate.
Povo livre não sabe estremar.

Sahi das impias furnas,
Tigres por nós vencidos;
Não foge dos rugidos
Quem garras affrontou.

Guerra, guerra, se os impios a-querem,
Seu rei monstro proclamem de novo;
Das victorias é deus o do povo,
Que os perdões em vinganças trocou.

Novo congresso influa
Qual sol a claridade;
Co'a força a liberdade,
Co'a liberdade o amor.

Mas se guerra cumprir, guerra, guerra!
Co'as borrascas a palma floresça:
Pedro, e ávante! Qual pó dispareça
De uma vez o vil bando traidor.



ANACREONTICAS.

O QUADRO ANIMADO.

Tu, cuja dextra ingenhosa
De Febo aos cantos egual,
Cria prodigios sem conto,
Da natureza é rival;

Cujo pincel, dirigido
A' voz do ingenho fecundo,
Sabe n'um quadro pequeno
Junctar as graças do mundo;

A cujos toques divinos
Do nada se-vêm saltar
Terra, prado, outeiros, bosques
O céo vasto, o vasto mar;

Pintor, escuta os meus rogos,
Invoca as musas e amor,
E dos meus bellos dezejos
Faze o quadro encantador.

Pinta um valle, um valle ameno
Muito mais que os de Cythera,
Todo inteiro alcatifado
Dos mimos da primavera.

De copado bosque á sombra,
De fria gruta na intrada,
Prepara aos filhos das musas
A mais risonha morada.

No meio dos meus amigos,
Retrata-me n'esta selva,
Preguiçoso e reclinado,
Meio nú, na branda relva.

Meio nù, pois se é possivel
Ao teu pincel creador,
Deves mostrar que este dia
É de importuno calor.

Alguns zephyros, brincando,
Façam teu bosque ondular,
E as manchas de luz e sombra
Incertas no chão gyrar.

Em nossas faces córadas
Co'o fogo da mocidade
Brilhe o surrir da saude,
Do prazer, da liberdade.

De cristal brilhante e puro,
Que dos vinhos mostre as côres,
Põc-nos em roda garrafas
Ingrinaldadas de flôres.

Haja um regato, mas longe,
Mas com brando murmurinho,
Por não perturbar os cultos,
As festas do deus do vinho.

Alguns mancebos, cantando,
Tracem danças ingenhosas;
Junquem macio terreno
Ramos e c'rôas de rosas.

Volteiem, de ramo em ramo,
Co'as aves gentis amores,
Corram em busca das auras
Os zephyros brincadores.

Occultas por traz dos troncos
Bellas nymphas da espessura
Espreitem, conversem baixo,
E vejam nossa ventura.

Algum, vendo-as, se erga á pressa,
— » Caça estranha, diga, é esta!
» Se é certo existirem nymphas,
» Temos nymphas na floresta. » —

Sôe um grito; ergam-se todos,
Ellas fujam perseguidas;
Risos, palmas e clamores
As-annunciem vencidas.

Pelos recantos do bosque,
Pelas grutas dos outeiros
» *Victoria, victoria* » cantem
Os aligeros frexeiros.

Eu, no emtanto, eu só no prado,
Em vez de occupar-me d'ellas,
Me-affigure a minha deusa,
Que excede as deusas mais bellas.

Eu suspire, e o gnidio nume,
O deus do meu coração,
Me-appareça, m'a-conduza
Pela sua propria mão.

N'um transporte, n'um delirio
Eu a-abrace, eu lhe-proteste
Que de uma eterna alliança
O instante primeiro é este.

Raras palavras soltando,
De quando em quando, entre os beijos,
Eu lhe-chame a minha deusa,
O iman dos meus dezejos,

A gloria da minha vida,
A fonte do meu prazer,
O thesouro da minha alma
O meu tudo, o meu viver.

O' pintor, se omnipotente
É teu pincel creador,
Em nome dos céos, desenha
Este quadro incantador.

E tu, rainha de Gnido,
Tu, cujo poder outr'ora
Soube fazer de uma estatua
A nympha mais seductora,

Surrindo, bafeja o quadro,
E se-verá de improviso
Converter-se em realidade
Ao teu bafo, ao teu surriso.

A TEMPESTADE.

Folhas, e ramos partidos
Revoluteiam nos ares;
A terra alveja co'as flores
Dos nossos lindos pomares:

Os relampagos se-accendem
De curto em curto intervallo,
Do raio cahindo ao longe
Retumba o medonho estalo.

Os relusentes chuveiros
Mudaram a terra em mar,
Dos campos, ha já tres dias,
Tudo se-viu desertar.

Não se-incontra uma só ave
No labyrintho da selva,
Nem um lavrador no valle,
Nem um rebanho na relva.

Lilia, Lilia, a tempestade
Recresce cada vez mais:
¿Ouves lá na serra o torvo
Remorejar dos pinhaes?

São novos tufões! sahiram!
Descem varrendo a montanha!
Já o rio atravessaram,
Que espuma ante a furia estranha!

Range o tecto ao pobre alvergue,
As duras paredes tremem,
Muge o chão, vacilla a porta
Nos velhos quícios, que gemem.

¿Tu choras, Lilia? tu choras
Com mêdo da tempestade?
¿Ergues as mãos desmaiada?
¿Pedes aos numes piedade?

Vem, ó chara, e junctos ambos,
Com devotos corações,
Dirigiremos aos numes
Fervorosas orações.

Esta fogueira brilhante
Que occupa todo este lar,
Nos-supprа o fogo sagrado,
Ardendo em solemne altar.

¿Mas qual rogarei dos numes?
Os que eu conheço melhor:
De Jove os pequenos filhos,
Doce Baccho, e meigo Amor.

O' deuses, piedosos deuses,
Sempre amigos dos mortaes,
Vêde as lagrimas de Lilia,
Condoei-vos de seus ais.

Longe da minha cabana
Levae os ventos funestos;
Dos vossos rosaes e vinhas
Poupae, ó numes, os restos.

Tudo o mais pereça embora;
Mas á minha Lilia bella
Deixae do mundo este canto,
E a mim o viver com ella.

Do meu candido rebanho
Aqui seremos pastores,
Felizes co'as nossas aves,
Co'os nossos bosques e flores.

A vós ambos cada dia,
Par divino e encantador,
Daremos graças e cultos,
Baccho imberbe, e imberbe Amor.

¿Engano-me, ó Lilia?.... escuta:
¿Não sentes.... não é verdade?
Os ventos já não resoam.
Foi-se ávante a tempestade.

Ri-te, ó Lilia, enxuga o pranto,
Levanta os olhos ao céo;
O sol, o sol apparece,
¿Não finda o receio teu?

Os nossos numes protegem
Aos corações seus devotos.
Desempenhemos agora
Os meus, ó Lilia, e teus votos.

Eia, á pressa enche-me as taças;
Bebo em honra ao deus do vinho!
Enche outra vez, este nume
Não soffre um brinde mesquinho.

Enche terceira, bebâmos....
Que balsamo incantador!....
Vamos de pressa, querida,
Dar tambem o culto a Amor.

O CLARIM.

¿Que estrondo horrivel e agudo
Retine, estremece os ares?
¿Que argenteo clarim troveja
Os rebates de Mavorte,
Chamando heróes á peleja
Para victimas da morte?

Nunca os labios, que te-sopram,
Aborrecido instrumento,
Gozem do vinho, ou dos beijos;
Vulcano emfim te-desfaça,
E para incher meus dezejos
Te-converta em funda taça.

Terás então melhor uso;
Não chamarás inimigos
Mas festival sociedade;
Serás de rosas cingida,
Farás brindes á amizade,
Serás o incanto da vida.

A' MORTE

DA CHRONICA CONSTITUCIONAL DE LISBOA.

ELEGIA.

Quâ data portâ ruunt,
Virg.

¡Céos! ¿porque anda no povo este susurro?
¿Volta o Miguel? mudou-se o ministerio?
¿Deu-se emprego a traidor, castigo á honra?
¿Desligam-se, removem-se, vão presos
Heroes, que pela patria o sangue dessem?....
¡¡¡ Qual historia!!! hoje Astreia, outr'ora expulsa,
Pelas margens do Tejo anda a passeio
De balança na mão pesando as cousas....
¿Que novidade ha pois? ¿teremos guerra?
Officiaes das reaes Secretarias
¿Diz-se que andam de tromba! é outra a causa;
Morreu.... Numes dos céos, dae-nos constancia,
Morreu.... quem o ha-de crer! e então parindo
De pae mestiço uma hybrida creança!

¡Morreu, morreu a Chronica!!.. ¡vós, typos,
Da *regia imprensa* esmorecei nas caixas!
Rapazes, que bateis as ballas fofas,
Dae com ellas na cara em ar de lucto!
Foram-se as vossas paginas, e a nossa!
¡Chorae, droguistas, que perdeis o embrulho,
O digno embrulho do vendido incenso!
¡Chorae, ó vós das mechas fabricantes,
Vós por cujo milagre em nossas casas
Luz, e fogo nas Chronicas se-via:
E tu, que em leito d'ouro as ondas rólas,
Padre Tejo, arrepella as barbas verdes,
E troca em teixo a c'rôa dos caniços:
Nunca mais levarás vaidoso aos mares
Co'os mais despejos da cidade invicta
A crespa chusma de papeis tão sabios.
¿Mas será sonho, Chronica? ¿é possivel
Que ousasse a propria Parca thesourar-te,
Como tantos por cá? não lhe-tremêram
As mãos dando no fuso o ultimo gyro
Da tua parda estopa? ¡ah! que essa *roca*,
(Se é dado usar de classico no estylo)
Do canavial de Midas foi cortada
No minguante da lua em baça noite
Por *trasgo* avesso, e máo. Vive o contracto
Do máo homem Rousseau; vivem mil obras,
Que proclamam sob'rana a vil canalha;
¡E tu morres, ó Chronica mansinha!

Morre o teu proprio nome! e o que é mais duro
O *sobrenome* teu nem mesmo escapa!....
¿ Que delicto fatal deu causa a tanto!
(Porque o ser semsabor nunca foi crime.
Haja vista á *Isabel das botas grandes*,
Que de *Aragon non* farta, ahi veio a Lysia
Dar semsabor batalha ás nossas musas,
E dorme em paz nas lojas dos livreiros.)
¿ Teu peccado qual foi? nunca te-viram
Tomar partidos, nunca fustigaste
As costas d'um potente, inda que injusto;
Nunca te-intrometteste em vida alheia,
Deixavas ir o mundo á tona d'agua
Sem nos-dar novas d'elle; eras de resto
Quasi classica em phrase, em patriotismo
Quasi orthodoxa, e quasi nada em tudo:
Emquanto a polidez, saráos da côrte,
Nunca viram maior cumprimenteira,
Segundo ouvi aos raros que te-liam;
Passavas mesmo um pouco a aduladôra.
Só tiveste, que eu saiba, uns dous descuidos;
Um, ter dicto uma vez um nome *Feyo*,
Outro, um nome durissimo *Carvalho*....
¡ Chronica, ó flor das chronicas antigas,
E das modernas chronicas! ¡ modelo
Das chronicas por vir! ah! que innocencia,
Que formosura ingenua, ou viço de annos
Co'a vida contarão, quando tu morres

Bella, e quasi de mamma aos peitos chochos,
Aos peitos chochos da infeliz *sandice!*
Da morte o duro pé calca egualmente
Do grão *Targini* as edições de luxo,
E as folhas tabernaes d'um preço reles!
Mas que immenso vasio em Lysia deixas!!
O annuncio ou da novena, ou da modista,
Das lombrigas os pós, o insigne mestre,
Que em só doze lições demude a letra,
A môna de um francez, que saiba contas:
Por onde hão-de inculcar-se aos bons freguezes?
¿ Será preciso recorrer-se a Londres,
Aos *Globos*, *Armazens*, *Mallas da tarde*,
Ao *Correio*, ao *João-Bull* ou qualquer outro,
Para dizer que ha pilulas no Morley?
Inda tudo não é: foi-se comtigo
O narcótico-mestre, a que não houve
Insomnio tão cruel, que resistisse:
Por esses botequins viam-se ás duzias,
Apezar do café, teu socio esperto,
Leitores teus roncar, mal te-avistavam:
¿ Onde hão-de ir d'ora ávante achar remedio,
O poeta esquentado, o amante acceso,
Um trahido da rima, outro da amada,
O funccionario, que trepou não visto
Ao pincaro das honras, qual lagarto
De arvore annosa á plumula ondeante,
Que aferra pés, e mãos para suster-se,

E prevê sempre a toda a parte a queda?....
  Estes tristes somnambulos bem tristes
¿ Que hão-de fazer sem Chronica ? vellarem
Até que o desespero os mande ao Orco :
Estes, e muitos mais te-andam chorando;
¡ Mas que muito! se cousas insensiveis
O-fazem! por ti chora inconsolavel
O *alfim*, chora o *quiçá*, e os gallicismos,
Neologismos, tolismos, e archaismos,
Bem que por teu morrer não fiquem orphãos.
  ¡ Não ha que duvidar! emfim morreste!
¡ Ah! se esquerda não fosse a mente nossa,
Mais de um horrendo agoiro o-annunciára!
Em roda do impressor por nove noites
Zuniu bisouro negro; e á nona o-viram
Cahir de morte subita no prelo.
Ante a loja da Chronica tres vezes
Á meia noite em ponto, a visinhança
Ouviu zurrar um burro, e intrar aos coices
Na somnolenta porta: uma cadella
Negra como um chapéo, nas horas mortas
Foi-lhe uivar feralmente, e dando a lume
Ante os frades de pedra uma podenga,
A' luz dos lampiões morreu de parto.
Estes, e outros auspicios pavorosos
Claro haviam predicto um grão desastre:
E tu morreste, ó Chronica, ¡ tão leve,
Como na terra o-foste, ella te-seja!

Ás musas, ou das nove, a da comedia,
Mal que tenha logar, ha-de a teus manes
Vir desfolhar, não louros, que os não acha,
Mas dous tomos, on tres das obras primas
De José Daniel, *barco dos tolos*,
E *almocreve das petas*; Clio, a dona
Do historico buril ha-de na campa
Teu epitaphio abrir, gravando um zero;
E o passageiro, quando o-vir de longe,
Dirá: lá jaz a Chronica! não riam....
Já livre emfim de linguas maldizentes
Segura de vaivens, baixaste á margem
Do irremeavel rio; affeita ás sombras
Viste-l'as sem pavor no proprio reino.
Charonte, bem que ancião, cortez co'as damas,
Deu-te a mão para intrares na barcaça,
E não te-acceitou óbolo, por pobre
Dizem os máos, e eu digo que por femea;
De maneira que alli se só se-achára,
Gerava-se o anti-christo. O que foi certo,
Foi que a barca, levando os teus ballotes
Não levava algum peso: o arraes annoso
Viagem nunca fez, que tanto risse:
Diz-se que o cão trifauce ao descobrir-te
Cahio logo a dormir, e o fogo eterno
Deixou com se-apagar tudo ás escuras.
Emfim já gosas no descanço elysio
Digno premio de ti, vagando ociosa

Juncto a um lago do Léthes: não á sombra
De palmas dos heroes, rosaes de bellas,
Mas de caramanchões de dormideiras,
E de fresca tabúa, porque Minos,
Eaco, e Radamantho, ao pôr-te os olhos,
Para lá *unâ voce* te-mandaram.
Ora pois, largos seculos desfructes
N'essa mansão de pânria; entre os mirrados
Espectros do *parnaso lusitano*,
E tantos mais, que não nomeio agora.
Nunca o *magriço Orpheo*, teu velho esposo,
De Virgilio *discipulo fluente*,
Se-lembre d'ir buscar-te, onde lá poisas,
E revocar-te á vida ¡oh! se o-tentasse,
Possas tu, nova Eurydice, deixa-lo
Como um pateta em meio do caminho,
E voltar á tabúa, ás dormideiras.
Adeus, eterno adeus, papel mansinho!
Se vires lá por grutas d'esse Léthes
A *lei da imprensa*, dize-lhe que venha,
Que já por Santarem não temos burros.
¡Adeus! se alguma cousa em perda tanta
Nos-póde consolar, é ver que, ao menos,
Cá fica em tua filha a copia tua,
Que do nome da avó se-diz Gazeta.
Pede ás Parcas por nós, que á sua estriga
Junctem toda a porção roubada á tua:
De guerra a avó morreu: morreste, ó filha,

De má cólera! os astros nos-defendam
Que de agourada fome expire a neta....
Antes, antes, ó Jupiter, em bombas
De estridula girandola rebente
A annunciar algum festejo grande....
  Rei dos reis, pae dos paes, nume dos numes,
Oh! salva-a da penuria, lança a vista
Piedosa, do alto empyreo á rua do ouro!
Na loja da *gazeta* a chusma ferve;
Bem a-ouves, bem vês; mas vê, mas ouve
Que é tudo a desmanchar a assignatura!
Se a tua omnipotencia lhe não vale,
Adeus luzes! de aranha ondadas teias
Vão cortinar a loja solitaria!
Nunca mais se ouvirão lá dentro vozes,
A não serem do pallido caixeiro,
Que, por tempo matar, jogue a petisca;
E virá tempo em breve, em que sisudo
Outro Volney de largo meditando,
Já sol posto, incostado a um frade rijo,
Cousas dirá.... que eu não direi por ora.



RENDEZ-VOUS

A uma Senhora que sabia muitos versos do auctor e desejava conhecel-o.

Se das Musas a amiga inda suspira
Por ver Castilho, cujos versos ama,
Venha, e verá que lhe não mente a fama,
Verá um urso tocador de lyra.



AS FOLHINHAS ANTIGAS E AS MODERNAS.

CONTO.

Um dia um cura velho,
De Baccho adorador, gordo e vermelho,
A' porta repimpado,
Volvia e revolvia
A buscar na folhinha
A reza d'esse dia,
E tal reza não via.
Dez vezes as cangalhas tira e limpa,
E lavado em suor dez vezes torna
A' malograda empreza;
Té que desinganado,
Da teima emfim se-deixa,
O breviario feixa,
E em taes exclamações converte a resa:
— » ¡Oh tempos! ¡oh costumes!
» ¡Onde estão as folhinhas de algum dia!
» Já de mim para mim tinha eu ha muito
» Que estas eram erradas.

» Segundo estas, passou-se o anno inteiro
» Sem eu ver o rendeiro,
» Que ajustou vir cada anno quatro vezes!
» Se me eu fiasse n'estas, nove mezes
» Diriam que eram dous, ou quer que seja,
» Desde o cazar ao baptizar na egreja.
» Não intendo tal festa....
» Emfim seja o que fôr; vamos á sésta. »



EPIGRAMMA.

Exclamou certo avarento,
A um que se-ia inforcar :
« —¡ Feliz homem, que tres dias
« Poude comer sem gastar ! » —



Á FONTE FRIA DO BUSSACO.

ODE.

Do cavernoso albergue, ao sol vedado,
Sahe, de relance ao menos,
O' alva nympha, solitaria e meiga,
Da fria e clara fonte!

¡ Quão bella deves ser, se a natureza,
O' Nayade escondida,
A urna argêntea em tuas mãos confia
De tão formosas aguas!

Ou pela aberta rocha ao menos lança,
A furto, os negros olhos;
E por entre o molhado e verde musgo
Transluza o niveo rosto.

Vê com que esmêro e pompa a natureza
Adorna o teu retiro:
Olha estas grandes arvores, que apenas
Sentem do vento os sôpros.

Olha a mansa bacia, onde se-espraia
Tua agua transparente:
Farto musgo a-atavia, e musgo emtorno
Gratos assentos fórma.

Olha; vê que nem Euros te-perturbam
O teu cristal sereno,
Nem gado, nem pastor, nem ave ou fera,
Nem folha desprendida.

Com que rumor as aguas, em saindo
De seu não fundo tanque,
Descem, saltando em fugitivo arroio,
Pelo teu monte abaixo.

Castas sombras, pacifico retiro
Tão velho como os montes
¿Sabeis que existe um deus com azas d'ouro
Que os corações inflamma?

Não: jámais entre vós ternos suspiros
Que amor arranca aos peitos,
Nunca maviosas queixas se-escutaram
De corações escravos.

Aqui só reina a paz; vivem com ella
As austeras virtudes:
É d'estes cumes solitarios, tristes,
Que o mundo se-despreza.

Jámais humana dextra em vossos troncos
Gravou terna legenda:
¡ Oh! ¿quem gosa do pranto matutino
Da aurora, em taes logares?

¿Quem é que ao pôr do sol d'aqui contempla
O córado horisonte?
¿Para quem solta o rouxinol em maio
Seus nocturnos gorgeios?

¿Quem se-aproveita do luar, que deve
As horrorosas sombras
Romper aqui e alli nas tardas horas
Da noite socegada?...

Ninguem: — ¿Porque junctaste estes incantos
Prodiga natureza?
Aqui não vem Glicera, ou Chloe, ou Daphne,
Toucar-se juncto á fonte.

Nunca as graças gentis aqui vagaram;
Nunca talvez um vate
Se-aproveitou dos magicos delirios
Que geram taes logares.

Tu vives pois, quieta em teu retiro,
Rara vez procurada,
O' alva nympha, solitaria e meiga,
Da fria e clara fonte.

Tenhas sempre, nas humidas cavernas,
De aguas alma abundancia:
O ardente junho, o turbido janeiro
Egual te-vejam sempre.

E quando, gasta a rigida cadeia
D'onde o universo pende,
Já sem ordem, sem leis o velho mundo
Cahir solto em pedaços,

Então, antes que o cháos as dispersas
Reliquias ingolfado
No horror medonho da segunda noite
Houver; salva-te, ó nympha,

Com teus vassallos, invisiveis genios;
Transporta n'um momento,
Inteiro, este logar sobre algum monte
Do aventurado elysio.

Por ora dorme em paz, meia incostada
Sobre a urna argentina:
Aqui ninguem teu somno descançado
Virá interromper-te.

Só na alta noite alguma vez, já quando
Alto silencio impera,
Accordarás ao baque de algum tronco
Dos annos carcomido,

Que farto de ver seculos, e curvo
Já por mil tempestades,
Desarraigado emfim cahir no meio
Da mata, que te-cerca.



ELOGIO A....

—» Tem lido quanto é moderno;
» Estudou a Grecia e o Lacio;
» Sabe de cór todo Homero,
» Ovidio, Virgilio, Horacio.
» Tem genio por dez ou vinte;
» Tem milhões dc poesias;
» Seus versos são todos cheios....
—» ¡Sim! ¿de que? »
—» De alarvarias. »



IMPERTINENCIA DAS MÃOS.

ADVINHAÇÃO MORAL.

N'um domingo de Janeiro,
Em meu capote embrulhado,
Sosinho ao pé do braseiro,
Puz-me a apertar regelado
As mãos, que assoprei primeiro.

¡Mas qual meu pasmo seria,
Quando ouvindo um rumor leve....
Senti que das mãos sahia!
Quero contar-vos em breve,
O que uma á outra dizia.

Direita. Arrede-se um pouco mais,
Visinha, se lhe-parece,
Não gósto de sucias taes.
Julgo que ás vezes se-esquece
¡De que não somos iguaes!

¿Tem frio! vá-se aquecer;
Mas não se-metta comigo:
Lá tem capote, se o quer:
Lindo seio é meu abrigo,
Que me-accolhe com prazer.

Esquerda. Tocar-vos eu, illustrissima,
Não suppuz ser culpa horrifica,
Quando eu, escrava humilissima,
E vós, senhora magnifica,
Temos por mãe a mesmissima.

¡De ouvir-vos me-sinto extatica!
¿Fórma, côr, dedos identicos,
Terão diversa pragmatica?
¿Que é dos titulos authenticos,
Porque sois aristocratica?

Direita. ¡Que é dos titulos! A espada,
A lyra, o pincel, e a penna,
A alliança, a fé jurada,
O sceptro que o mundo ordena,
De amor a expressão calada.

¿Sou eu; ou sois vós, que dais,
Já cidades aos humanos,
Já templos aos immortaes?
¿Sem mim, nos undosos planos,
Que náu arfára jámais?

¿ De feras quem purga a terra?
¿ Quem deu a Alexandre os louros?
¿ Quem é que os erros desterra?
¿ Quem trouxe a Eneida aos vindouros?
¿ Quem o raio a Jove aferra?

¿ Quem o Uuniverso renova?
¿ Ou quem... ¡ Mas... trabalhos vãos!
Teu nome sinistro é prova,
De qual d'entre as duas mãos
Mais por seus feitos se-approva.

Esquerda. Vencida estou: ¡ Que dialectica!
¡ Que persuasiva rhetorica!
¡ Que discurso cheio de ethica!
¡ Que vasta sciencia historica!
¡ Que suasoria tão pathetica!

Em tudo fallais veridica:
De louvor com jus sois cupida.
No fôro, com tal causidica
Vós foreis tudo, e eu estupida
N'uma sentença juridica.

Direita. Basta, basta de ironias:
Refuta razões discretas,
Se pódes, porém não rias:
Deixa da Italia aos poetas
Eguaes esdruxularias.

Esquerda. Aproveitando a lição,
E a licença, que me-dá,
Juro ¡á fe de honrada mão!
Entrar em materia já,
Co'a mais sisuda oração.

No meu humilde intender
A questão dous pontos tem;
Dous pontos: e vem a ser,
Se eu faço, ou não faço bem,
E' se o-posso, ou não fazer.

Quanto á primeira, é verdade,
Que a direita diligente
Funda, ou toma uma cidade,
Emquanto a esquerda dormente
Jaz no seu bolso á vontade.

¿ Quer-se um navio? a direita
Agarra só no machado,
Prostra o bosque, serra, ageita;
Mal me-tenho precatado,
Apalpo uma náu perfeita!

Sem mim, tece a tecedeira,
Atira o atirador,
E cosinha a cosinheira;
Sem mim, toca o tocador;
Tu és a só, e a primeira.

A côr mesma, a côr bastára
A decidir a questão;
Tu és queimada, eu sou clara.
O que vai de mão a mão,
Só não vê quem não repara.

Passando ao segundo artigo,
Se posso, ou não fazer bem;
Com minha vergonha o-digo;
Comtigo a natura é mãe,
Cruel madrasta comigo.

Tu nasceste habilidosa,
Como eu inerte nasci;
A educação cuidadosa,
Que te-fez tão destra a ti,
Fôra comigo ociosa.

João Jacques (certo animal
Que tracta da educação)
Diz, que com disvelo egual
Se-crie uma e outra mão,
E eu serei tua rival.

Que, por exemplo, na escripta
Nos-empreguem sem diff'rença....
¡Havia ficar bonita!
Já Macróbio assim não pensa,
Mas é porque esse medita.

Diz, que a parte esquerda é fria,
Que a parte direita é quente:
Com figado e anatomia,
Decidiu, mui sabiamente,
Que eu nada fazer podia (*).

Tu é que fazes tolice,
Fidalga, em não me-cortar
Pela minha mandriice.
Sem mim póde-se passar.
Abaixo a canalha... — Disse.

A direita, que affastada
Se-tinha estado torcendo
Em crespo murro fechada,
De injurias tropel horrendo
Hia soltar indignada...

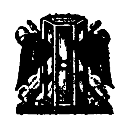
Eis que ouço diversa gente
Vir intrando na cosinha,
Fugida ao frio inclemente;
Nos bolsos, com magua minha,
Sumí as mãos de repente.

(*) Macrob. Saturnal. Lib. VII, Cap. 4.

INSCRIPÇÃO

Para um monumento lapidar, junto a Alcaçar-do-Sal, á memoria dos liberaes alli assassinados.

Aqui de tua patria os defensores
Tragaram do martyrio inteira a taça:
Viandante! leva as lagrimas e as flôres;
Lê só, dobra o joelho, adora, e passa!



AO ENGENHOSO E FECUNDO PINTOR

MAURICIO JOSÉ SENDIM.

EPISTOLA.

Já desde Homero, em traficos do Pindo,
Amigo meu Sendim, não roda o ouro.
Versos, bustos, paineis, primor das graças,
Pague-os sêcco Bretão por sommas brutas,
Se muito ha que do auctor deu cabo a fome.
Lisonja em metro, em marmores, em côres,
Incommende-a o mimoso da fortuna;
Pague com seus dobrões a gloria alheia.
Nós que, longe da terra, ao vulgo estranhos,
Vivemos facil vida anachoreta
Por solidões de imaginario mundo;
—Que os louros para nós, por nós plantados,
Ouvimos susurrar por sobre o colmo
Da hermidinha, onde as musas nos-visitam;
—Nós, nós, a quem deu alma a natureza,
Não terrea, não mortal, não simples alma,



De instinctos animaes fugaz composto,
Mas generosa, esplendida, sublime,
Mixto da etherea luz, do olor das rosas,
Do gorgeio do cysne e do profundo
Bramir do Oceano, e do beijar das rôlas,
E do albôr melancolico da lua,
E da calma do estio, e das sonoras
Bafagens tuas, Hespero, e do lume
Trémulo e scismador dos longes astros,
Não pomos preço vil ao que é sem preço.
Como lá n'outra edade, entre homens simples,
Colono, pescador, monteiro, artista,
De mão a mão seus commodos trocavam,
Tal dura e durará commercio nosso.
Irmãs, e não rivaes, as artes-bellas
Apertem mais e mais seus mutuos laços:
Sua origem commum, seus fins os mesmos
Impõem-lhes lei de amar-se, unir exforços,
Umas ás outras realçar o incanto.
Mais, muito mais que irmãs, são todas uma;
Em nome, em fórma vária é uma a essencia;
A belleza, a verdade, anceiam todas.
Pinta o Meónio, poetisa Apelles,
Phidias derrama em marmore a harmonia,
Orpheo nos magos sons esculpe os deuses.
Não ha mais que um só Deus, uma verdade,
Uma belleza só: mostra-la em côres,
Em figuras, em sons, em phrases pódes:

São cultos de um só nume em linguas várias.
A amendoeira em flôr é primavera,
Primavera é como ella o ceo macio,
Primavera a violeta, os ninhos novos.
Unica e pura a interna luz do ingenho
Dos sentidos no prisma se-refrange,
E sahe cambiada em fulgidos matizes.
Como as côres são luz, são estro as artes.
De nossa industria os fructos permutemos.
O mago teu pincel doou-me aos evos;
Se os versos meus aos evos resistirem,
Nos versos meus reflorirá teu nome.
Ah! não poder eu mais!... qual tu meu todo
Á estampadora pedra o-confiaste,
Capaz de confundir maternos olhos!
Não poder eu tambem pintar no metro
Genio, vida, expressão, physionomia
De quadros, onde a mente aos olhos falla!
Desegual foi comnosco a natureza:
Amante seu feliz tu gosas d'ella,
Abraça-la com extasi, surri-te,
Descobre-te um a um seus mil incantos;
E como se um tal bem não fosse immenso,
Diz-te — Eis-me aqui, retrata-me, ó ditoso;
D'onde os gostos extrahes, extrahe a gloria. —
Não assim eu: eu busco-a... ella se-occulta;
Chamo-a, invoco... ou não vem, ou só de longe
Fugaz e esquiva se-entre-mostra, e passa,

Como visão por sonhos vaporosos; —
Como scena confusa e namorada
De já perdido livro; — como idéa
Da mui longinqua infancia, que inda a medo
Por sob as cãs revôa ao pé das urnas; —
Ou como o astro da noite em selva umbrosa; —
Ou como as vozes de um serão do estio,
Quando da aldeia as virações as-levam
Soltas e vagas ao curioso ouvido
De erradio viandante; — ou como o vulto
De ingrata amada em vão, que evita incontros
Leve atravez das arvores refoge,
Sem deixar mais de si que a viva imagem
D'alva roupa esvoaçada e gostos idos!
Realiso as que a Grecia fabulára
Impaciencias do Alpheo, quando entre as nevoas
Doido de amor, frenetico, debalde
A vedada Arethusa andou buscando;
«Nympha, vi-te, clamava, ai! quero ver-te!»
E o *ai*, com que as florestas apiedava,
Não apiedava o coração da exempta.
Á beira de suas aguas fugitivas
Depois cançado e triste hia incostar-se
A procurar pelo animo saudoso
Que feições inxergou, quaes poderiam
Ser as mais que não viu; compunha-a toda,
Linda sim, mas phantastica; e por ella
Com longo affecto os echos entretinha.

Por isso ninguem peça inteiro canto
Na harpa quebrada! A voz de outros poetas
Que o-solte; não me-assombra: a solpha inteira
Perante os olhos seus se-desinrola.
Minha harpa incerta em solidões por noite,
Não apontados sons pendente exhala,
A capricho de um zephyro que adeja.
De Achilles, dos Jardins, do Eden os vates
E dos Bardos o Bardo, Ossian o altivo,
(Pelo seu estro o-juro; immensa jura!)
Taes não subiram, se ás geladas trevas
Desde a infancia atro genio os-condemnára.
Manhã da alma existencia, oh! como alegre
Me-alvoreceste! Oh! plena luz, inlevo
De que o minimo insecto ignaro gosa,
Riqueza, de que é rico o mundo todo,
Luz, com prodiga mão dos ceos lançada,
Vida, belleza, luz! palavra etherea,
A unica de um deus no grão momento,
Em que ao formado mundo erguia o panno....
Luz, luz, eu te-gosei na infancia minha:
Gosei!.... quem te-possue gosa-te acaso?
Não; prodigo, indiff'rente, como todos,
Vi-te, desperdicei-te. Ah! quem me-dera
D'essas horas douradas um minuto,
Uma só gotta d'essas fontes amplas
Por este areal tão secco! Oh! com que sêde
N'esse momento me-vingára de annos!

Que joyas no poetico thesouro
Avido para um seculo ajunctára!
Como ás imagens pallidas, que á força
Te-arranco, ó natureza, como arranca
O ouro entre fezes duro escravo á mina,
Como a tantas imagens desbotadas,
Rico legado do minino ao homem,
Revivera o matiz, o fogo, o lustre!
Então, para pintar florestas, mares,
Não precisára de espreitar confuso
Um ramo a folha e folha, ou já no copo
Agil movido o rutilar da limpha.
Se ouvisse descrever a magestade
De um rosto varonil, de uma formosa
O incanto, de um minino as graças lindas,
Tudo isso o-variára a mente facil.
O aspecto do varão nem sempre fôra
A paternal presença. Além de Amalia,
De meus brincos pueris ligeira socia,
Mais formosas houvera, e mais formosos
Anjos mortaes que o meu gentil do espelho,
De olhos tão vivos, tão córado aspecto,
Riso tão doce, e que eu amava tanto....
Saudades vãs! desejos vãos e acerbos!
Se o mar, se o ceo, se os campos se-me-esquivam,
Róla a mente em seu mundo infindos mares,
Campos lhe-alastra de opulencia estranha,
Circumvolve-o de ceos fervendo em astros.

Tal de Agenor o filho a patria perde;
Mas se lei deshumana o-lança em fuga,
Oraculo febeo condu-lo a thronos:
Por Tyro que perdeu lá funda Thebas;
A de cem portas nos canoros muros.
Mas a patria... era a patria; aquella Tyro...
Era a Tyro da infancia; o solio, Thebas,
O elysio, o olympo mesmo a não valeram.
Feliz o para quem da vida as portas
Se-lhe-abriram sem luz! Só tem metade
Do humano apêgo ao mundo, e horror á morte;
Não viu, chupando o leite, o seio amigo,
O surrir brando, os olhos, e nos olhos
O coração materno: as irmãs suas
Não foram mais que uns sons; a rosa um cheiro;
Movimento o passeio; o sol quentura;
Um monte, a estiva noite, as Graças... nada.
Longe outra vez, e para sempre longe,
Saudades vãs, desejos vãos e acerbos!
Que me-importam canções? ¿que outrem descreva
Com mais proprio matiz do mundo os quadros?
Que tenha ou não mais asas para um vôo?
Que importa que um volume de poesia
Seja um thesouro para mim sem chave?
E que dos seios do animo rebentem
Meus versos caudalosos, sem que eu possa
Co'a propria dextra abrir-lhes a passagem,
Por onde ávidas paginas inundem?

Não me-rege inda a luz os cautos passos?
Não me-tinge inda ao perto as várias fórmas?
Livros... pluma... olhos meus e dextra minha
¿Quando jámais n'outro eu me-fallesceram,
N'outro eu, onde os-amei e os-amo em dôbro?
Graças a amor! á natureza graças!
Logrei constante, e lograrei perpetuo
Nos laços fraternaes consorcio d'almas,
Nos de hymeneo fraternidade nova;
Meu ente n'estes entes se-completa,
Já bardo sou tambem... sahi, meus versos!
Pura mão, dom dos ceos que eu pago em beijos,
Sollícita vos-abre ao mundo a estrada;
Sahi, voae; da gratidão fervente
Aos olhos de Sendim levae meus votos!



O AMOR E O TEMPO.

CONTO.

Um dia o Amor e o Tempo sósinhos se-incontraram
Em certa solidão.
Alli, entre os dous numes pendencias se-travaram...
Não sei por que razão.

O Amor é deus minino, ligeiro, audaz e alado,
E cheio de poder:
O Tempo é deus forçoso, indomito e apressado;
¿Qual deve pois ceder?

De ralhos e invectivas passaram a violencia;
Combate se-travou:
O Amor brandiu seu arco; e o Tempo, com demen-
As settas lhe-aparou. (cia,

Depois emfim, cançado de tanto soffrimento,
Sacou da foice o páo,
E sem lhe-dizer nada, pagou-lhe o atrevimento;
¡Zurziu-o, e não foi máo!

¿ Qual foi o resultado? O Tempo ficou morto
E quasi morto o Amor!
Aqui começa o zoilo a achar sentido torto,
Moral inda peior.

Eu conto-lhe uma historia, sem lhe-junctar com-
Sem pôr-lhe explicação; (mento
Elle suppõe que eu pinto namoro e casamento....
¡Oh grande sem-razão!



O ANJO DA HARMONIA.

Á Sra. D. Maria Constança Arnaud de Medeiros.

CANÇONETA.

Amor, que influe os cantos,
E os sons extrahe da lyra,
Amor de amor suspira,
Se te-ouve modular.
Anjo, que o nome
Tomas de Armia,
Dos ceos á terra
Toda a harmonia,
Todo o segredo

Vens revelar.
Amor furtado havia
Ás nove irmãs o plectro;
De Guido em trôco o sceptro
Tu vens ás musas dar.
Anjo, que o nome
Tomas de Armia, &c.

¿Que humano póde oppôr-se
Aos sons, que tu soltares?....
Se a ingratidão cantares,
Pódes faze-la amar.
Anjo, que o nome
Tomas de Armia, &c.

Teus sons, até sem phrase,
Foram linguagem bella.
Rival de Philomella,
Falláras sem fallar!
Anjo, que o nome
Tomas de Armia, &c.

Ama a razão perder-se,
Quando por magos cantos,
Sereia, em mar d'incantos
A-fazes naufragar.
Anjo, que o nome
Tomas de Armia, &c.

Quem disse—adeus—a ingratas,
Fuja de ouvír-te.... ou logo
Verá da cinza o fogo
Mais vivo rebentar.
Anjo, que o nome
Tomas de Armia, &c.

Se a Ignez soltando achassem
Sons, como os teus divinos,
Seus ferreos assassinos
Fugiram, sem n'a-olhar.

Anjo, que o nome
Tomas de Armia, &c.



EPITAPHIOS.

Aqui jaz frei Gaspar, geral dos franciscanos.
Crêmos, com pia fé, que esteja em bom logar.
Teve uma vida sancta; e durando oitenta annos
Não fez mais que um peccado este bom frei Gaspar,
Tomou uma broega aos vinte annos de edade,
De que emfim se-desfez no dia em que morreu.
Se acaso és taberneiro aqui d'esta cidade,
Lê, chora, reza, vai-te, e deixa o officio teu.

AO MESMO.

As minhocas nas mais cóvas
Comem quantos lá vão dar;
Nesta bebem as minhocas
O odre velho, frei Gaspar.

AO MESMO.

Debaixo d'esta campa, ó passageiro,
¿ Queres saber quem jaz? toma-lhe o cheiro.

AO MESMO.

N'esta cóva, com fôro de lagar,
Fermenta agora o cacho frei Gaspar.

AO MESMO.

Jaz aqui frei Gaspar do Tabor,
Confessor, prégador, revisor,
Moralista, casuista, scottista,
Latinista, hellenista, organista;
Homem grande em sagrado e profano;
Grosso nó do cordão franciscano.
Foi varão tão constante e tão forte,
Que em noviço uma *lagea* apanhou,
E sómente a-largou, quando a morte
Esta em cima por fim lhe-deitou.

AO MESMO.

Aqui devóra a terra os restos vis, terrestres,
Da gloria, inveja, e flôr dos nossos padres mestres.
¿A sua alma, quem sabe agora onde andará?
Talvez doida, apesar do seu saber profundo.
¿Como havia de achar as portas do outro mundo
Quem até na da cella esbarrava por cá?

A FELIPPE FOLQUE.

EPISTOLA EPITHALAMICA.

Se musa de ermitão se-admitte em bodas.
Das brenhas, em que dorme, invio a musa
A brindar-te no Tejo, amigo Folque:
Leva na dextra rosa de noivado
Por passaporte; e se não basta leva
Os parabens de um bom amigo ausente.
Teus saudadores, folgasãos convivas,
A-acolham pois; que certo nos teus lares
Sei eu, que lhe não falta acolhimento:
Onde das nove irmãs já vivem duas
A terceira é bem-vinda: e se, toucada
De lugubre cypreste, a de Francilia
Deixar no aureo festim sem uso o plectro,
Bem é que a tua Urania ao menos ouça,
Que outra irmã sua o seu prazer celébra.
Cahiste emfim, rochedo inabalavel,
Coração desdenhoso, emfim cahiste!
O que tão sem piedade has feito a tantas,
Uma t'o-fez: ¡estás vencido e escravo!

(O' dia triumphal nos fastos cyprios,
Digno de lettras d'ouro em niveo jaspe!)
Estás vencido e escravo, e o jugo adoras!
Ah! se amor, qual te-pune, aos mais punisse,
Quantos e quantos, em logar de honra-lo
Repulsariam seus primeiros tiros!
Mas por um, como tu, que ingrato amima,
Milhões de servos bons põe elle á morte.
 Longe os queixumes, longe os ais dos tristes;
Coroemos nossa alma de prazeres,
De murta as nossas testas, de grinaldas
Os nossos copos; coroemos de hera
As nossas lyras, de loureiro as graças,
De palmas o hymeneo; toldam-se os ares
Com os vapores do incenso, que ás mãos cheias
Lhe-arde na pyra. Sejam estas nuvens
D'este alvo dia as unicas, ó deuses!
Desce, não tardes mais, desce do olympo,
Voa hymeneo, com fresca mangerona
Intertecido a trança lusidia,
Vem soprando, com o halito de rosas
Da bocca alegre, ao facho, que furtaste
Astutamente a amor: baixa, ondeando
O teu manto de purpura-inflammada,
Com que has-de o joven par cobrir nas plumas,
Porque olhos máos de inveja o não fascinem.
Baixa, hymeneo, vôa hymeneo: já soam
De toda a parte os hymnos; que mais tardas?

O esposo mal soffrido já te-accusa:
A melindrosa esposa — toda peijo
Por ser feliz — co'os olhos baixos, solta
Suspiros não maguados, mas suspiros.
Ella deseja e teme... o que não sabe,
Elle sabe e não teme o que deseja.
Vôa, accode, hymeneo, despenna-os ambos.
Alteae cantos, alteae, vós moços
Por disfarçar suspiros invejosos,
E vós, ó virgens, turbações visiveis.
  Viva hymeneo! Silencio! Ahi bate a hora!
Eis o nume, eis o nume; o fogo da ara
Ateou-se por si! Vede-o, que rindo
Sacode o facho emtorno dos esposos.
Par feliz, fausto agouro as gnidias pombas
Deram rolando, volteando em roda,
Unindo os bicos, inlaçando as azas....
Já está nos pulsos o festão perpetuo;
Já não sois mais do que um! N'este momento
N'um fuso novo as Parcas principiam
A torcer junctos vossos fios alvos,
Em quanto uma das tres surrindo, e á pressa
Carrega em rocas de ouro a seda rubra
Da amavel, numerosa descendencia.
  Mãe de hymeneo, formosa Urania, exulta,
Esquece o teu ar grave, Horacio o-disse,
— É de juizo o-doidejar a tempo: —
Máo-grado ao longo manto azul-celeste,

E á nobre c'rôa de astros, que te-ufana,
Dança co'as graças hoje: ao teu alumno
Devias muito; mas teu filho o-ha pago.
Dança co'as graças, dança co'os amores,
Bella Urania, e perdoa-lhes o furto,
Que te-fizeram do compasso e esphera.
Torna-te culta, lava-te da nodoa
De nimia sequidão; faze-te humana
Entre os humanos; teus laureis estremes
Não tem a vista de um laurel com rosas;
No que estreme teceste ao teu alumno
Teu filho as-entresacha: os bons amantes
Tão raros são como os ingenhos raros,
Uns e outros ganham jus ás cem trombetas:
Deixa que o teu mimoso á gloria corra
Por estrada não êrma. Embora aquelle
Sobre cujo sepulchro inda hoje choras,
Embora Newton, só fecundo na alma,
Virgem descesse á campa: embora muitos
(Sem o-tomarem por modelo n'isto)
Nos-preguem, que a abstinencia é mãe do ingenho,
E que a deusa mais sabia era a mais casta:
Cada qual tem seu fado, ou tem seu genio,
E mais de uma vereda á fama guia.
Os homens instruir é muito menos
Do que instrui-los e augmentar-lhe a especie.
Se é bello andar por ceos medindo globos,
Bem doce é vir depois gozar na terra

Dous globos sem eguaes, por ninguem vistos,
E contemplar os vivos movimentos
De dous astros de amor, onde fulgura
Do observador o horóscopo ditoso.
O estar sósinho e mudo como Newton
A analysar a luz, valerá tanto
Come ser dous a desfructar as trevas?
Dezeseis lustros sem amor são muito
Para comprar mais pompas no epitaphio.
Estudem-se altas leis, que a natureza
Dicta aos mundos e aos sóes, cumprindo aquellas
Que a mesma natureza em nós imprime.
Nenhum astro primeiro inceta a noite,
Nenhum deixa mais tarde o ceo já branco,
E nenhum fulge tão gentil como esse,
Que tem da mãe de amor belleza e nome;
Parece posto alli como a atalaya
Das horas do segredo, e das caricias,
Dos doces furtos, das suaves queixas,
Dos tardos prémios, dos triumphos cautos.
Vós que Newton chorais, chorae-lhe a vida;
Vós que estudais o ceo, dai culto a Venus!
Tu lh'o-dás, caro Folque, e mais que os outros
Agora carpirás teu pobre mestre.
Feliz tu, vezes tres e quatro, e tantas
Quantas já nos teus numeros não cabem:
Feliz tu: dos prazeres mais subidos
Nenhum ha, que os destinos te não dessem!

Tu conheceste o incanto das viagens,
O de achar a evidencia; o do reinado
Dos corações, co'a magica harmonia:
Faltava o que hoje tens, e excede a todos,
Dar a ventura e recebe-la amando.
¡Oh! e quanto amará quem tem por sua
Essa alma, que respira em tua flauta!
Nunca assim nas arcadicas florestas
O deus, inventor d'ella, e o mais amante,
A-fez queixar-se aos ecchos admirados!
Labios, que em vagos sons exprimem tanto,
¡Que não farão em repetindo — eu te-amo!
¡Que não farão beijando um seio intacto!
  Com dextro pé subaes ao igneo thoro,
Felizes corações, e amor sem venda
Vos-seja cada noite o paranympho.
Pensae, que se nos ceos se-avista Venus
Tambem lá está Saturno, o deus das eras,
O conductor da morte: aproveitae-vos
Da facil mocidade, que não torna.
Para amar-vos fieis por toda a vida
Sêde sempre.... o que sois, amaveis ambos,
E julgai cada dia o derradeiro.
Para que a desventura vos-respeite
Fazei que sempre unanimes vos-ache.
Imitai um com o outro esta harmonia,
Que reina entre o planeta, em que habitamos,
E essa gentil satellite visinha.

Se a lua corre o circulo do anno
É girando em redor do seu planeta;
Se-este avança na orbita prescripta
Não deixa atraz um só momento a socia;
Ambos elles têm dia, ambos tem noite,
Mas graças á união com que viajam,
Um ao outro allivia, e infeita as noites,
E reflectindo a luz, mais doce a-tornam.
¡ Ah! cumpra em vós o ceo, brilhantes astros,
Do vosso hermita as supplicas ardentes;
Nunca tereis eclypse, eu vo-lo juro,
E correreis uma órbita sem termo.
Emquanto eu cá na serra, entre os meus lobos,
(Mas louvores á sorte, ausente de homens)
De ti me-lembro, amigo, e em honra tua
Orno um bom copo de silvestres flores,
Tu a amor, nada mais, por ora intregue,
Depois só repartido entre elle, e Urania,
¿Terás para a amizade um pensamento?
Sim! ao menos o mez do umbroso Jano,
Que ao mundo me-lançou, fará que observes
Nascer no espaço ethereo a lyra muda;
Muda a lyra, em que Orpheo deu gloria á Thracia,
E as Thracias não moveu, movendo os Manes.
Se eu te-lembrar então: dize saudoso;
» Outra menos brilhante existe agora,
» Muda tambem, n'um ermo em nossa Thracia,
» A que além brilha commovia os brutos,

» Refreava os tufões; e esta receia
» Mandar o som mais leve ás brandas auras,
» Porque feras mais barbaras que as feras,
» Porque bandos mais ebrios que as bacchantes,
» Não desincantem, não devorem vivo
» O vate, réo por não cantar a infamia. »
Se dezejas pagar-me o puro zelo
Com que a lyra espertei para cantar-te,
Dá-me (e darás) em nove luas certas
Novo motivo de c'roar tres copos.



A RIBEIRA E O LAGO.

FABULA

Que já teve mais sentido do que hoje tem.

Uma ribeira placida,
Filha de pobre fonte,
D'entre rochedos asperos
Vinha de alpestre monte.

Hia sem nome, e incognita,
Correndo extensos prados,
Auxiliar do agricola
Os próvidos cuidados.

Aqui lhe-dava o rustico,
Nas hortas, franca intrada;
E a clara lympha argentea
Em ondas derramada,

Nos sulcos imbebendo-se
Nutria os vegetaes:
Mais longe diffundindo-se
Por concavos canaes,

Hia os pomares floridos
Regar no fim do dia;
De pasto verde e róscido
Nas margens se-vestia.

Á vaga turba aligera,
Aos gados e aos pastores
Matava a sede rábida
Co'os frigidos licores.

Das aldeãs os cantaros
Inchia até no agosto;
E como espelho lucido
Lhes-retratava o rosto.

Co'o fresco e co'o murmurio
As moças convidava;
E em sombra fria e tácita
Os membros lhes-banhava.

Quando no inverno barbaro
Os ventos sibilavam,
E os puros ceos diaphanos
De nuvens se-affrontavam,

Quando silencio lugubre
Nos campos se-estendia,
E só da chuva o estrépito
Nos bosques retinia,

Quando em torrentes rapidas
Dos montes escalvados
As aguas, derramando-se,
Vinham cobrir os prados,

Então com maior impeto,
Com forte murmurinho,
Tinha maiores prestimos
Por todo o seu caminho.

Cahindo branco e túrgido,
Com sua furia toda,
Do moinho em leves circulos
Voltear fazia a roda;

A galga pesadissima
Na vasa do lagar
Em prolongado vórtice
Fazia remoinhar;

Emfim, sereno ou túmido,
Correndo o bom ribeiro,
Inglório, mas proficuo,
Servia o anno inteiro;

Já desfalcado e tenue,
Mas sempre doce e ledo,
Se-hia ingolfar por ultimo
N'um lago vasto e quêdo.

Bosque de muitos seculos
Tolhia aos ventos vagos
Turbar o amplo circulo
D'este primôr dos lagos.

Verde broquel frondifero
Por cima lhe-estendia,
Contra as frechadas rábidas
Do sol do meio dia.

N'um fresco, n'um crepusculo
De eterna duração,
Dos fogos da canicula
Zombava o soberbão.

Nas noites solitarias
A maga Philomella
Cantava a paz suavissima
De solidão tão bella.

Do melro a grave musica,
E d'outros mil cantores,
Do lago alçava a gloria
Nas azas dos louvores.

Nymphas dos valles proximos
O-vinham visitar;
Ouvia de continuo
Seu nome aos echos dar.

Gosava quantos commodos
Um lago póde ter;
Só lhe-faltava o merito
De proveitoso ser.

Era estagnado pantano
Corrupto, esverdinhado;
Beber-lhe as aguas sordidas
Temia armento e gado.

Os vermes habitavam-no:
Sahia, e nunca em vão
De seus miasmas putridos
Continua exhalação.

Nas proximas planicies
Miserrimas doenças
Faziam com seu hálito
Ás solidões immensas.

Da habitação selvatica
Fóra jámais passou,
Nem de ajudar o agricola
Co'as regras se-dignou.

¿A' sua nobre inercia
Que póde haver que importe?
Só de arvores sem prestimo
Nutrir faustosa côrte.

Eis o gentil deposito
Onde a corrente mansa
Os seus thesouros liquidos
Continuamente lança.

Um dia a torva Nayade
Do lago preguiçoso,
Olhou seu feudatario
Com gesto desdenhoso....

Olhou, porque o misero
Té alli nem fôra olhado;
E disse-lhe, surrindo-se:
» — ¡Como tu vens cançado!

» ¡Como vens pobre e humillimo!
» ¡Que bom vassallo que és!
» ¡Vêde as rendidas pareas
» Que arroja ante os meus pés!

» ¿Vil, insolente, perfido,
» E ousas assim tractar-me?
» Pelos meus bosques, juro-te
» Que saberei vingar-me.

» Farei que a fonte incognita
» D'onde lhe-sahes tão pago
» Venha no centro liquido
» Correr d'este meu lago.

» Co'uma palavra magica
» Te-sumirei no pó,
» Sem que de ti, sacrilego,
» Fique um vestigio só. »

Não bem findára a Nayade,
Annúe a selva; ¡então!
Das aves sôa, unisona,
Geral acclamação.

O feudatario misero
Da ameaça vã tremeu,
Porém comsigo tácito
D'est'arte discorreu:

» — ¡Que orgulho e louca insania!
» Um lago é pois mais nobre:
» Insulta-me, despresa-me
» Por util ser, e pobre!

» Suppõe, no seu delirio,
» Que excede a mil ribeiros,
» Por ter antigas arvores
» E alados lisongeiros.

» ¿Com altivez estupida
» Como é que a tal se-atreve?
» ¿Não sabe que a existencia
» A's minhas aguas deve? — »

Prelados, duques, principes,
Para não ser molesto
A vossas Excellencias,
Vou resumir o resto.

Longas leituras cançam-vos,
Não sendo em pergaminho:
Tornar-me-hei pois lacónico,
Sem me-tornar mesquinho.

O meu regato incógnito
De direcção mudou;
E o lago ficou árido
Quando elle lhe-faltou.

A doce lympha argêntea
Em vez de se-estagnar
Foi mais pomares flóridos,
Mais hortas foi regar.

O bosque inutil e horrido
Co'o ferro emfim cahiu;
Os males dissiparam-se,
A vida resurgiu.

Esteril e infructifero
O campo inhabitado
Ao curvo dente rigido
Se-abriu do activo arado.

Aqui termina a fabula:
Cautela co'as violencias;
Deus guarde infindos seculos
A vossas Excellencias.



AS DUAS PRIMAVERAS.

Lapa dos Esteios, Maio de 1826.

Non semper idem floribus est honos Vernis.
Horat., Cam., lib. 2, ord. 11.

É este o aprasivel sitio,
A gruta amena e florída,
Onde gozei, entre amigos,
O dia melhor da vida.

Eis o rio argênteo e manso,
O caes vistoso e pequeno,
A abobada de verdura,
O ar macio, o ceo sereno.

São estes mesmos, são estes
Os favonios, que eu senti:
Alli gorgeava um melro,
Um melro gorgeia alli.

Foi n'esta gruta que outr'ora,
C'roado de brancas flores,
Eu cantei a primavera,
E por ella ardi de amores.

Então viessem as nymphas
E a rainha de Cythéra,
Não poderiam mover-me,
Que eu era da primavera.

Suspirei, chamei mil vezes;
Gritos, ais... foi tudo em vão;
Nunca incontrei no universo
Quem tinha no coração.

Essa linda e joven deusa,
Cujo surriso celeste
O mundo cobre de flores,
De alma luz o ceo reveste;

Essa deusa, pelos vates
Tantas vezes celebrada,
De Flora sempre seguida,
Dos favonios cortejada,

Essa que doces dezejos,
Prazeres e amor inspira;
Que eu amei, que tantas vezes
Celebrei na curva lyra,

Jámais existiu na terra;
Foi minha credulidade,
Foram do estro os delirios,
Que lhe-deram realidade;

Nasceu de uma vez secreta
Que n'alma senti gritar
—» És mancebo, é tempo, escolhe!
» É tempo, deves amar! »

Quiz seguir a lei sagrada......
Mas não incontrei jámais
Que valesse os meus suspiros
Uma só d'entre as mortaes.

N'umas o genio orgulhoso
Se-oppunha á minha ternura;
N'outras o estudo affectado;
N'outras o ar da loucura.

Qual era da ira escrava;
Qual invejosa e mordaz;
Qual do trabalho inimiga;
Qual inimiga da paz.

Os vicios, os prejuizos
Incontrava em todas ellas;
Em todas ellas reinava
O genio das bagatellas.

Fujamos da baixa terra,
Gritei ao meu coração;
E procuremos um ente
Digno da nossa paixão.

Da natureza no seio
Vi uma linda chimera;
Segui-a, tornei-me escravo
Da deusa da primavera.

Pelas mãos da natureza,
Já preparado o volcão,
Póde accender-se, e violento
Rebentar do coração.

Era um sonho o lindo objecto;
Mas inda que um sonho fosse
Eu, tendo-o na phantasia,
Tinha d'elle a amavel posse.

Foi então que, todo cheio
Da minha grata loucura,
Corri a collina, o prado,
A gruta, a fonte, a espessura.

A's aves, ao ar, ás flores
A tudo quanto incontrava,
Noticias da sua e minha
Bella deusa eu perguntava.

Mas passou-se a flórea quadra,
Do anno o tempo melhor,
A estação de mil prodigios,
De prazer, de paz, de amor.

A minha doce loucura
Então senti destruida;
Doce loucura que um ponto
Foi de luz na escura vida.

Se esta illusão fosse eterna,
¿A que outro invejar podéra,
O amante de uma deidade,
O amante da primavera?

O tyranno deus de Gnido,
A quem meu passado culto
Talvez parecêra estranho,
Talvez parecêra insulto,

Quiz, vencendo-me, c'roar-se
De novo, difficil louro:
Accendeu seu facho ardente,
Poz no arco a setta d'ouro;

Viu Julia, e bradou — « Tu, deusa,
» Terás da victoria parte:
» Vou pôr um rebelde em ferros,
» E novo escravo entregar-te. »

— » Temerario, audaz mancebo,
» Toma a lyra, então me-diz.
» Canta que eu soube vingar-me
» Tornando-te mais feliz. » —

Suspirei; nos meus suspiros
Senti divino prazer,
¡ Céos! quem obrou tal prodigio!
¿ Que nume tem tal poder?

O' tu, que as deusas excedes,
Mortal, de quem geme escrava
Esta alma, que as proprias nymphas
Indignas de si julgava.

Tu não és de meus delirios
Uma ficção passageira:
Eu fui de um sonho alguns dias,
Serei teu a vida inteira.

Substitue a primavera
Na posse dos meus amores:
Pódes tão linda como ella
Incher-me a vida de flôres.

Sabes o que ella não sabe,
Os meus extremos ouvir;
Responder aos meus affagos;
Aos meus ais retribuir.

És adoravel, existes,
Tens ingenho, e tens ternura;
Pódes, o que ella não póde,
Fazer a minha ventura.

METAMORPHOSES DE TODOS OS TEMPOS.

Viu Gertruria n'um quadro deleitoso
Uma Leda gentil, que era affagada
Por um cysne sem par, alvo e formoso;
E leu por baixo esta inscripção gravada:
— ¡ Ah! que não póde sobre o triste humano
O que assim tracta a Jupiter sob'rano! —

Junto d'este, outro quadro figurava
Prado, nymphas, Europa, e o niveo touro,
Lambendo os pés da bella, que o-c'roava:
E em baixo esta legenda em lettras d'ouro:
— Vibra o raio, enche os céos, fez o que existe,
Gigantes vence, e a amor em vão resiste! —

Surriu Gertruria, e cheia de vangloria
Bradou— « ¿ ¡ E pinta-se isto?! ¡ ¿ e é commentado?!
» ¿ E acham-no digno d'immortal memoria?!
» D'estas faço eu sem ser o nume alado:
» Pois eu não mudo o meu André Maria
» Em pato sempre, e em touro cada dia?! »

AO SR. BORGES

EXCELLENTE COMPOSITOR DE MUSICA.

Epistola accompanhando um exemplar de meu livro — Amor e Melancholia. —

¿ Entre as serras e o mar quem jaz sentada
Na rocha nua? A brisa solitaria
Lhe-ondeia negra veste, e tranças negras;
O clarão roseo do incendido occaso
Tinge ao pinheiro as balouçadas ramas.
¿ Porque não dá seu fulgido reflexo
Sobre esse rosto pálido? ¿ que idéas
Lhe-vôam negras na assombrada mente?
¿ Por que razão seus olhos descuidados
Correm de leve as matas venerandas,
Os arduos montes, as planicies verdes,
E o, sem fundo nem fim, turbido oceano,
Para pousar no gothico mosteiro?
¡ Ah! que assaz por seu ar se-lhe-adivinha!
Só descortina a face do universo
Pelo prisma das lagrimas. ¿ É morta

Sua irmã? ¿sua filha entre essas virgens?
Não: mas respeito aos soltos devaneios
Da musa melancolica do êrmo,
Socia infeliz do adorador de Julia!
Vão-lhe os dias em pranto, em pranto as noites,
Na solidão se-appraz, no horror se-nutre,
E como se-ama o riso, ama os lamentos.
Os filhos do prazer, que ao longe ouviram
Seu amargo queixar na voz dos echos,
N'alma pasmaram de paixão tão nova.
¿Que seria, se ao musico instrumento
Casasse a sua dôr, seus ais, seus versos?
Mas que instrumento musico os-diria,
Senão essa que ha seculos intacta
Lyra de infausto amor lá jaz pendente
Dos alcantis phebêos sobre invio cume;
Lyra depois de Orpheo tocada a furto
Só pelas plumas de celestes auras?
¿Quem ao loureiro ethereo, onde se-embala,
Ousaria voar, traze-la á terra?
Cysne, cysne da magica harmonia,
Pódes, ousa, transpõe, assombra os ares,
Furta ao ramo o fatidico thesouro,
Traze-o n'um vôo á musa do deserto;
Que forte por teu dom derrame inchentes
De ignota, omnipotente melodia.
 Concebidos na dôr, despidos d'arte,
Acerbos fructos de paixões sombrias,

Seus versos tem o jus dos desgraçados;
Aos desgraçados lagrimas arrancam.
Mas de tua arte accresçam-lhe os prestigios,
Insope o doce canto as agras queixas,
E o segredo das lagrimas aprendam
Os olhos seccos de mortaes ditosos.
¡Quanto alivio é na dôr o ser carpido!
O veneno das settas do infortunio
Obtem co'o pranto alheio um lenitivo.
Reune aos versos meus, teus sons divinos,
Luso Amphião, empresta ás minhas queixas
A persuasão sympathica do canto;
E os que me-ouvirem, gemerão comigo.
  Nas paixões grandes, intimas, revôltas
Quando em fogo as intranhas se-derretem,
E o coração esvoaça pela mente;
Quando ao poder de um nome se-anniquilam
Os céos, a luz, e a terra excepto um ponto,
¡Quanto é pouco o que exprime a phrase nua!
N'essas horas excentricas da vida,
Caia a lyra dos céos nas mãos do genio;
Os anciados segredos de repente
Borbutarão na voz, nos sons das chordas,
Chordas que em longa escala se-variam
De metal em metal, desde o ouro ao ferro,
Desde a expressão do riso ao tom das campas.
  A musica, essa harmonica linguagem,
Unica universal, e sempre clara,

Bem que diversa entre as nações diversas,
É a porteira que franqueia a intrada
Do incantado universo dos delirios:
Tudo é dominio seu, a vida, a morte,
Céo, terra, abysmo, sonhos, existencia,
A saudade, a esperança, o gosto, as penas:
Prothéo maravilhoso anima tudo,
Diversa em ar e em gesto: entre os pastores
Pastorinha amorosa ingrinaldada;
Ameaçadôra e audaz ante as phalanges;
Risonha nos festins, nos templos séria.
Vêr como a terra se-anniquila aos olhos
Na escuridão da noite, e como inteira
Resahe do chaos ao fulgir da aurora;
Cora e surri co'a luz a rosa nova;
Alegra-se a ceara; o mar se-antolha
Vasto e sublime, tristes as montanhas,
Melancolica a pedra funeraria!
A melodia é a luz que extrahe do chaos
As palavras sem ella amortecidas;
Com ella a dôr é dôr, e o gosto é gosto.
Surge Amphião, preenche os teus destinos;
As fadas embalando-te na infancia
Te-votaram cantando á eternidade:
Na boquinha entre-aberta e adormecida
Mel do Parnaso as sylphides verteram;
Cumpre a tua missão; assaz Thalia
Cantor te-ha visto de seus brincos faceis:

Aguia póde adejar por entre flores,
Mas é seu fado remontar-se ás nuvens:
Imita a natureza: a natureza
Foi de tua arte a mestra, e é seu modelo;
Tomou por harpa a face do universo,
Mas vê com que espantosa variedade
Corre todos os tons; terrivel, fera
No rolar do trovão; selvagem, bruta
Na cataracta; augusta no oceano;
Voluptuosa no zephyro entre os myrtos;
Triste no mocho; languida, saudosa
Na agua fugaz do arroio trepidante;
Nas fallas infantis alegre e ingenua;
Diversa em cada objecto, e bella em todos
Aos risos folgasãos furta-te um dia,
Entra em meu coração, sonda este abysmo,
Concebe quanto eu sinto, e expõe-n'o ao mundo;
Do que me-vai cá dentro, um pouco apenas
Nos versos translusiu: mas se interessam
Mais que os vulcões do globo, os vulcões da alma,
O que a phrase não póde, exprima o canto.
Das mais vivas paixões pinta os extremos,
E das graças o apuro, uma Heloisa.
Dá-me embora um rival em cada ouvinte;
Mas, para os-atterrar, do som do raio
Ou do igneo, ondeante terramoto,
Tira o som com que exprimas o ciume.
Se adivinhas meus intimos segredos

Transmitte-os á memoria do universo
Na harpa dos mais amantes d'entre os anjos,
Na harpa dos seraphins, harpa assombrosa
Aonde as vibrações são labaredas.



POESIA FRANCEZA.

Recolhendo-me eu á casa, a 15 de Dézembro de 1839, á noite, acho com uma carta sem assignatura um soberbo album, que um desconhecido viera trazer: na carta se-me pedia, que attendesse ao livro e o-restituisse ao portador, que o-iria buscar. No album nada mais havia escripto que o seguinte:

A M. DE CASTILHO

Sur son poème de la Primavera.

Lisbonne, novembre 1839.

O chantre du printemps! ton livre en a les charmes.
Que ta muse est aimable en ses simples atours!
Elle a pour les heureux les parfums des beaux jours,
Et pour les cœurs souffrans le doux trésor des larmes.

Tu me rends le hameau, le foyer paternel,
L'amour, les vœux, les pleurs, le souris d'une mère,
Le temple, d'où le soir ma naïve prière
Avec l'encens des fleurs montait vers l'Éternel.

Oui, mon bonheur passé, oui, tous mes jours de fête,
Ces lares, ces amis fiers de mes premiers chants,
Oui, tout renaît pour moi dans tes tableaux touchans;
Tel l'azur d'un beau ciel dans l'onde se reflète.

O bardes inspirés ! semez partout des fleurs.
Que votre voix magique endorme la souffrance;
Dans les cœurs attristés ranimez l'espérance;
O célestes amis ! enchantez nos douleurs !

Êtres que Dieu forma d'amour et de lumière,
Bardes selon son cœur ! purs échos de sa voix !
Harpes des saints parvis qui vibrez sous ses doigts !
Il vous prêta des chants pour consoler la terre.

Vous trompez nos regrets, vous savez assoupir
Ce vague et long ennui, vautour insatiable,
Qui ronge au fond du cœur la fibre impérissable,
Qui toujours renaît pour souffrir.

Poète ! que ta main trace sur cette page
Une ligne et ton nom ! dans mon pays aimé,
Avec un doux orgueil un jour mon cœur charmé
Répètera ce nom cher aux échos du Tage.

Une ligne et ton nom ! Que sur ces bords lointains
Une voix sainte et pure à ma voix inconnue
Réponde avec amour ! Que ma lyre éperdue
Éveille, en gémissant, ta lyre aux sons divins !

Une ligne et ton nom! Oubliant la tempête,
La fleur qui se penchait sous les froids aquilons,
Pour sourire au soleil relèvera sa tête,
Et de son humble éclat ornera les vallons.

NOTA. Le poète, le savant, l'homme vraiment extraordinaire à qui les vers précédents s'adressent, est depuis l'âge de quatre ans privé de la vue.

Não podendo advinhar quem o anonymo fosse, e sentindo-me de veras filho de Eva como todos nós, dei-me pressa de obedecer ás tão cortezes supplicas da musa, notoriamente franceza, e pareceu-me (talvez sem razão) que á minha deveria para isto preferir a sua linguagem. — A segunda pagina do *album* recebeu os versos que seguem, e que assignei:

RÉPONSE DE M. DE CASTILHO.

Au milieu de ce bruit d'un éternel orage,
Quand le monde grandit vers un pôle inconnu,
Comme le cèdre altier au haut d'un mont sauvage
Par les vents opposés croît toujours soutenu;

Quand un siècle géant, sur une terre impie,
Va de son pied d'airain broyant les temps passés,
Et qu'on n'entend plus rien que la confuse orgie
Des égoismes insensés;

Quelle est cette voix solitaire
Qui, pleine d'amour et de foi,
Comme un beau rêve sur la terre
A daigné descendre sur moi ?

Oiseau qui te caches dans l'ombre
Je te devine à ta douceur;
Sors pour moi de ta grotte sombre,
Esprit dont mon âme est la sœur!

Pourquoi, timide violette,
Te cacher sous l'épais gazon?
Viens! ton oiseau, c'est le poète;
L'heure d'aimer c'est ta saison.

Tous deux nous chantons des prières,
Baume divin des cœurs souffrants;
Notre Dieu, nos berceaux, nos mères,
Reçoivent toujours notre encens.

Par la mort, pour nous rien ne tombe
Dans ce néant cher aux pervers;
Tous deux nous avons pour la tombe
Des entretiens, des pleurs, des vers.

Dieu mit en nous sa poésie
Comme une secrète onction
Qui préservât notre humble vie
De l'affreuse destruction.

Cygne plaintif au blanc plumage
Que la mort atteint de son trait,
Pourquoi gémir sous ton ombrage
Où nul écho ne te distrait?

Viens, j'ai souffert, j'ai la voix douce,
Viens que je berce ta douleur.
Dans la pitié, doux nid de mousse,
On dort sans rêver de malheur.

Et quand les lieux de ton jeune âge
Enivreront ton cœur guéri,
A tes amis, dans cette page,
Montre le nom de ton ami.

Faltava responder á carta: aproveitei o lanço para exprimir ainda mais claramente o insoffrido dezejo que me atormentava de conhecer tão amavel correspondente. No dia seguinte ao da partida da carta e do livro torna o portador com esta epistola a M.me de Castilho, assignada *Pauline Flaugergues:*

A MADAME DE CASTILHO.

Lisbonne, décembre 1839.

Je chanterai pour toi, compagne du poète!
Ange au pieux amour, au front noble et charmant!
Laisse-les pénétrer encor dans ta retraite,
Ces vers échos d'un cœur aimant.

Plus doux est ton parler que les plus douces lyres;
Dieu para tes vertus de talents enchanteurs;
Ta bouche a, je le sais, d'angéliques sourires,
Charme des rêveuses douleurs.

Compagne du poète! ah! je t'aime et t'appelle.
Quand l'étoile scintille en un ciel de saphir,
Quand la fleur qui s'endort sur sa tige nouvelle,
A livré ses parfums au souffle du zéphir;

Quand le lierre embellit le chêne qu'il embrasse,
Quand la rose, à côté du lis majestueux,
Brille de son éclat et lui prête sa grâce;
Alors mon cœur pense à vous deux.

O mon Dieu, dis-je alors, aux anges de la terre
Donne autant de bonheur qu'à tes anges du ciel!
Donne-leur un jour pur que nulle ombre n'altère,
Une coupe enchantée où déborde le miel!

Grâce à toi, grâce à toi, dont la main bienveillante
Traça sur le vélin des mots consolateurs!
Que le ciel, s'il se peut, à ma voix suppliante,
Serre encor tes liens de fleurs!

Ces vers harmonieux que dicte un autre Homère,
Qu'ils sont touchants, transmis par ta pieuse main!
Des pleurs en les lisant ont mouillé ma paupière.
Compagne du poète! il est beau ton destin:

Ton nom comme ses chants vivra dans la mémoire
Et ton saint dévoûment charmera l'avenir.
Il te doit le bonheur, tu lui devras la gloire;
Pourrait-on l'admirer et ne pas te bénir?

Pauline Flaugergues.

Escusado é dizer se foi para nós uma alegria o descobrimento de nos acharmos assim inesperadamente em relações (podemos dizer intimas, que taes são sempre as dos poetas) com a auctora de tão formosos versos como todos haviamos lido e decorado no jornal *L'Abeille*, com a poetisa já então premiada com a *Violeta d'ouro* nos *Jogos floraes*, pelo seu donoso poema de *Clemencia Isaura* (e hoje pelo governo de França com uma pensão vitalicia).

Não são tão numerosos na vida os dias agradaveis, que devamos perder a memoria d'elles. Todos os que *Mademoiselle Flaugergues* nos-incantou com a sua presença e com os seus versos, ficaram em nossos corações gravados como saudades indeleveis, e estou que ainda hoje lhe-lembrarão: ¡é tão delicioso para o talento o sentir-se entre quem o apprecie! Na sua primeira visita diligenciei que viesse achar em nossas modestas sallas, quanto lhe-podesse dar gosto, uma sociedade pequena mas capaz de a-intender: testemunhos de amisade cordeal, que lhe-dessem, se é possivel, uma lembrança, uma illusão de sua gente e de sua casa tão remotas; um bom fogão á moda de sua França, uma pouca de musica, particularmente de romances francezes, todas as portas arqueadas de louros e para ella uma corôa de flores: por esta occasião lhe-fiz

uns versos, de que não sei que feito foi, mas sobre os quaes requerendo-lhe eu que m'os-emendasse ella, me-escreveu estes, que, embora vá quebra na modestia, não deixo de copiar do seu livro, onde ella teve a delicadeza de os-inserir sem nomear a quem se-dirigiam.

A M. DE CASTILHO.

RÉPONSE A UNE ÉPITRE.

Lisbonne, décembre 1839.

Tu veux, ó maître de la lyre,
Que je retouche tes beaux vers:
Quoi! le faible ramier qui dans les bois soupire
Doit-il apprendre à l'aigle à planer dans les airs?

L'arbrisseau qui s'incline et qui penche sur l'herbe
Ses rameaux éplorés,
Soutient-il le chêne superbe
Qui va cacher son front dans les cieux azurés?

Moi, je suis le ramier de la verte saulée,
Mon chant n'est qu'un soupir:
Doux roseau, je m'abrite au fond de la vallée,
Tout vent me fait frémir.

Et toi, barde inspiré, nouveau cygne du Tage!
Toi que le ciel regarde avec des yeux d'amour,
Ta gloire illustrera le fortuné rivage
Où tu reçus le jour.

La lyre harmonieuse au burin de l'histoire
Est unie en ta main,
Des temps qui ne sont plus tu nous rends la mémoire,
Tout s'anime à ta voix comme au verbe divin.

Chante! ta voix est douce à toute âme blessée
Qu'attriste un amer souvenir;
Ravie, en t'écoutant, vers le ciel élancée,
Elle appelle et contemple un meilleur avenir!

Charme de l'existence, ô sainte poésie!
Que je te dois d'encens, que je te dois d'amour!
Tu jettes bien des fleurs sur ma pénible vie,
Grâce à toi, dans ma nuit, a lui plus d'un beau jour.

C'est à vous, ô mes vers, à toi mon humble lyre,
Que je dois ces amis que j'apprends à chérir,
Leur gracieux accueil, leur bienveillant sourire,
Leurs hymnes qu'ils daignent m'offrir!

Pauline Flaugergues.

Além dos serões de perfeita intimidade, passados familiarmente em conversação desambiciosa, leituras faceis, e alternada recitação de versos nossos, uma noite me-lembra de que ella me-pareceu summamente satisfeita, porque lhe-dei incontrar reunidos alguns dos nossos principaes talentos, mórmente poeticos, que ella suspirava por conhecer, taes como os Srs. Garrett, Alexandre Herculano, Manuel da Silva Passos, Mendes Leal, Fonseca Magalhães, Antonio Luiz de Seabra, Pereira Marrecos, Silva Tullio, meu irmão Augusto Frederico, &c., &c., foi um banquete de poesia, cuja memoria me-seria tão doce, como a da *festa da primavera* na lapa dos *esteios*, se entre essa e esta não houvessem já decorrido tantos annos, dos que mais invelhecem a alma.

Mas não é razão cançar mais a meus leitores com regalos domesticos impossiveis de repartir. Concluo por agora esta amostra de poesia franceza com os lisongeiros, mas formosos versos, com que Mademoiselle Flaugergues festejou o nascimento do meu primogenito; versos que pelo empenharem a elle em grandes obrigações, com muito melhor vontade ponho aqui, não obstante o poder alguem attribuir-m'o a vangloria.

HOROSCOPE.

Tu Marcellus eris!.....
Virg.

Jeune enfant, tu seras poète!
Déjà, sur ta débile tête,
Je vois, je vois briller le laurier paternel.
Que la muse te donne un baiser fraternel!

En songe elle t'a vu bégayer et sourire....
Tes premiers mots étaient des chants.
Ta petite main rose, en jouant sur la lyre,
Faisait voler des airs touchants.

Enfant, heureux enfant, oui, tu seras poète!
Oui, d'un œil enchanté tes pas suivront l'essor!
Vers toi je vois descendre un ange aux aîles d'or,
Qui, pour ton jeune front, tient la couronne prête.

Que ton heureuse mère, en admirant tes charmes,
Nous entende applaudir à tes premiers essais!
Et vous, à qui j'adresse un *adieu* plein de larmes,
Dites-lui qu'une amie a prédit ses succès!

Pauline Flaugergues.



O COMMERCIO DE CITHERA.

CANÇONETA ATRAVESSADA.

De certo porto da Europa
Sahiram para Cithera
Uma náu e uma galera,
Para o commercio d'amor.

— *Vista grossa* — era o piloto
Da galera — *Extravagancia* —
Da náu por nome — *Constancia* —
Capitão — *Gentil Fervor.* —

Leva a náu a carga de ouro;
Galhardetes a milhares:
Véla ao vento, e proa aos mares,
Vôa, qual vôa o tufão.

A outra a-segue de longe:
Materia grossa e comprida,
Occa, dura e retorcida,
Tomou por carregação.

O nome ninguem pergunte;
Não tem nome no Parnaso:
D'ella se-faz muito vaso,
Businas, pentes, e anneis:

Em brutas testas se-cria.
E é d'esta materia torta,
Segundo Virgilio, a porta,
Que invia os sonhos fieis.

A que devemos ás damas
Delicadeza discreta,
Tapára a boca ao poeta,
Que a-tentasse nomear.

Basta saber que só d'isto
Vai cheia e rasa a galera,
De ouro a náu. Vão a Cithera
Ambas ellas traficar.

« ¡Boa viagem! ¡bom vento!
« ¡Bom negocio, e volta breve! »
Lhes-bradava a turba leve,
Que ao botafóra correu.

Ou n'uma, ou na outra carga,
Todos (*) hiam int'ressados:
Fogem-lhe os nortes alados
Co'o rico thesouro seu.

(*) Cuidado com o *todos*: não se-refira o termo ao genero humano, mas só á turba leve ou leviana de que acima se-fallou.

Vèm e vão os soes e as luas:
Cresce a esp'rança: o medo infia:
Até que emfim rompe o dia,
Que ao longe uns mastros conduz.

« São!... « não são elles!... « são elles! » ...
« Juro!... « aposto!.. » — Assim ferviam;
E já mais perto se-viam
As vélas, crescendo a luz:

Já se conhecem as prôas:
Vem de nereydas cercada,
Vem de flores inramada
A galera triumphal.

Purpurea véla lhe-ondeia;
Tritão troando a-annuncia;
Pela propria mão a-guia
Da espuma a filha immortal.

Segue-a a náu, que vem pendente,
Rombo aberto, e véla rota,
Derreada da derrota,
Vergonhosa, escura, e só.

Deitam ferro, abordam lanchas;
Sobem chusmas d'int'ressados:
« ¿Ganho ou perda? » são seus brados,
Mal tocam no portaló.

« Descei, vinde-o ver, » lhes-tornam
Os da náu e os da galera;
» Nosso commercio em Cithera
» De trocas todo constou: »

« Pontas levava a galera,
» Ouro a náu: por fim de contas,
» Traz ouro quem levou pontas,
» Pontas quem ouro levou. »



SAUDADES DA PATRIA.

POESIA DO DINAMARQUEZ OELENCHLAEGER ACHANDO-SE EM ITALIA.

Traducção.

¡Que estranha viração da tarde é esta!
¡Onde quereis levar-me o pensamento,
Magas fragrancias da florida terra!
¿Onde ides vós? ¿transpondo o mar sem termo,
Ides-me á patria, á minha doce patria?
Se chegais lá, dizei-lhe ¡oh! por piedade!
Lhe-dizei meus occultos sentimentos,
Estas saudades, este mal sem nome
Que tanto no interior me-está doendo.
¡Já por detraz dos penhascosos cumes,
Vermelho sol, te-escondes! ¡e eu cá fico,
N'este êrmo escuro, só! Na minha terra,
Na terra onde eu nasci, não ha taes montes:
Não n'os-ha, não n'os-ha; ¡sou d'ella ausente!
¡Já esta noite no meu bosque de Hertha
Não poderei dormir! Lembra-me ouvi-lo
A um Norueguez; — «os gostos verdadeiros,
« Só a patria em seu gremio os-enthesoura.» —

De rochas morador, filho de Helvecia,
Tu me disseste o mesmo: — « uma saudade
« Terna, viva, piedosa, accesa, sancta
« Vos-chama aos vossos montes costumados. » —
¿ Mas cuidam que só montes nos-attrahem?
D'estes, como de brenhas horrorosas,
Meu animo erradio anda fugindo.
Se do esguio pinheiro ouço o susurro,
¡ Ai! bosques, onde estais, queridos bosques
Da minha patria, exclamo! amenos rios,
Que serpeiam por cá, não geram somno,
Que doce me-descance o pensamento;
Lá, não ha rios, nos meus patrios campos,
É tudo secca argila, areia esteril;
Sim, mas o argênteo azul-celeste
Com abraços d'amor cinge essas terras,
Como extremosa mãe as-nutre, as-beija;
E quasi que no seio entra a brincar-lhe
Co'as formosas florinhas, que lh'o-adornam.
Oh! silencio... silencio!... ouço um barquinho,
Que entre os canaviaes e as sarças densas
Além com o brando zephiro se-embala!
¡ De uma nympha ouço o canto mavioso,
Que bordam sons de cythara! ó mixtura,
O' poesia, ó feitiço d'alva noite!
O' divina, ó suavissima toada!
¿ Coração, que te-falta? e vós, meus olhos,
¡ Vós, lagrimas verteis quando ella esparze

Harmonia, tão meiga aos céos da noite!
¡Lingua formosa é esta! ¡mas quão outra
Da minha patria lingua! ¡estas palavras,
As palavras não são, que outr'ora ouvia
Lá na patria cabana ao réz dos bosques!
Serão phrases mais placidas, mais bellas,
Será mais bello e placido este canto....
¡Perdoai-me se eu choro! perdoai-me
Lagrimas que por si me-estão brotando;
Quem geme não sou eu, geme a saudade!
¡Saudosissima esta agua está manando:
Vai tão serena, tão fagueira a noite!
Já lá no bosque meu, tive horas d'estas:
¡Ai! tive-as! esse o bem que me-invenena!
Deus me-privou de mãe na prima infancia;
Amargo foi o golpe; inda com tudo,
Tinha outra mãe no mundo, é mãe a patria.
¿Ve-la-hei eu nunca mais? fragil, incerta
Corre a nossa existencia em mãos do acaso.
¡Ai! poderei sequer do seu regaço
Mandar aos céos meu ultimo suspiro!



O CEMITERIO CAMPESTRE.

És as vascas do dia, que fenece,
Crepusculo da tarde: o sino ao longe
Diz para a terra — «orae» — diz para os ares
— «Entristecei-vos, que se ausenta o dia!» —
Volve á cabana o rustico; a seus ramos
A ave: ambos os dous convida o somno;
Elle, da escrava lida a repousar-se;
Ella, de liberdade, amor e cantos:
Por toda a creação reina o silencio.
¡Vão-se ao longe no vago do horisonte
Os montes a esvahir! ¡Que pensamentos
N'esta hora tão solemne me-despertas,
Muda estancia da cruz sagrada aos mortos!
Do fadigoso dia aqui descança,
O lavrador com regalado somno,
Que nunca mais o gallo ha-de quebrar-lhe.
Não n'o-distinguem marmores: seu nome
Desceu co'a tumba á terra; e jaz desfeito.
— ¡Salve, ó bosque sombrio dos finados!
¡Salgueiros, que abrigaes co'as pias ramas
Estes da vida ephemeros espolios!

¡ Salve, árido jardim, do somno eterno
Onde só cardo agreste inlaça c'roas
A sepultura rasa em que é nascido!
— ¡ Quantos não pousam n'este campo obscuro,
De virtude maior, mais sã piedade,
Que outros, a quem da honra insignias ornam!
Talvez mais véras lagrimas banhassem
O pinho de seus féretros, que os jaspes,
Com que a deidades vãs, vãos templos se-erguem.
— ¡ Quantas calcam meus pés formosas virgens,
Flores da sua aldeia, a cujas graças
Nunca deram realce o ouro, as joyas!
Fallando, a paz dos céos annunciavam;
Exprimiam dos céos o amor, surrindo.
Inda um amante, um noivo aqui divaga,
Dando seu choro ardente a cinzas frias.
¡ Oh! quando esta mansão me-abrir suas portas,
A mim, tambem seu hospede, ao tristonho
Dobre dos sinos; quando manso e manso,
Ao som dos cantos lugubres, a terra
Me-houver sobrecahido, e eu dispareça......
Aqui tambem vireis, ó meus amigos,
Sobre um ente chorar que vos-foi charo,
E co'o pranto unireis memorias doces!
Aqui, pelo crepusculo da tarde,
Se-hão-de ajunctar as moças aldeanas,
Praticando nos tempos que já foram.
De amores fallarão, de seus prazeres

Doce-amargos, do amante que tiveram,
Dos dotes, das virtudes que o-prendavam.
Então dirão talvez: — « De nós bem perto
« N'este humilde logar jaz um poeta,
« Que a ninguem offendeu, que amava a todos;
« Da virtude e do amor doce fallava,
« E nos-deixou cantigas de ternura. » —
Ledas em derredor do meu sepulchro
Sentar-se-hão; alvo rancho, e minhas trovas
Repetidas irão de bocca em bocca.
E alguma intoará com tom saudoso
Da minha mocidade o melhor canto:
Repeti-lo-hão do cemiterio os echos;
E um doce orvalho affagará meus manes.
Quando por traz da torre d'essa egreja
Começar de surgir vermelha a lua,
A' aldeia volverão, cantando em côro;
E exclamarão, deixando-me — « Descança,
» Bom homem, dorme em paz um somno brando!
« Deus tenha em seu regaço o bom poeta,
« Que a ninguem offendeu, que amava a todos;
« Da virtude e do amor doce fallava,
« E nos-deixou cantigas de ternura. — »



O CAMPANARIO DE FARUM.

POEMETO

Traduzido do dinamarquez de Boye.

Lá onde as aguas placidas do Farum
Se-vão por entre moitas e arvoredos
Amorosas lançar no seio ao lago,
Pacifica sorri formosa aldeia:
Primavera e verão lhe-circumfundem
Um mar, agora verde, agora d'ouro,
De susurrantes trémulas searas.
D'entre a povoação campeia o templo
Que vermelho atravez resahe dos ramos
De sabugueiros e chorões frondosos:
Co'o templo convisinha a residencia
(Antes choça) do parocho singello,
Mal coberta de côlmo ao pé das aguas.
Era noite de outomno tempestuosa,
Fria, medonha; pelos céos as nuvens
Gyravam torvas, rapidas; apenas
A espaços alvejava um raio frouxo
Da perseguida lua.
É noite velha;

Unico o bom do parocho vigia
A' luz de solitario candieiro,
Que do mudo aposento espanca as trevas;
Pousam na aberta biblia os olhos fitos;
Grave meditação lhe-absorve a mente,
Sobre a morte, o peccado, os céos e a vida.
A' cinte o impertinente somno espalha;
Que a uma pobre mulher, em vindo a aurora,
Tem de ir levar piedoso o pão celeste,
Provimento e confôrto á grão viagem.
Ouve uns sons e estremece.... áquellas horas
O sino grande!.... e que toada estranha
Que sahe d'elle!.... estranhissima! não vibra
Como quando o tufão lhe-mette os hombros,
O-recurva, o-balança e manda a espaços
Vãs badaladas aos sumidos echos:
Parece mão subtil que lima o bronze.
Fecha o livro; alevanta-se cuidoso;
Não lhe-põe medo espiritos nocturnos;
Nunca tremeu das infernaes potencias,
Não tem superstições, tem só piedade....
Mas templo e campanario estão desertos!
D'ambos se-fecha a porta ao fim da tarde....
Que é logo esse rumor? convém que o-saiba.
Parte! investe sósinho o cemiterio;
Affoito lhe-atravessa as mortas ruas;
Abre a porta sagrada, e já se-intranha
Na profundez da nave silenciosa,

Mal prateada de furtiva lua:
Pára, escuta... o silencio já não quebram
Sons da torre nenhuns; ergue animoso
A voz rouca, essa voz, que tantas vezes
Deu palido terror ás almas impias.
« ¡Quem ousa perturbar a paz da egreja! »
« Que temerario a pernoitar se-atreve
« No logar sancto! exclama. » Echoa o brado
Pela extensão da abobada soturna,
E recahe tudo em seu primeiro somno.
N'isto um como suspiro eis vem da torre
Estremecer-lhe o ouvido — « ¡Eia! eu t'o-ordeno,
« Quem quer que sejas, apparece! « — Cala,
E escuta..... pela escada uns passos brandos......
Alguem é, que lá desce. Alça na dextra
Tocha, que os passos, trémula, lhe-rege;
Vê vir do côro ao longo alvo minino
Que nas redondas faces não inculca
Mais rosas que de oitava primavera,
Porém essas ao sôpro desbotadas
De alguma pena grande. ¡Que thesouro
Na mãosinha trará que tanto a fecha!
« ¡Não te-infades comigo! » em tom piedoso
O innocentinho diz; depois suspira.
« Não me-castigues por ficar de noite
« Sem licença na egreja. Quando a porta
« Se-abriu para ir tocar ave-marias
« Intrei pé-ante-pé, sem que me-vissem;

« E escondi-me cá dentro; Deus bem sabe
« Que não foi para mal. » — « ¿ E que buscavas
« Do templo n'esta noite tempestuosa? »
Interrompe o pastor maravilhado.
« ¡ Sósinho aqui nas trevas, quando os ventos
« Estremecem bramindo tectos, muros! »
— « Sim, mas a minha mãe » volve o minino
« Jaz ás portas da morte! » — e o choro emtanto
O-suffocava todo. « Animo, ó filho, »
Accode o bom do parocho, « mui grave,
« Bem o-sei, é seu mal; auxilio d'homem
« Pouco póde; mas Deus que póde tudo,
« No abysmo da miseria accode ás vezes;
« D'elle pendem, são d'elle a morte e a vida. »
— « Assim vim eu pensando! » — ¡ Mas deixa-la
« No aperto a que é chegada! » — « É que a ferrugem
« Que se-raspa de um sino á meia noite
« Cura tudo; só hontem m'o-disseram
« Por isso a vim buscar. » -- « ¿Sósinho?» -- «Os outros
« Tinham medo ás phantasmas; que as phantasmas
« São ruins, e de noite é que andam fóra. »
-- « Mas tu não lhes-tens medo? » -- «¡Eu muito! E vi-as
« Do meu cantinho andarem pela egreja
« Todas alvas. Resei a minha resa,
« Sumiram-se: mas logo se-me-ergueram
« Do sepulchro outra vez; algumas d'ellas
« Conheci eu, parece-me: tremia
« Sem as-querer olhar, e olhava-as sempre!

« Quiz tornar a resar; tomou-me o susto,
« Não pude: co'a afflicção cantei aos gritos
« A oração, com que já de pequenino
« Minha mãe me-embalava em seu regaço:
« Entrai, ruins espiritos,
No lume eterno e fosco;
Espiritos angelicos,
Vós ficareis comnosco;
Dareis co'as asas candidas
Abrigo ao vosso irmão.
« Vós sois os primogenitos
De todo o innocentinho;
Para entre nós trouxeste-lo
Do céo, seu patrio ninho;
No valle pois das lagrimas,
Lhe-dai consolação. »
« E eu derramava lagrimas, pensando.. ...
« Na morte..... d'ella. Tomei força, ergui-me,
« Subi; quando eu subia estava dando
« A meia noite, mas não vi mais almas:
« Quando cheguei a cima, e dei co'os olhos
« No céo roto de estrellas, que me-ria
« Das ventanas da torre todas quatro;
« E achei o vento, e percebi lá em baixo
« O ramalhar das arvores; fui outro:
« Parecia-me aquillo huma gaiola,
« E eu dentro hum passarinho a espanejar-me
« Todo contente; vou-me logo ao sino

« E raspo o mugre: vede-lo? esperava
« Que rompesse a manhã: que alguem viesse
« Abrir, para eu correr á nossa casa:
« Que isto ha-de-m'a-salvar, sei-o eu de certo. »
— « Fé, bom mocinho, fé. Deus ama os filhos
« Que assim amam seus paes; e póde tudo.
« Póde mudar, querendo, a noite em dia.
« Que tu és bom sabe elle; as nossas preces
« Sabemos nós que elle ouve e que as-despacha. » —
Diz; e em frente do altar ambos se-prostram.
Emquanto pelas faces mudamente
Lhes-corriam as lagrimas, soava
Como o esvoaçar das regiões celestes
O temporal nocturno; canta o vento
Pelos canudos do orgão: pelo côro
Como que uns hymnos soam: clara a lua,
Na abobada dos céos lampada eterna,
Resplendia; os tocheiros prateados
Se-accenderam per si. — « Partamos, filho,
« Vamos ver tua mãe! Nenhuns phantasmas
« Virão já saltear o teu caminho:
« O que a mão do Senhor com letras de astros
« Escreve n'essa pagina infinita,
« Que por cima de nós se-desinrola,
« Não o-lês tu nem eu: ninguem o alcança,
« Mas, confiar em Deus!.. » — « Sim, vamos, vamos...
« Oh!... se eu confio n'elle!... ¡ oh! se me-alegro...
« ¿ E não sabeis porque? porque esta noite,

« Por diante de mim, quando resava,
« Vi passar uma festa, a mais galante
« Festa, que nunca eu vi: um rancho de anjos,
« Nenhum maior do que eu: mais pequeninos,
« Muitos, e todos muito mais formosos;
« Asas de ouro e de azul; azues os olhos;
« Cabellos de ouro; as boccas todas riso,
« As faces todas rosa, e tão ligeiros,
« Que adivinhei, pois nada me-disseram,
« Que era Deus quem dos céos os-enviava
« A trazer á choupana algum conforto.
« Oh minha boa mãe! partamos. » — Partem,
Lá correm.
Vôo de anjo apoz si deixa
Té os vôos do humano pensamento,
Como ave, que atravessa os ares livres,
Perde de vista a serpe, que entre sarças
Rasteja fadigosa. Mal teria
Dado tres pulsações o alvorotado
Coração do menino, quando os anjos
Pousavam já na terra, eram na choça,
Ventilavam co'as asas de ouro a inferma.
Estes mesmos emtorno ao pequenino,
Sem n'o elle presumir, tinham gyrado,
Em quanto a alva mãosinha ao bronze escuro
Furtava o bento pó: que o som piedoso
De um sino, attrahe, namora, inleva os anjos.
Bafejado nos olhos moribundos

Placido somno, o côro bemfazejo
Já se-era emfim tornado ao patrio empyreo,
Quando o filho e o pastor colhendo o fol'go,
Aberta manso a porta, o pé furtivo
Suspenso, duvidoso, a vista anciosa,
A alma no ouvido, intraram no aposento.
Respirava saude a pobresinha;
Dormia... e tão serena! a luz brilhava
Na candeia, pouco ha, decrepitante
Em moribundas vascas. A infermeira
Descuidosa dormia. Viram sonhos
Andar nos labios pallidos surrindo,
E no int'rior dos dous cantou a esp'rança
Em muda voz seu hymno agradecido.
Pouco tardou que o somno regalado
Se-esvahisse. A ditosa mãe resurge
Agil, vivaz, contente.... e abraça o filho!
Cantar as doces lagrimas de todos,
Harpas dos Seraphins, a vós pertence. (*)

(*) De todas as precedentes traducções do dinamarquez, a unica foi esta em que me-permitti alguma liberdade, não cortando, senão accrescentando, e não no principal senão nos ornamentos accessorios.

O ACALENTAR DA NETA.

XACARA.

Dorme, dorme, minha neta,
Senão não sou tua amiga;
Dorme que eu te-embalo o berço,
E te-canto uma cantiga.

Vai a bella Dona Ausenda
Caminho de Palestina,
Leva traje de romeiro,
Com seu bordão e esclavina.

Dona Ausenda, Dona Ausenda,
Em sabendo que és fugida,
Tua mãe cahirá morta,
E tuas irmãs sem vida.

Pouco importa a Dona Ausenda
Quem na Hispanha morra ou viva;
Vai em busca de sua alma,
Que em Palestina é captiva.

De lá lhe-vieram cartas,
E uma carta lhe-dizia:
« Teu amigo, Dona Ausenda,
« Chora de noite e de dia.

« Ás cadêas não lhe-pesam,
« Pesas-lhe tu, porque scisma
« Que ha de morrer sem mais ver-te,
« Nem ver-te quer na Mourisma. »

Dorme, dorme, minha neta,
E tu, fuso, fia, fia:
Eu canto á minha candêa,
Ao pé da Virgem Maria.

Vendeu joyas e arrecadas
Comprou bordão e esclavina,
E trajada de romeiro
Já demanda a Palestina.

Vai pedindo pelas portas,
Por sóes e chuvas caminha;
Trabalhos não a-quebrantam,
Com elles vai mais asinha.

Uma tarde, era sol posto,
Quando avistou uma ermida,
Era de Nossa Senhora,
Mãe dos homens se-appellida.

Dorme, dorme, minha neta,
E tu, fuso, fia, fia:
Eu canto á minha candêa,
Mercê da Virgem Maria.

Os sóccos descalça á porta,
E ajoelha com fé viva,
Pedindo lhe-restitua
Sua alma que jaz captiva.

Os olhos da Virgem Sancta
Deram mostras de affligida:
Ergueu-se um vento da serra
Que toda tremeu a ermida.

Coitada de Dona Ausenda,
Mais triste sahe, do que vinha:
Cerrou-se-lhe logo a noite;
¡E ella nos bosques sósinha!

Queria andar, e não pôde
Que o grande escuro a-tolhia;
Necessitava incostar-se,
Tinha medo, e não dormia.

N'uma raiz pousa a face,
O corpo em folhas reclina,
Com suas penas conversa,
Coitada da peregrina.

Perdi a terra e o palacio,
Perdi a mãe que lá tinha,
Perco-me agora a mim mesma,
E o que procurando vinha.

D. Giraldo, D. Giraldo,
Só a fé não é perdida,
Pois tu sabes que eu te-adoro,
E eu sei como sou querida.

Peço ao meu anjo da guarda,
Se hei-de aqui ficar perdida,
Que vá levar-te por sonhos
Esta minha despedida.

Assim dizia a formosa
Dona Ausenda de Molina,
E ao dizer *anjo da guarda*,
Lembrou-lhe a irmã pequenina.

Dorme, dorme, minha neta,
E tu, fuso, fia, fia:
Eu canto á minha candêa,
E sou da Virgem Maria.

Então dos olhos cançados
Lhe borbotou a dôr viva,
E ouviu folhas abanadas,
E viu uma luz esquiva.

Logo para aquella parte,
Porque o pavor a-conquista,
Em joelhos com mãos postas
De relance estende a vista.

E viu uma sombra grande,
Que mui de vagar caminha;
Quiz resar, benzeu-se errado,
Não deu co'a salve rainha.

Dorme, dorme, minha neta,
E tu, fuso, fia, fia:
Eu canto á minha candêa,
Guarde-me a Virgem Maria.

O andar do phantasma branco
Nenhum ruido fazia;
Parou, e pôz n'ella os olhos;
Mas eram terra, não vìa.

Estendeu-lhe os braços longos,
E co'uma voz como brisa,
Lhe-diz — « Eu sou D. Giraldo,
« Que em mim já se não divisa.

« Tu buscavas o captivo,
« Eu procuro a peregrina,
« Tua alma quer Deus que esteja
« Co'o meu corpo em Palestina.

« Os nossos anjos da guarda
« Deram palavra sem lingua,
« Que á meiá noite aqui mesmo
« Findaria a nossa mingua.

« Deus, á alma invía um corpo,
« E ao corpo uma alma invia.... »
Já estas finaes palavras
Dona Ausenda não ouvía.

Dorme, dorme, minha neta,
E tu, fuso, fia, fia:
Que eu canto ao pé da candêa,
Que accendo á Virgem Maria.

Tinha dado a meia noite,
E Dona Ausenda cahira:
¡Ai! ¡Jaz morta a Dona Ausenda,
Que tantas penas sentíra!

¿Quem ha-de enterrar seu corpo
N'essa noite desabrida,
Ou quem aos pés da Senhora
A-irá sepultar na ermida?

¡E a alma de D. Giraldo,
Que tão solitaria fica,
Não terá padre que rese,
O que por almas se-applica!

Mas nunca mais na floresta
Nenhuma cousa foi vista:
Os que o sitio tem buscado
Nunca lhe-acharam a pista.

Dorme, dorme, minha neta,
E tu, fuso, fia, fia:
Eu canto á minha candêa,
E reso á Virgem Maria.

N'essa noite, á meia noite,
Indo o septe-estrello acima,
Calou de repente as vozes
Môcho que maguas lastima.

E o gallo, que por taes horas
Com seu canto á resa excita,
Bateu as asas calado
Ao pé do leito do ermita.

Tocou sem mão a sineta,
Abriu-se a porta da ermida,
As velas do altar accesas,
A Senhora mui garrida.

Dorme, dorme, minha neta,
E tu, fuso, fia, fia:
Eu canto á minha candêa,
E vejo a Virgem Maria.

E introu a orar um estranho....
Peregrino, ou peregrina,
Que de tudo dava mostras;
E fallava em Palestina.

Se hia ou vinha, nunca o-disse,
Quando o ermita o-requeria,
Que ora fallava em ser volta,
Ora fallava que se-hia.

E disse: a Deus me-incommenda
Por tres, mais tres e tres dias,
Que ao cabo d'uma novena
Findarão mil agonias.

Ora n'essa mesma noite
Quiz a bondade divina,
Que outra novidade grande
Succedesse em Palestina.

Da cóva de D. Giraldo,
Á meia noite precisa,
Surgiu um corpo defuncto
Que a todos atemorisa.

Dorme, dorme, minha neta,
E tu, fuso, fia, fia:
Eu canto á minha candêa,
Ouça-me a Virgem Maria.

E veiu uma alma voando,
Que pelos ares foi vista,
Nossa Senhora a-guiava,
Vinha-lhe um anjo na pista.

Metteu-se dentro ao finado,
E o finado cobrou vida;
Poz-se co'o anjo a caminho;
A Senhora era já ida.

Como a novena acabava,
Ao cabo do nono dia
Vinha pela ermida entrando
Outro romeiro á porfia.

E este assim como o primeiro
Muito ao velho desatina,
Que tambem não cahe na conta
Se é romeiro ou peregrina.

Os dous romeiros se-olhavam,
E a mãe dos homens surria,
O ermita estava pasmado,
E um padre moço appar'cia.

Por debaixo do roquete,
Que era neve sem mentira,
Relusiam duas asas
Ambas de prata e saphira.

Tomou-lhes as mãos direitas
Com signaes de muita estima,
E disse: *conjungo-vos*:
E poz-lhe a estóla por cima.

Dorme, dorme, minha neta,
E tu, fuso, fia, fia:
Eu canto á minha candêa,
Louvor á Virgem Maria.

Nove annos eram passados,
E apoz nove annos um dia,
Quando ao dar da meia noite
Lá na porta se-batia.

Como se-abriu a capella,
Logo introu por ella acima
Um caixão com dous defunctos,
Todo de obra muito prima.

Dorme, dorme, minha neta,
E tu, fuso, fia, fia:
Eu canto á minha candêa,
E estou co'a Virgem Maria.

Vinham ambos abraçados,
Com mostras de quem dormia,
Com c'rôas de flores brancas,
E ninguem os lá trazia.

Mãos que pegavão á argola
Erão mãos que se não viam,
Nem se inxergava pessoa
Nos cantares que se-ouviam.

Dorme, dorme, minha neta,
E tu, fuso, fia, fia:
Eu canto á minha candêa,
Ao pé da Virgem Maria.

Foi escripta esta memoria
N'uma tabua bem polida,
Que inda agora na Biscaya
Se-vai vêr aquella ermida.

A campa ficou sem nomes;
Mas toda a gente dizia,
Que era Ausenda e D. Giraldo,
Filhos da Virgem Maria.

Por devoção que um e outro
Com o sancto rosario tinha,
Inda por morte casaram,
Sendo a Senhora madrinha.

Dorme, dorme, minha neta,
Que tenho a rocada finda;
Á manhã, querendo a Virgem,
Te-direi outra mais linda.



NA FESTA DE UM BAPTISADO

A 3 DE JANEIRO DE 1843.

Gentil botãosinho de candida rosa,
Que, n'este recanto do mundo tão triste,
Em quadra tão feia, cruel, invernosa,
Aos ares incertos da vida surgiste!

De amores e bençãos, de abraços e beijos
Effeito mimoso, mimoso incentivo;
Gentil botãosinho, por ti mil desejos
Se-vêm transformados no gosto mais vivo.

Viceja, e te-exalça, prospéra, e floresce;
Para ti as horas se-hão feito douradas:
E o mystico orvalho, que sobre ti desce,
Promette virtudes e prosperas fadas.

Mas ah! quem soubera, formoso innocente,
Soletrar dos fados os livros escuros!
E aos paes, aos amigos, expôr claramente
De que hão-de ser cheios teus amplos futuros!

De que altos prazeres, de que intimas glorias
Se não accendêra mais de um coração!
Mas quem do passado mal crê nas historias,
De ler *buenas-dichas* não tem presumpção.

O mais que me-é dado farei n'este dia;
Á tua saude farei mil saudes;
E votos ao anjo que a infancia vigia,
Para que te-inspire seu genio e virtudes.



EPIGRAMMA.

André Pinto andar não póde;
Manda medico chamar;
Chega o Medico.... receita....
¡E André Pinto põe-se a andar!



A FRANCISCO DE ASSIZ RODRIGUES.

EPISTOLA.

O' tu, que a sciencia, que o genio dirigem,
O' novo, piedoso, melhor Prometheu;
O fogo, que accendes no céo, sua origem,
Por ti á materia de novo desceu.

Tu dizes á terra : — « ¡levanta-te humana! »
E a terra, lembrada da mão do Senhor,
Converte-se em homem, levanta-se ufana,
E exprime os affectos do seu creador.

Á pedra de Paros tu dizes : — « ¡ sê viva ! »
A pedra estremece, resôa.... accordou!
O véo desparece da nayade esquiva;
E o pêjo lhe-veda dizer-te « aqui estou. »

O sol namorado surri-lhe á lindeza,
Lhe-apura delicias em candida luz,
Admira-lhe o immovel da trança não prêsa :
Da urna lhe-espera torrentes a flux.

Suspiram mancebos, suspiram donzellas
Contrarios pezares ao ver a immortal;
Uns, só de que o mundo não crie eguaes bellas;
As outras, de que a arte creasse uma egual.

Com tantos prodigios tu mesmo incantado
Ordenas ao bronze, que intôe canções;
Já arde, já ferve, já brilha c'roado
De louros eternos, o eterno Camões.

¡Oh! basta! ir avante seria já crime;
Oh! basta! que usurpas do vate o laurel.
Descança contente do arrojo sublime,
E faze pedaços o altivo cinzel....

¡Mas não! de heroes lusos a turba agitada
Te-assalta nos sonhos, te-aponta o porvir,
Te-pede mais glorias, te-impelle e te-brada,
Que alfim dos sepulchros os-faças surgir.

Não há resistir-lhes: é Vasco da Gama,
É Castro, o de Diu terrivel Heitor,
E o nume Albuquerque, por quem inda chama
A aurora, viuva de tanto esplendor:

É Sancho, que aos louros inlaça a oliveira,
E escuda os vencidos co'a espada real:
São mil outros lustres da historia guerreira,
Indígetes numes do teu Portugal.

¡Em Pantheon sacro mudou-se a officina!
¡Povôa-a congresso tremendo, sem par!
¡Que nomes! ¡que rostos!.... A inveja se-inclina,
Se-prostra em joelhos, forçada a adorar.

¡Ditoso cem vezes, ó tu, que das fadas
Condão de prodigios lograste ao nascer!
¡Que extrahes tuas glorias das glorias passadas,
Do goso triumphos, da lida prazer!

¡Que alegre e ditoso não vives entre este
Congresso, obra tua, teu socio, amor teu,
Que as vezes te-suppre dos paes que perdeste,
De filhos, de esposa, que o céo te não deu!

¡Eis tua familia! velhice, nem morte
Não hão-de em seus membros ferir-te jámais;
Por elles ao menos triumphas da sorte,
E já dos vindoiros o applauso escutais.

Se as leis se-transformam, se ha paz, se arde a
Se o povo é tyranno, se aos reis beija os pés, (guerra,
Se vai dia ou noite na face da terra,
Não sabes, não curas; do mundo não és.

Os vivas, os morras, por perto, por longe,
Surrindo e scismando, mal sentes passar,
Qual sonha céos e anjos o tacito monge,
Na cóva, ao murmurio do vento e do mar.

¡Tudo isso que estruge.... revolve-se e expira,
As vagas das turbas, do oceano o escarceo!
E a obra indiff'rente, que o genio te-inspira,
Resiste; e sem termo rirá sob o céo.

¡Que de ouro, que tempo, talvez que desgraças
Não foram já paga de ephemeras leis!
Emquanto a flôr marmor, que cinges ás graças,
Verá desfôlhar-se mil c'rôas de reis.

¡Que digo! altas glorias, socego, prazeres
Não são, não são esses, teus unicos bens.
Do amor ás virtudes, do affêrro aos deveres
Tu crias modelos e oraculos tens.

Com cada gigante, que avivas á gloria,
Conversas, estuda-lo, embebe-lo em ti;
Depois, em seu rosto cifrando uma historia,
Tua alma o-contempla; vos-mede, e surri.

Assim bronze, e pedras, assim troncos rudes,
Que estão povoando teu mundo de paz,
Quaes tu lh'as-emprestas, te-imprimem virtudes;
E a vida te-esmaltam, se vida lhes-dás.

¡Amigo, que sorte brilhante e quieta!
¡Que palmas sem odios! ¡que placido ermar!
¡Amigo, que invejas sentira o poeta,
Se a terna amizade soubera invejar!

¡Oh! quem pelo escopro trocasse esta lyra,
E o sol reaccendesse que a infancia me-incheu!
Teu canto de mármor, que invejas inspira,
Talvez que irmão émulo achasse no meu.

Das artes o genio, teu mestre, o grão Castro,
Ao ver meus brinquedos, fadou-me esculptor:
Por sobre o meu berço lusiu pois o astro
Que te-enche a existencia de raro fulgor.

Fatidico o velho sondára a minh'alma;
Quanto elle augurava, sinto eu dentro em mim.
Artista, cingira-te, ó Lysia, uma palma,
Que houvera zombado dos tempos; ¡ oh! sim.

¡Oh! sim! ¡que a-cingira! que o fogo d'artista
Baldado inda aos pulsos, e á mente me-vem.
Dos Castros, Thorwaldsens, e Phydias na lista,
O meu, qual teu nome, se-lêra tambem.

¡ Sim, sim! ¡que de glorias!... lembrança impor-
Não mais me-persigas, me-tentes em vão! (tuna,
Typheo, com montanhas me-opprime a fortuna;
Aos sins, que murmuro, responde ella: não!

Miserrimo Tantalo, os fructos, e as aguas,
Faminto, sedento, jámais tocarás.
Não olhes essa arvore; esquece tuas maguas;
E ao som vê se dormes do rio fugaz.

De inglorio sepulchro nas trevas avaras
Expira, ó minh'alma, rebelde vestal:
Ser mãe, ser ditosa, ser nume sonháras
E esteril teu fado do amor foi rival.

Venceu-te, sumiu-te, perece ignorada,
Não és a primeira que a sorte desfez.
¿¡Não vês tanta perla no mar sepultada;
No germen extinctas mil plantas não vês!?

Resigna-te e morre. No tronco silvestre,
Nas penhas, do raio pulvereos tropheos,
Continha-se o olympo, se o escopro do mestre
Chegasse primeiro que a furia dos ceos.

¡E é esta cabeça, de louros despida,
De quem tu, c'roado, te-apiadas, te-does!
¡E esta a quem prodigo off'reces a vida
Que eterna e brilhante só cabe aos heroes!

¿Porque? ¿porque alivio de exilio amargoso
Uma harpa saudosa me-sôa entre as mãos?
¿Porque? ¿porque as penas da mente repouso,
Aos proximos échos mandando uns sons vãos?

Suspende, suspende; Camões esculpiste,
Camões redivivo nos-olha: não vês?
Do empenho sacrilego a tempo desiste:
O que é dos Elysios ao Lethes não dês.

É tarde: a mão ignea, que a subitas lavra
Sem conto os portentos e a minha apertou,
Correu mais ligeira que a solta palavra;
Não pude retê-la no vôo.... acabou.

Eterno me-has feito: ¿mas dize-me, que ha-de,
Ao ver-me entre numes, dizer o porvir?
Que á explendida gloria, que á doce amizade,
Pontifice de ambas, soubeste servir.





INDICE.

FIM DO INDICE.

Rio de Janeiro, 1846. Typ. Universal de LAEMMERT, rua do Lavradio, 53.



966.3
acoes poeticas,
er Library
002958578
2044 080 822 307